



## INDEPENDÊNCIA FINANCEIRA

# Cada vez mais paraibanos deixam o Bolsa Família

Aumento da renda motivou a retirada de 28 mil pessoas do programa social, em julho. **Página 5**

### Belo chega aos 94 anos com foco no futuro

Time paraibano, 30 vezes campeão estadual, realiza investimentos em busca do protagonismo no futebol nacional.

**Página 21**

### Anita Leocádia analisa a crise do capitalismo

Historiadora, filha de Olga Benário e Luís Carlos Prestes promove reflexões sobre o cenário global e faz críticas à esquerda.

**Página 4**

### Projetos monitoram os níveis de poluição enfrentados pelo Rio Jaguaribe

Intuito é promover a restauração e a requalificação de moradias na região, transformando a área em um parque linear.

**Página 20**

### Música, poesia e causos se misturam em show no Teatro Paulo Pontes

“Palavra em Cantoria” reúne Jessier Quirino, Maciel Melo e Nonato Neto, hoje, a partir das 19h. Ingressos a partir de R\$ 80.

**Página 9**

### Tijolo ecológico é alternativa sustentável nas construções

Fabricados com materiais reciclados, blocos dispensam reboco, evitam desperdício e promovem maior conforto térmico e acústico.

**Página 17**

Foto: Emmanuelle Mesquita/Arquivo pessoal



■ “Sou dos que sonham com o progresso desta mimosa e saudável cidade. Uma cidade diferente, que ainda cheira a mato. E que não nos deixa passar em branco com suas cássias”.

Gonzaga Rodrigues

**Página 2**

■ “Ninguém pode negar que a dicção lírica do poeta paraibano se confronta com essas vozes que vêm da ciência, da filosofia, das artes e das letras. Augusto edificou seu monumento literário”.

Hildeberto Barbosa Filho

**Página 11**

Foto: Divulgação/Sebrae-PB



### Roteiro une natureza e cultura indígena

Passando por Rio Tinto, Marcação, Baía da Traição e Mataraca, a Rota Terra dos Potiguaras reúne trilhas, manguezais, rituais e sabores ancestrais do Litoral Norte paraibano.

**Página 8**

### Conteúdos de baixa qualidade na internet causam prejuízos à saúde mental e cognitiva

Reportagem especial debate os impactos gerados no indivíduo pelo consumo excessivo de informações triviais nos meios digitais.

**Páginas 29 a 32**



Ninguém precisa suportar tudo sozinho. **BUSQUE AJUDA.**

EPC



Ilustração: Bruno Chirossi

# Editorial

## A escola e o celular

Os produtos dos avanços tecnológicos têm o poder de facilitar a vida, no sentido, por exemplo, de uma maior praticidade, mas também de gerar muitos problemas. Veja-se o caso do plástico, que tornou mais fácil a embalagem e o transporte de uma infinidade de artigos, mas, por outro lado, é considerado hoje um dos inimigos públicos número 1 do meio ambiente, dando muita dor de cabeça às instituições defensoras da natureza.

O telefone celular revolucionou a comunicação interpessoal, com forte impacto nas relações sociais; no entanto, também deu origem a muitos problemas, afetando, por exemplo, o desempenho escolar de crianças e adolescentes. O uso comedido de todas as coisas parece ser o caminho mais sensato a ser trilhado, para que os excessos não continuem relativizando, no sentido negativo da palavra, as conquistas da ciência e da tecnologia.

No caso do telefone, reportagem publicada pela Agência Brasil deu conta de que mais de 80% dos estudantes brasileiros declararam que passaram a prestar mais atenção nas aulas depois da restrição ao uso de celulares em salas de aula. A fonte da informação foi a pesquisa conduzida pela Frente Parlamentar Mista da Educação, em parceria com o Equidade.info, uma iniciativa do Lemann Center, da Stanford Graduate School of Education.

O impacto positivo da limitação do uso de celulares no ambiente escolar foi mais significativo nos anos iniciais do Ensino Fundamental I, com 88% declarando que prestam mais atenção nas aulas após as ações restritivas. Já no Ensino Médio, 70% dos estudantes também observaram mudanças para melhor sem os celulares. Ou seja, faz-se necessário acompanhar de perto os novos hábitos, para evitar surpresas desagradáveis.

O estudo em tela revelou, ainda, que 77% dos gestores e 65% dos professores constataram que o índice de *bullying* virtual diminuiu dentro das escolas. Já no que diz respeito aos estudantes, apenas 41% deles confirmaram que sentiram essa mudança, sinal evidente de que parte dos conflitos ou não está sendo relatado pelos alunos, ou há ignorância dos corpos diretores e docentes com relação às intimidações por meio de celulares.

Outro dado relevante da pesquisa é o alto índice de alunos que confessaram sentir tédio durante os intervalos e os recreios, pelo fato de não poderem usar celulares também nesses períodos. Isso abre uma nova perspectiva para a análise da questão, que seria a de encontrar alternativas que tornem a vida escolar mais evolutiva, tanto no sentido do aprendizado em si quanto no da convivência harmoniosa entre o alunado.

## Artigo

Rui Leitão  
iurleitao@hotmail.com

### Carlos Lacerda: o “demolidor de presidentes”

Não há como falar da história política brasileira sem dedicar atenção ao protagonismo de um personagem que marcou os momentos de grandes transformações do século 20: o jornalista e político Carlos Lacerda. Notabilizou-se por sua participação em episódios decisivos, sempre cercado de polêmicas, realizando ataques políticos e pessoais contra seus adversários.

A partir de 1945, destacou-se como uma liderança carismática, caracterizada pela veemência no combate aos governos videntes. Essa postura lhe rendeu a fama de promotor de movimentos golpistas. Usava o jornalismo como instrumento para desconstruir a imagem de figuras importantes da cena política nacional. Dono de uma oratória brilhante, porém agressiva, exerceu forte influência no período em que viveu, conquistando o apelido de “demolidor de presidentes” — por ter contribuído para a queda de cinco chefes de Estado: Getúlio Vargas (duas vezes), Carlos Luz, Café Filho, Jânio Quadros e João Goulart.

Carioca, descendente de tradicional família política de Vassouras (RJ), iniciou a carreira jornalística ainda jovem, no Diário de Notícias. Em 22 de abril de 1945, publicou no Correio da Manhã uma entrevista com José Américo de Almeida, que ganhou repercussão nacional, por trazer duras críticas ao regime ditatorial de Vargas. Aproximou-se do comunismo, mas logo rompeu com ele, convertendo-se ao catolicismo. Em 1947 ingressou na política, elegendendo-se vereador no então Distrito Federal (Rio de Janeiro) pela União Democrática Nacional (UDN). Nesse período fundou o jornal Tribuna da Imprensa, transformando-o em sua trincheira para atacar opositores.

O contundente poder verbal de Lacerda, expresso em críticas violentas a Vargas, Juscelino Kubitschek e Jânio Quadros, lhe valeu o apelido de “O Corvo”, em referência ao tom conspiratório de sua atuação. Apoiou o movimento militar de 1964, acreditando que, após a derrubada da esquerda, os militares devolveriam o poder aos civis — a ele, em especial. No entanto, dois anos depois, decepcionado, articulou com ex-adversários, como João Goulart e JK, a Frente Ampla, em oposição ao regi-

me militar. Foi preso e cassado após a edição do AI-5, encerrando sua vida pública e frustrando o sonho de chegar à Presidência da República.

Uma frase sua, célebre e reveladora do espírito golpista, referindo-se a Vargas, sintetiza sua postura:

“O sr. Getúlio Vargas não deve ser candidato à Presidência. Candidato, não deve ser eleito. Eleito, não deve tomar posse. Empossado, devemos recorrer à revolução para impedi-lo de governar”.

Lacerda foi o principal articulador da campanha midiática que pressionou Getúlio Vargas e acabou por precipitar seu suicídio, em agosto de 1954.

Considerado por muitos como o que de mais sofisticado a direita brasileira produziu em termos de eloquência e estrutura intelectual, Lacerda era, ao mesmo tempo, amado e odiado. Em 1975, recebeu uma carta de Carlos Drummond de Andrade, que escreveu: “Ninguém é indiferente ao *charmeur* irresistível que você é, e mesmo os que dizem detestá-lo, no fundo gostam de você. Gostam pelo avesso, mas gostam”.

Carlos Lacerda faleceu em 1977, aos 63 anos, vítima de complicações cardíacas.

“

**Lacerda foi o principal articulador da campanha midiática que pressionou Getúlio Vargas e acabou por precipitar seu suicídio**

## Foto Legenda

João Pedrosa



Atracados

## Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

### O panorâmico Cabo Branco

Roberto Guedes, um dos fotógrafos deste jornal, arranca-me da preguiça, do cansaço de quem faz a mesma coisa há setenta anos, e tange-me com seu clique aos pináculos mais altos e agudos onde trepa e se deita a João Pessoa de hoje. Não dá para contar os andares. E não há mais a menor possibilidade de ser diferente. Fechou o horizonte para quem fica do lado de cá.

Ontem, tentando sair de uma telenovela do canal em que vinha ligado, dou com uma entrevista local, em que um casal saído aos brilhos de algum salão de beleza, o varão sob os mesmos cuidados estéticos da patroa, a presidir a inauguração de uma dessas iluminadas pirâmides de luxo em que se instalam, hoje, as famílias dessa linha, os negócios e serviços. Numa ida ao médico, há poucos dias, fiquei sem saber como largar o piso e entrar no elevador. Felizmente veio um moço com farda do Vaticano a nos conduzir a um sensor ótico e daí ao elevador. Mas, pelo que vi e do pouco que consegui ouvir da entrevista, a obra que entregavam é coisa de fazer inveja aos Jardins paulistas.

Sou dos que sonham e sonham com o progresso desta mimosa e saudável cidade. Uma cidade diferente, que ainda cheira a mata. E que, se não goza de uma primavera tão florida como a dos climas temperados, não nos deixa passar em branco com os seus paus d'arcos, suas cássias, seus *flamboyants* e jambeiros a atapeparem os parques e ruas em torno da Lagoa.

Tem sido uma luta manter a mata original que os seus rios e riachos sustentam por conta própria, sem auxílio do morador que pouco tem se importado com o trato dessas águas. O Clube Cabo Branco pertence a esta cidade que as leis do patrimônio vêm conseguindo preservar. Ainda nesta semana, o Ministério Público, sob mão forte da Constituição de 1988, que garante seus poderes, manteve o respeito ao gabarito consagrado no tempo de João Agripino. Tempo em que, da vista panorâmica do Esporte Clube Cabo Branco, tínhamos

o oceano em toda sua largura como a panorâmica do clube.

A foto de Roberto Guedes sintetiza espantosamente a mudança drástica não só da paisagem, mas da mentalidade ou do lado de dentro do pessoense. Fisicamente, o clube sumiu, não existe, não conta. Do ângulo em que foi tirada, de um dos lados da piscina com foco na barreira do Miramar, não há mais mira-mar. E, para não haver no espírito, é meio caminho andado.

Mas, antes que a barreira de arranha-céus roubasse a panorâmica do clube, o Nordeste inteiro, a partir da Bahia, já se despedia dos quintais, mangueiras, do caminho antigo das calçadas que as gestões municipais ornamentavam com ladrilhos do tipo Copacabana. Recife Novo fechava sua Boa Viagem aos olhos do Recife Velho, enquanto Damásio Franca, Higino Brito, Mário Faraco se empenhavam em dar à nossa cidade e à sua elite o mais belo mirante de sua vida social.

### SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



**William Costa**  
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

**Naná Garcez de Castro Dória**  
DIRETORA PRESIDENTE

**Amanda Mendes Lacerda**  
DIRETORA ADMINISTRATIVA,  
FINANCEIRA E DE PESSOAS

**Rui Leitão**  
DIRETOR DE RÁDIO E TV

**A UNIÃO**  
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

**Gisa Veiga**  
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

**Renata Ferreira**  
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500

E-mail: [circulacao@epc.pb.gov.br](mailto:circulacao@epc.pb.gov.br) (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual ..... R\$385,00 / Semestral ..... R\$192,50 / Número Atrasado ..... R\$3,30

CONTATO: [redacao@epc.pb.gov.br](mailto:redacao@epc.pb.gov.br) / [ouvidoria@epc.pb.gov.br](mailto:ouvidoria@epc.pb.gov.br)

NAS ESCOLAS ESTADUAIS

# Governo investe em robótica e alunos ganham prêmios

De 2019 a 2025, foram aplicados R\$ 40 milhões em kits e laboratórios

Lilian Viana  
 lilian.vianacanauca@gmail.com

Há quem diga que o futuro já chegou, mas, na Paraíba, ele se constrói peça por peça, fio por fio, dentro das salas de aula. Onde antes só havia carteiras, quadros e giz, hoje brilham kits de robótica, computadores e laboratórios capazes de transformar a imaginação dos estudantes em movimento, luz e inovação.

A robótica, que um dia parecia distante, restrita a universidades ou centros de pesquisa, tornou-se uma oportunidade de mudança de vida e de intercâmbio internacional para jovens da rede pública.

A chegada dessa transformação não foi por acaso. Desde 2019, o Governo do Estado da Paraíba tem ampliado seus investimentos em ciência, tecnologia e inovação, enxergando na robótica um instrumento estratégico para democratizar oportunidades. De 2019 a 2025, foram aplicados mais de R\$ 700 milhões em projetos ligados à área, sendo R\$ 40 milhões apenas para a entrega de kits e laboratórios de robótica às escolas públicas. “Em 2024, foram entregues 240 laboratórios a unidades de ensino em tempo integral, e já contabilizamos mais de oito mil itens distribuídos para 527 escolas, entre computadores e kits”, detalhou Fagner Ribeiro, coordenador de Robótica da Secretaria Estadual de Ciência e Tecnologia e representante estadual da Olimpíada Brasileira de Robótica (OBR).

Segundo Fagner, a Paraíba vem se consolidando como um verdadeiro celeiro de talentos. “O diferencial do estado está na combinação entre investimento, formações sistemáticas para professores e um ecossistema de competições que garante continuidade. Essa engrenagem gera resultados: nossos alunos participam da Olimpíada Brasileira de Robótica, da Competição Paraibana e até da RoboCup, que reúne estudantes do mundo inteiro”, destaca.

Esses investimentos já se refletem em conquistas expressivas. Em abril deste ano, por exemplo, uma equipe da Escola Cidadã Integral Técnica (Ecit) Monsenhor Pedro Anísio, no Bairro dos Ipês, em João Pessoa, representou o Brasil na RoboCupJunior Super-Regional Américas, nos Estados Unidos, sendo a única escola pública brasileira a participar do evento e, recentemente, foi premiada, novamente, na Olimpíada Brasileira de Robótica, etapa estadual, na modalidade Simulação da OBR.

A escola também garantiu três premiações, no início deste mês, na International Tournament of Robots, realizado no Chile: o primeiro e o segundo lugar na modalidade Dança Avançada; o segundo lugar em Viagem ao Centro da Terra, uma prova de alta complexidade, que envolve a navegação de robôs por labirintos; e a primeira col-



Foto: Roberto Guedes

A equipe da Ecit Monsenhor Pedro Anísio, em João Pessoa, já ganhou várias competições

cação na competição de Cabo de Guerra, além de assegurar o segundo lugar em Resgate de Alto Risco, uma das categorias mais desafiadoras da competição.

## Projeto de vida

Na Escola Cidadã Integral Técnica (Ecit) Monsenhor Pedro Anísio, em João Pessoa, a rotina escolar ganhou novos contornos desde a chegada dos kits de robótica. Hoje, entre cabos, sensores e motores, alunos e professores transformam o aprendizado em desafios concretos e descobertas que, muitas vezes, ultrapassam os muros da escola.

O professor Crismarques Ferreira, com formação em Tecnologia da Informação e em Tecnologias Educacionais, lembra que tudo começou em 2023, com apenas três alunos. “Hoje, já são cerca de 30! O diferencial da nossa escola é o tempo de dedicação deles. A robótica aqui não é só uma aula na semana, é um projeto de vida. Os meninos treinam à tarde, à noite, nos fins de semana. É uma entrega que transforma”, complementa. Para ele, a grande virada é perceber que a pro-

gramação deixa de ser algo distante. “Hoje, temos alunos que dominam três ou quatro linguagens e já chegam prontos ao Ensino Superior”, complementa com um sorriso de “canto a canto”.

O colega de equipe, professor Heronides Anísio — com formação em Tecnologia da Informação, Matemática Computacional e Ciência de Dados — reforça que o crescimento é mútuo. “Eu ensino a técnica de construção, mas eles sempre trazem novidades, inovações. Não sou só eu ajudando, é um processo de aprendizado conjunto. Crescemos juntos todos os dias”, disse.

Já a diretora Miriam Bisognini emociona-se ao lembrar como os estudantes já transformaram a realidade da escola. “Nós não tínhamos cabeamento de internet, e foram os próprios alunos que fizeram. Cabo por cabo, eles montaram tudo. A robótica exige disciplina, persistência e dedicação. Muitos passam mais tempo na escola do que em casa, mas isso tem refletido também em melhorias nas demais disciplinas”, conta.

Para ela, o projeto vai além

da técnica: “Os alunos que viajam para competições precisam estar com boas notas em todas as matérias. Fazemos questão dessa integração com a BNCC, porque a robótica ensina, mas também depende do português, da matemática, da interpretação. É um esforço coletivo”.

O reflexo desse esforço é visto nos corredores da escola. João Pedro, 16 anos, já coleciona viagens e títulos. “Já fui duas vezes para São Paulo e duas para o Chile. Também participei da RoboCup nos Estados Unidos. É pressão, mas também união. A gente aprende muito, faz amigos e percebe que pode chegar longe. Quero seguir no curso de Desenvolvimento de Software, na UEPB, para continuar esse caminho”, planeja.

A colega Rany Luane, 17 anos, também comemora as oportunidades. “Entre em 2024 e nunca imaginei sair do país. Hoje, já fui ao Chile e aos Estados Unidos só por causa da robótica. Às vezes, nem acredito. Pretendo seguir em Exatas, em Análise e Desenvolvimento de Sistemas. A cada dia, aprendemos algo novo”, comemora.

## Projeto Limite do Visível abre as portas para universitários

Se nas escolas de tempo integral a robótica já se consolidou como ferramenta pedagógica e transformadora, no Ensino Superior a Paraíba também colhe frutos de um investimento inédito. Criado em 2023, o Projeto Limite do Visível é hoje uma das principais portas de entrada para que universitários possam desenvolver pesquisas, participar de competições internacionais e se preparar para o mercado de tecnologia com dedicação exclusiva.

O programa concede bolsas de estudo a jovens em cursos ligados à inovação, permitindo que eles não precisem conciliar a vida acadêmica com empregos de meio período. Com isso, ganham tempo e estrutura para se dedicar integralmente a pesquisas, prototipagem e participação em eventos de ciência e robótica.

É uma ponte entre a escola, a universidade e o mercado de trabalho. A estratégia, inclusive, já trouxe resultados. Recentemente, equipes apoiadas pelo programa conquistaram três troféus inéditos no International Tournament of Robots, realizado no Chile, além de destaque em hackathons, maratonas de programação.

O estudante Luan Laurentino, de 19 anos, hoje no quarto período de Desenvolvimento de Sistemas na UEPB, é um dos beneficiados. Ele conheceu o projeto ainda na escola, por meio de professores da Ecit José Guedes Cavalcanti, em Cabedelo, onde participou de competições de robótica. “O valor da bolsa me ajuda muito em não precisar trabalhar, assim posso focar totalmente nos estudos e na pesquisa. Sem esse apoio, talvez eu tivesse que parar

ou desacelerar a faculdade. O projeto mudou minha vida”, contou.

Luan lembra que uma das experiências mais marcantes foi participar de um hackathon internacional, ao lado de colegas que não conhecia. “Foi desafiador, mas aprendemos a nos comunicar, a trabalhar em equipe, a desenvolver um projeto do zero. Essa convivência é o que mais levo comigo”, disse. O estudante também destaca o aprendizado proporcionado pelas viagens custeadas pelo programa. “Conhecer novas culturas, outras formas de trabalhar com tecnologia, ampliou minha visão de futuro. Hoje, quero seguir na área de automação de máquinas e mecânica industrial. É algo que nasceu na escola com a robótica, mas que o projeto ajudou a amadurecer”, resalta.

# Eduardo Augusto

eduardomelosocial@gmail.com

## Os livros que não podemos ler

Existem livros que são portas. A gente os abre e é imediatamente sugado para um mundo de cores vivas, onde os rios correm com água de mel e os dragões são domesticáveis. São livros-conforto, livros-abraço, que nos aquecem a alma nos dias cinzentos. Suas páginas cheiram a terra molhada depois da chuva, a pão saindo do forno. Eles são o refúgio.

Mas, escondidas nas prateleiras mais empoeiradas das bibliotecas reais e da nossa imaginação, existem outras obras. Livros que são fechaduras, trancadas a sete chaves, e nossa curiosidade mórbida é a chave mestra que insiste em mexer na fechadura. Eles não nos convidam; eles nos desafiam. São volumes encadernados em couro que parece ter sido tirado de uma criatura desconhecida, com títulos em letras gastas que sussurram promessas de conhecimento proibido.

Falo dos livros que dão medo. E, mais do que isso, dos livros que nem sequer existem — a não ser entre as linhas de outras histórias. O mais famoso deles, claro, é o “Necronomicon”, aquele inventado pelo genial H. P. Lovecraft. Quantos de nós, em noites insones, não imaginou sua textura áspera, o cheiro de mofo e eras esquecidas, o terror ancestral que emana de suas páginas escritas em caracteres que não são deste mundo? Ele é mais real em sua ausência do que muitos livros de capa dura que temos na estante. Sua mera menção é suficiente para acender uma luz de cautela e fascínio em nossos olhos.

E não é só ele. São os grimórios de magia negra, os manuais de alquimia que prometem a transmutação da alma a um preço terrível, os diários de exploradores que encontraram civilizações monstruosas sob as ruínas de cidades perdidas. São livros inventados por mentes perturbadas — no bom sentido literário — para nos dar aquele calafrio delicioso. Eles são a materialização do aviso: “Alguns segredos não foram feitos para serem descobertos”.

O curioso é que não conseguimos desgrudar os olhos. Há um magnetismo macabro na ideia de um conhecimento

tão poderoso e tão perigoso. É o mesmo impulso que nos faz olhar para o abismo, querendo ouvir seu eco. Ler sobre estes livros que não existem é uma forma segura de brincar com o fogo sem se queimar. Sentimos a pele arripiar quando o personagem, contra todos os avisos, decifra a fórmula final ou invoca o nome que não deve ser pronunciado.

Talvez o verdadeiro terror não esteja no monstro que é invocado, mas no ato de ler *itself*, no poder que as palavras têm de desmontar a realidade que conhecemos. Um livro comum pode nos fazer chorar ou rir. Um desses livros — os que só vivem nas entrelinhas — ameaça desfazer as costuras da lógica e da sanidade. Eles são a prova máxima de que a imaginação humana é o território mais fértil para o medo, e também para o maravilhamento.

No fim das contas, a biblioteca universal tem duas alas inseparáveis: a da luz, cheia de histórias de esperança; e a das sombras, onde repousam, quietinhos mas nunca silenciosos, os livros que nos sussurram que a noite esconde mais coisas do que podemos compreender. E, secretamente, somos gratos que eles permaneçam confinados às páginas de ficção, para que nossa curiosidade possa vagar por seus corredores proibidos, sempre com a segurança de poder fechar o livro e voltar para a luz.



## Anita Leocádia Benário Prestes

Historiadora

# “Intentona’ é depreciativo. Foram levantes antifascistas que aconteceram”

Em entrevista, Anita fala sobre o contexto global de regimes autoritários e imperialistas, além da crise do capitalismo

Marcos Thomaz  
Especial para A União  
Emerson da Cunha  
emersoncsousa@gmail.com

A história de seu nascimento daria filme — como já deu. “Olga” (2004), filme de Jayme Monjardim baseado na obra de Fernando Morais, passeia sobre a vida de Olga Benário Prestes, e não poderia deixar de tratar de sua prisão e deportação para a Alemanha nazista. Naquele momento, ela gestava a vida de Anita Leocádia Benário Prestes, sua filha com o revolucionário Luís Carlos Prestes, historiadora hoje com 88 anos de idade. Nascida em meio a presídios, Anita, ainda criança, precisaria de campanha internacional para voltar à família no Brasil, e conheceria o pai apenas aos sete anos. Ao longo da vida, tornou-se fundamental historiadora da Coluna Prestes e do pai, mas também crítica das esquerdas no Brasil e no mundo. No mês de deportação de sua mãe para a Alemanha, o programa Tabajara Conta a História, com participação d’A União, revisitou com Anita suas visões sobre o contexto global de regimes autoritários e imperialistas, a crise do capitalismo e as lacunas e erros da história dita oficial.

## Entrevista

■ *Esses ecos autoritários e nazifascistas do passado com a atualidade ecoam aos quatro cantos do mundo. Qual a sensação disso em ti? Há um pouco de déjà vu de esforço despreendido por tantos e em especial sua família? Há uma sensação de que episodicamente isso teria sido em vão?*

Não, de jeito nenhum. A luta é longa e difícil. Não acho que o que está acontecendo hoje é repetição do passado. Sigo muito uma das teses importantes do teórico do marxismo e revolucionário russo [Vladimir] Lênin de que, para entender uma situação histórica concreta, é necessária análise concreta da situação concreta. Então, as situações e os acontecimentos são diferentes. Um aspecto ou outro superficial pode lembrar. A luta é longa, feita de vitórias e derrotas. Para ter vitória final, é demorado, complicado, tem muitos fatores, então eu acho que não foi nada em vão. Tudo isso são forças se acumulando dentro disso tudo, acontecendo derrotas também, não só a vitória. Por isso, às vezes, tem períodos longos que são de derrota, realmente.

■ *Pegando carona, quais seriam esses principais desafios da resistência hoje ou além? Onde estariam os pontos de diferença e semelhança entre essas épocas?*

Não, eu acho que hoje o que nós temos, não só no Brasil, é um fenômeno bastante mundial: as forças que se dizem de esquerda não se revelaram capazes até agora de elaborar uma proposta concreta de transformação revolucionária do capitalismo. O capitalismo está em uma crise muito séria, necessitando ser substituído pelo regime socialista. E “O Capital”, de [Karl] Marx, explica bem. Na medida em que a situação no mundo mudou muito, hoje

em dia está faltando alguém que, como líder ou grupo, elabore proposta para essa transformação do mundo. E, como isso está difícil, grande parte das ditas esquerdas, inclusive no Brasil, desistiu de caminhar para o socialismo e estão procurando dar uma melhorada no capitalismo. Isso não funciona, isso leva a derrotas cada vez maiores, e derrotas levam a que os setores populares desiludidos com essas esquerdas, com essas forças progressistas, apelem para quê? Para o autoritarismo, para a repressão e para o fascismo. Acho que a crise muito séria do capitalismo vai acabar propiciando que surjam essas forças capazes de apresentar, de elaborar e de conduzir um processo efetivo de transformação revolucionária, sair do capitalismo e passar para o socialismo. A gente vê aí a polarização econômica, cada vez mais grupos trilionários acumulam a maior parte da riqueza produzida no mundo e as grandes massas trabalhadoras com dificuldades crescentes.

■ *Esses comportamentos mais extremistas, essas interferências na soberania de outros países, vindo de países como os próprios Estados Unidos e a Rússia. É uma crise do capitalismo e há brecha para mudanças nessa situação ou a gente está vivendo um cenário um pouco tenebroso para o nosso futuro?*

É um momento muito difícil para as grandes massas. Veja a população de Gaza, morrendo, exterminada; é uma das mais sacrificadas no momento no mundo. Mas isso não é o futuro, isso vai se superar. O capitalismo está em crise econômica, em primeiro lugar, mas não só. Crise política, social, quer dizer, as coisas não funcionam mais como funcionavam. Isso leva a uma desigualdade social crescente. São os

“  
**Veja a população de Gaza, morrendo, exterminada; é uma das mais sacrificadas no momento no mundo**”

trilionários acumulando riqueza gigantesca e as grandes massas populares cada vez com uma parcela reduzida do que se gera no mundo. Isso vai levar a um momento em que surjam propostas de transformação revolucionária, caminhar para o socialismo. Acho que isso é inevitável. Agora, quando vai acontecer? Como vai acontecer? Não dá para adivinhar, mas a tendência vai ser essa. Quer dizer, as pessoas não vão se deixar passar fome eternamente. Vai haver rebeldia, vai haver quem consiga equacionar a solução para os dias de hoje, como fez Lênin na virada do século 19 para o 20. Ele não repetiu simplesmente o que o Marx tinha dito. Ele conseguiu estudar e conhecer profundamente a situação do mundo e da Rússia na época e propor uma forma de revolução que deu certo, foi vitoriosa em 1917. Então, isso está faltando. Mas eu acho que vai surgir porque as condições existentes materiais estão a exigir isso. A saída é só com transformações profundas, mas isso não acontece automaticamente, tem que surgir as forças sociais capazes de conduzir esse processo.

■ *Querida saber como você, filha de Olga Benário Prestes, vítima do nazismo alemão, lida vendo esse discurso da extrema direita ganhar mais propulsão e atingindo as minorias. Como isso chega para você nestes momentos atuais?*

Chega normalmente. A repressão tem várias formas. A Olga, minha mãe, foi um caso, mesmo na Alemanha, em que foram assassinadas milhões de pessoas, que ficou bastante conhecida pelo fato de ser a esposa do Prestes. Inclusive, ela foi extraditada do Brasil junto com outra companheira alemã que estava aqui, também revolucionária, a Elise Ewert. E quase ninguém

fala na Elise Ewert, por quê? A Elise Ewert não foi menos heróica do que a Olga. Inclusive foi barbaramente torturada aqui no Brasil. O Prestes e a Olga não foram fisicamente torturados, porque o Prestes já tinha um prestígio mundial muito grande. Era um Cavaleiro da Esperança, muito conhecido nesse período, 1935, 1936, na Europa, nos Estados Unidos. Havia um movimento grande, inclusive de cartas, de telegramas, pressionando o Getúlio para libertá-los, para não torturá-los, então seria muito desgastante para o governo do Getúlio torturar o Prestes e a Olga. O Prestes sempre dizia que a forma que Vargas encontrou de torturá-lo foi justamente a extradição da Olga. Foi a tortura psicológica à qual ele foi submetido. Mas repressão houve em massa. Eu até tive muita sorte porque eu fui resgatada, afinal das contas, graças a uma grande campanha internacional que na época ficou conhecida como “Campanha Prestes”. O meu destino, como de outras crianças filhas de prisioneiras, na Alemanha, teria sido um orfanato nazista em que a criança virava um número, perdia o nome. Isso mesmo que sobrevivesse depois; a maior parte morreu, mas, mesmo que sobrevivesse, como é que a família iria localizar essa criança? Por isso, eu costumo dizer que eu sou filha da solidariedade internacional. Parece que, às vezes, falam de uma maneira que parece que só a Olga foi vítima. Sem dúvida, ela foi vítima, foi uma grande perda para o movimento e para nós, para a família, principalmente para o meu pai. Mas muitas outras famílias e muitos outros filhos e filhas perderam pais e mães nessa luta.

■ *Saiu a quarta edição do seu livro “A Coluna Prestes” no ano passado, centenário da Coluna. Por que é tão importante ainda pensar sobre, visitar a Coluna Prestes e trazer o legado de Prestes para o que a gente está vivendo?*

A burguesia mundial e a brasileira pagam muito bem seus intelectuais para produzir uma história falsificada. Isso não é só no Brasil, é no mundo inteiro. Quer dizer, a história oficial, que inclusive é apresentada às crianças nas escolas, uma grande parte é falsificação, inclusive sobre a Coluna e sobre o Prestes. O Prestes, na medida em que, em 1930, se recusou a agir de acordo com os interesses das oligarquias dissidentes, Vargas, mineiros, que fizeram o movimento de 1930, e realmente derrotaram aquele tipo de política que existia, a chamada “política dos governadores”, a política oligárquica, o Estado oligárquico, mas quem assumiu depois foram grupos das classes domi-

nantes também. Na medida em que Prestes, que, na época, tinha um prestígio muito grande, não se prestou a agir de acordo com esses interesses, passou a ser o inimigo geral das classes dominantes no Brasil. Então, o que se escreve e o que se diz de mentiras e falsificações sobre o Prestes, sobre os comunistas, é uma imensidão.

■ *Como filha e historiadora, ou como historiadora e filha, o que você elencaria de principais pontos de diferença entre o Prestes da Coluna Prestes e o da Intentona Comunista, uma década depois, ideologicamente, em personalidade?*

Esse termo, “intentona”, eu me recuso a usar, porque foi inventado pela direita justamente para depreciar o movimento. “Intentona” é um termo depreciativo. Eu falo o que foi corretamente: foram levantes antifascistas que aconteceram em novembro de 1935. “Intentona”, inclusive, na época, nem existia essa palavra, foi adotada pelo governo Vargas um ano depois, para depreciar o movimento. Mas isso é tão repetido que até pessoas de esquerda falam em “intentona”, lamentavelmente. É o que é largamente difundido. Outro exemplo de história oficial elaborada pelos intelectuais a serviço dos interesses dominantes para depreciar movimentos populares. Eu me refiro baseado no que era a programação desse movimento: os levantes antifascistas de novembro de 1935. Eles tinham caráter antifascista, contra o fascismo mundial e contra o fascismo no Brasil, concretamente a Ação Integralista Brasileira, do Plínio Salgado, que estava perturbando bastante a situação no Brasil. Mas o Prestes dessa época é muito diferente do Prestes da Coluna. Quando ele termina a Coluna e vai se dedicar a estudar, adere ao marxismo e ao comunismo. Então, em 1930, ele já é um comunista, tanto que eu tenho até um livro em que eu denomino a trajetória do Prestes em que ele começa como tenente patriota revoltado com a situação existente do Exército e do Brasil, se transforma em revolucionário, que luta de armas na mão durante esse período da Coluna, e, depois, a partir dessa participação como revolucionário, ele chega a se transformar em comunista. E a partir de 1929, 1930, é uma liderança comunista até morrer, em 1990. O resto da vida, ele é um comunista. Em 1935, ele já é um comunista que tinha sido aceito no Partido Comunista, e visava os objetivos da revolução caminhando rumo ao socialismo e ao comunismo. Então é totalmente diferente o Prestes de 1935 do Prestes do período da Coluna.

## AUTONOMIA

# Beneficiários saem do Bolsa Família

No estado, 28 mil pessoas deixaram o programa após conquistar empregos e maior segurança financeira

Camila Monteiro  
milabmonteiro@gmail.com

Mais de 28 mil paraibanos deixaram de receber o Bolsa Família em julho deste ano, após conquistarem aumento da renda familiar, segundo dados do Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome (MDS). Os cancelamentos de benefícios concentraram-se, principalmente, nas regiões Nordeste (39%) e Sudeste (34%). De acordo com o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), 80% das novas vagas de trabalho criadas no país, durante o primeiro semestre deste ano, foram ocupadas por pessoas inscritas no Cadastro Único (CadÚnico), principal ferramenta de identificação de famílias em situação de vulnerabilidade social. Por meio desse cadastro, são concedidos diversos programas sociais como o Bolsa Família, o Pé-de-Meia, a Tarifa Social de Energia Elétrica, o Auxílio Gás, o Programa Minha Casa, Minha Vida, entre outros benefícios.

A guarabirense Maria do Socorro de Almeida, de 46 anos, é um dos exemplos de quem conquistou a independência financeira. Após conseguir um emprego, com carteira assinada, como empregada doméstica, em João Pessoa, deixou de receber o benefício. “Eu me separei, estava desempregada e com dois filhos, foi quando dei entrada no Bolsa Família. Mesmo assim, continuei fazendo faxinas. Eu já trabalhava, mas queria uma coisa mais certa, então, procurei um emprego com carteira assinada”, contou.

De acordo com o advogado e especialista em políticas públicas Cosmo Júnior, programas de transferência de renda condicionada contribuem para o desenvolvimento do capital humano. “No Brasil, temos como exemplo o Programa Bolsa Família (PBF) que é condicionado, ou seja, as famílias beneficiárias devem cumprir compromissos em Saúde e Educação”. Para ele, é essencial que essas políticas públi-



**Estímulo à capacitação e maior facilidade ao crédito são meios para promover o desenvolvimento humano**

Cosmo Júnior

cas de transferência de renda sejam aliadas ao acesso ao ensino (e a permanência) e à qualificação profissional (curso técnico e superior). “O estímulo à capacitação e maior facilidade ao crédito, para fins de empreendedorismo, são meios para promover o desenvolvimento humano, a autonomia e a inserção deles no mercado de trabalho”, defende Cosmo.

Maria do Socorro, desde que começou a trabalhar como empregada doméstica não voltou a necessitar do benefício, tendo em vista que conseguiu uma relativa segurança financeira com o emprego. No entanto, essa não é a realidade de todos que deixam de receber o valor. Para resguardar esses indivíduos, o programa Bolsa Família possui, em seu arcabouço, a Regra de Proteção, que consiste em garantir o apoio financeiro aos beneficiários que superaram a linha da pobreza, mas ainda enfrentam vulnerabilidade de renda. Atualmente, de acordo com o economista Alexandre Nascimento, o beneficiário permanece recebendo 50% do valor por um período variável. “Por exemplo, até 12 meses, para quem tem renda instável, e até dois meses, para quem possui renda estável ou permanente”, explicou.

A empregada doméstica enquadrava-se no último caso, por isso, passou por um período de transição até encerrar definitivamente o recebimento. “Eu ainda fiquei recebendo uma parte, mas depois de um tempo foi realmente cortado e não ganhei mais”, relatou Maria do Socorro.

Cosmo Júnior explica que a política pública foi desenhada de modo que abarcasse essa fase de mudança na situação econômica dos beneficiários. “Isso acontece quando se alcança a autonomia financeira por meio do ingresso no mercado de trabalho ou porque passou a empreender, mas sem perder de forma imediata a renda da política ao qual é beneficiário”, explicou o advogado.

### Retorno garantido

Caso ocorra a volta para uma situação de vulnerabi-



Guarabirense, Maria do Socorro foi contratada, com carteira assinada, para trabalhar como empregada doméstica em João Pessoa

## Conjunto

**Estados e Municípios podem formular e efetivar ações que complementam as iniciativas executadas pelo Governo Federal, para ampliar o combate à pobreza**

lidade social, o antigo beneficiário tem prioridade para retornar ao Bolsa Família, dentro de um prazo de até 36 meses.

“É preservada a prioridade de reingresso por três anos. Conceitualmente, isso segue o modelo de *tapering*, isto é, regras de atenuação ou redução gradual, que é amplamente usado em reformas de bem-estar para alinhar incentivos ao trabalho e suavizar a saída dos programas”, explicou Alexandre Nascimento.

O economista destaca que o próprio CadÚnico atua como ferramenta de acompanhamento socioeconômico das famílias, mesmo após o desligamento do programa. “O CadÚnico é, por designo, instrumento de identificação e monitoramento socioeconômico e permanece ativo para políticas públicas mesmo quando a família deixa de receber transferências”. Além disso, de acordo com o especialista, o MDS ainda estrutura a gestão municipal com Comissões Intersetoriais e informativos que acompanham Regra de Proteção, reingressos e condicionalidades, além de priorizar quem saiu por aumento de renda para reentrada em até 36 meses, caso necessário. “Em termos de governança, isso é crucial para medir retenção no emprego, progressão salarial e risco de recaída”, defende Alexandre.

Para Maria do Socorro, o impacto vai além dos números e a estabilidade no empre-

go foi essencial para melhorar a vida financeira. “Acho melhor trabalhar do que depender do benefício. O emprego é mais certo, me dá mais segurança.”

### Papel dos gestores

As políticas públicas de combate à pobreza são de competência comum da União, estados e municípios, conforme a Constituição Federal. “En-

tendo que os Estados e Municípios, diante dos problemas como pobreza, desigualdade, insegurança alimentar e nutricional, moradia, acesso à terra, podem, de forma integrada, desenhar políticas públicas de transferência de renda (ou outras) que complementem e potencializem as ações já executadas pelo Governo Federal”, afirmou o advogado e especialista em Políti-

cas Públicas, Cosmo Júnior.

Na Paraíba, um exemplo de política de combate a desigualdade é o Abono Natalino, voltado às famílias em situação de extrema pobreza, inscritas no Programa do Bolsa Família. Assim, a partir dos dados do Ministério do Desenvolvimento (União), a Secretaria de Estado do Desenvolvimento Humano (Estado) consegue eleger os beneficiários.

## Eu Posso: microcrédito viabiliza a criação de pequenos negócios

Para muitos ex-beneficiários do Bolsa Família, o empreendedorismo também tem sido um caminho. O acesso ao microcrédito é um dos pilares para viabilizar essa trajetória. Em João Pessoa, o programa municipal Eu Posso oferece crédito a pequenos negócios, formais e informais, com o objetivo de fomentar a economia local e incluir trabalhadores informais no sistema financeiro.

De acordo com o Secretário Executivo da Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Trabalho (Sedest), João Bosco, o programa busca incluir no sistema financeiro pessoas que, normalmente, ficam de fora, como os trabalhadores informais e os microempreendedores. “Também fornecemos, além do crédito, capacitação, orientação, plano de negócio, acompanhamento técnico e

pós-crédito, para que os recursos, realmente, transformem-se em desenvolvimento de negócio e geração de renda”, destacou.

Ainda segundo o secretário, existem editais específicos, vinculados a políticas públicas que visam incluir mulheres em situação de violência, a comunidade LGBTQIA+, mulheres negras, quilombolas, entre outros.

Em 2025, já foram atendidos 216 empreendimentos, sendo 107 pessoas físicas e 109 pessoas jurídicas. Foram desembolsados créditos na ordem dos R\$ 2.035.700 representando uma média de R\$ 9.425 por empreendimento.

### Bolsa Família

Maior programa de transferência de renda do Brasil, tanto em número de famílias atendidas quanto

em volume de recursos investidos, pelo Governo Federal, instituindo-se como o principal instrumento de combate a pobreza no Brasil.

De acordo com o Ministério do Desenvolvimento, o pagamento do benefício, que ocorre neste mês, de 17 a 30 de setembro, soma R\$ 12,96 bilhões, alcançando 19,07 milhões de domicílios em todos os municípios do país. O valor médio do benefício é de R\$ 682,22.

■ Mulheres em situação de violência, comunidade LGBTQIA+, mulheres negras e quilombolas são também beneficiadas

## Ações para evitar retorno à vulnerabilidade:

**O economista Alexandre Nascimento aponta estratégias importantes para que os ex-beneficiários não retornem a uma situação de vulnerabilidade:**

- Regras de atenuação com tempo certo: manter a Regra de Proteção com 50% do benefício por até 24 meses, com monitoramento trimestral da renda formal e informal;
- Reingresso facilitado: garantir prioridade de retorno ao programa por até 36 meses após o desligamento;
- Poupança-incentivo para jovens: iniciativas como o programa Pé-de-Meia ajudam a reduzir a evasão escolar ao oferecer incentivo financeiro mensal e prêmios por conclusão;
- Trilhas de progressão profissional: após a colocação no mercado, oferecer programas de qualificação contínua (em 90, 180 e 360 dias), intermediação de emprego e apoio à conciliação trabalho-família (como creche e ensino em tempo integral).



**O CadÚnico é, um instrumento de identificação e monitoramento socioeconômico, e permanece ativo para políticas públicas**

Alexandre Nascimento

## ALCOOLISMO

# Grupos ajudam a tratar dependência

*Pesquisas mostram crescimento do consumo abusivo de bebidas e seus riscos à saúde física, mental e social*

Emerson da Cunha  
emerson.uniao@gmail.com

Silvio M. começou a beber aos 17 anos, inicialmente nas baladas de fim de semana, estendendo o consumo até a manhã de segunda-feira. Aos poucos, o hábito tornou-se mais frequente, primeiro dois ou três dias por semana, após o trabalho; depois, todos os dias, tomando as primeiras doses ainda pela manhã. Ele chegou a levar bebida para o trabalho e consumi-la escondido.

O primeiro grande impacto veio por volta dos 26 anos, quando perdeu o emprego. “Depois arrumei outro, era bom profissional. Mas o consumo de álcool começou a aumentar, então eu faltava o serviço e era demitido ou pedia as contas para ter acesso a indenização. Sabe quando a coisa vai perdendo a responsabilidade?”, relata. O vício também afastou Silvio dos estudos. “Não queria saber de mais nada, só beber, se divertir, gastar dinheiro. Perdi o emprego e a família me internou”, lembra.

Até os 42 anos, Silvio foi internado cinco vezes, sem sucesso. Em 1996, por consideração à família e seguindo os conselhos de um médico psiquiatra, decidiu entrar para os Alcoólicos Anônimos (AA). “Achei que era um monte de bêbado reunido. Pra minha surpresa, quando cheguei vi gente bem arrumada, todo mundo bonito, feliz. Ao ouvir as histórias,

percebi que eram iguais às minhas. Essa troca de experiência vai reforçando nossa vontade de não voltar a beber. A chave é evitar o primeiro gole. ‘Só por hoje’, esse é o lema. No grupo, são amigos verdadeiros que encontramos”.

Hoje, aos 72 anos e com 29 anos de sobriedade, Silvio coordena um grupo dos Alcoólicos Anônimos no bairro de Manaíra. Ele faz parte dos quase 2,5 mil membros que participam das atividades da instituição na Paraíba, distribuídas em três escritórios e 123 grupos, que juntos realizam 246 reuniões por mês em todo o estado.

O AA chegou ao Brasil na década de 1940 e, à Paraíba, nos anos 1960. Ao passar dos anos, a instituição consolidou-se como um espaço para quem deseja enfrentar o alcoolismo — doença reconhecida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) desde 1967 como crônica, incurável, mas controlável e tratável.

A OMS define o alcoolismo como dependência do álcool, caracterizada por sintomas de abstinência, perda de controle e dificuldade em limitar o início, o fim ou a quantidade consumida. A condição pode contribuir para doenças cardiovasculares, respiratórias e cânceres, além de trazer sérios prejuízos à saúde mental, como depressão, ansiedade e ideação suicida. A organização ainda considera o alcoolismo uma



Foto: João Pedrosa

*Nas reuniões, as pessoas podem compartilhar suas experiências em público, o que permite, aos participantes, perceberem que possuem histórias de vida semelhantes, formando, assim, uma rede de apoio sólida e permanente*

epidemia e uma das principais causas de mortes e adoecimento em todo o mundo.

Em torno de 4% da população brasileira apresentou consumo nocivo ou dependência de álcool no primeiro semestre de 2023, de acordo com o relatório “Covitel — Inquérito Telefônico de Fatores de Risco para Doenças Crônicas não Transmissíveis em Tempos de Pandemia”, número que equivale a seis milhões de pessoas.

A pesquisa Vigitel Brasil,

do Ministério da Saúde, apontou crescimento no consumo abusivo de álcool entre adultos das 26 capitais brasileiras e do Distrito Federal, de 15,7% em 2006 para 20,8% em 2023, com maior incidência na faixa etária de 25 a 34 anos. Em João Pessoa, a mesma investigação registrou um aumento de quase três pontos percentuais de 2019 a 2023 — último ano com dados divulgados —, passando de 16,9% para 19,4%.

Já o relatório “Estimação dos custos diretos e indire-

tos atribuíveis ao consumo de álcool no Brasil”, da Fundação Oswaldo Cruz (FioCruz), estima que, em 2019, 478 mil brasileiros e brasileiras morreram por causas atribuíveis ao consumo de álcool, como acidentes e violências, doenças cardiovasculares e cânceres, sendo que 90% foram do gênero masculino. Isso representa cerca de 12 mortes por hora. O valor de R\$ 395 milhões foi gasto pelo SUS com hospitalizações atribuíveis ao consumo de álcool.

■ OMS define que o vício é marcado por abstinência, perda de controle e dificuldade de limitar quantidade consumida

## Centros de Atenção Psicossocial oferecem cuidados pelo SUS

O Sistema Único de Saúde (SUS) também oferece tratamento para quem sofre de alcoolismo. De janeiro a agosto de 2025, por exemplo, 30 novos pacientes, em situação de alcoolismo, foram recebidos e integrados no Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Outras Drogas (Caps AD III)

Jovem Cidadão, localizado na capital paraibana e de gerência do Governo do Estado. Atualmente, são 102 pessoas, usuárias de álcool, atendidas pelo centro. Considerando os participantes das atividades em grupos de ajuda mútua, são mais de 470 pessoas envolvidas.

Além do Centro Jovem Cidadão, mais de 120 outros Caps funcionam na Paraíba, sob gerência dos poderes municipais, como é o caso do Caps AD III David Capistrano, também localizado na capital. Nesse caso, o serviço realiza cerca de 1,7 mil atendimentos, voltados a pessoas

maiores de 18 anos com dependência química, em situação de vulnerabilidade social e com impactos na saúde física e mental.

Carolina Ferreira, diretora do Caps AD III David Capistrano, explica que a porta de entrada no Centro pode ocorrer de forma direta, com

a própria pessoa buscando o serviço, ou por encaminhamento das Unidades de Saúde da Família, mediante apresentação de documentos como RG, CPF, cartão do SUS e comprovante de residência. Segundo ela, o acompanhamento é realizado por uma equipe multiprofissional,

envolvendo atendimentos individuais e em grupo, oficinas terapêuticas, acompanhamento médico e psiquiátrico, além de modalidades de cuidado que variam do atendimento diário ao acolhimento 24 horas, por períodos de zero a 14 dias, conforme a necessidade.

## Limpendo a Mente é uma iniciativa vinculada à Emlur

O AA, além de acompanhar e cuidar dos dependentes de álcool, também inspira outros grupos de apoio com a mesma finalidade. É o caso do Limpendo a Mente, criado em 1998 e que funciona no Setor Psicossocial da Autarquia Especial Municipal de Limpeza Urbana (Emlur). As reuniões, também abertas à comunidade, contam, em média, com 10 participantes, além do apoio de funcionários e do quadro de psicólogos da autarquia.

O músico José Cristovão, mais conhecido como Brinco, acompanha o espaço de apoio desde a sua fundação, quando ainda era funcionário da Emlur. Sua relação com o álcool começou na adolescência, como forma de vencer a timidez e fazer novos amigos. Com o tempo, o consumo evoluiu para dependência, resultando na perda de pelo menos três empregos em razão do uso

e dos gastos com bebidas.

Em 1997, Brinco ingressou nos Alcoólicos Anônimos e, no ano seguinte, passou a frequentar o grupo Limpendo a Mente.

“Minha relação com o álcool foi fácil de entrar, mas difícil de sair. Naquela época, a sociedade dizia que, para ser homem, era preciso beber. Eu era tímido e, quando bebia, a timidez desaparecia, eu criava coragem. Depois, acabei viciado e foi uma decepção. Cheguei a ter alucinações, queria brigar com geladeira, com faca, com tudo aquilo que eu via na minha frente”, relembra Brinco.

Ele afirma que encontrou, no grupo Limpendo a Mente, o apoio necessário para mudar de vida. “Comecei a levar outras pessoas também. Hoje tenho uma vida tranquila, voltei a estudar, fiz o curso de Música e exerço a profissão de músico. Vou por aí levando a mensagem

para quem precisa”, conta.

Uma das psicólogas que acompanham o grupo, Adriana Guedes, explica que existem diversos obstáculos na busca pelo tratamento do alcoolismo. Segundo ela, a negação do problema é um dos principais, já que muitas pessoas têm dificuldade em reconhecer que perderam o controle sobre o consumo.

“Somam-se sentimentos de vergonha e culpa, medo do julgamento e afastamento dos serviços de saúde. Outro desafio é o receio da abstinência, pois os sintomas físicos e emocionais, ao interromper o consumo, assistam e desmotivam. No campo social, o preconceito e o estigma, associados ao alcoolismo, reforçam o isolamento e enfraquecem vínculos familiares e de amizade, fundamentais para apoiar a recuperação. Dificuldades financeiras, perda de emprego e conflitos do-

mésticos podem limitar ainda mais as possibilidades de buscar ajuda”, detalha.

Apesar disso, Guedes reforça que a decisão pelo não consumo do álcool traz inúmeros benefícios. “No aspecto físico, o organismo funciona melhor, com mais disposição, controle do peso e melhora da aparência. No campo mental, há redução da ansiedade e da depressão, além de ganhos de memória e concentração. Socialmente, favorece relações mais estáveis, diminui conflitos familiares e reduz a exposição a acidentes ou comportamentos de risco. Também há benefícios financeiros, já que o dinheiro antes gasto com bebida pode ser direcionado a projetos pessoais. Em resumo, não ingerir álcool significa cuidar do corpo, da mente e das relações, promovendo uma vida mais equilibrada, saudável e plena”, conclui a psicóloga.

Foto: Divulgação/Grupo Limpendo a Mente



Reuniões contam, em média, com 10 participantes

GESTÃO PRISIONAL

# Novo sistema combate superlotação

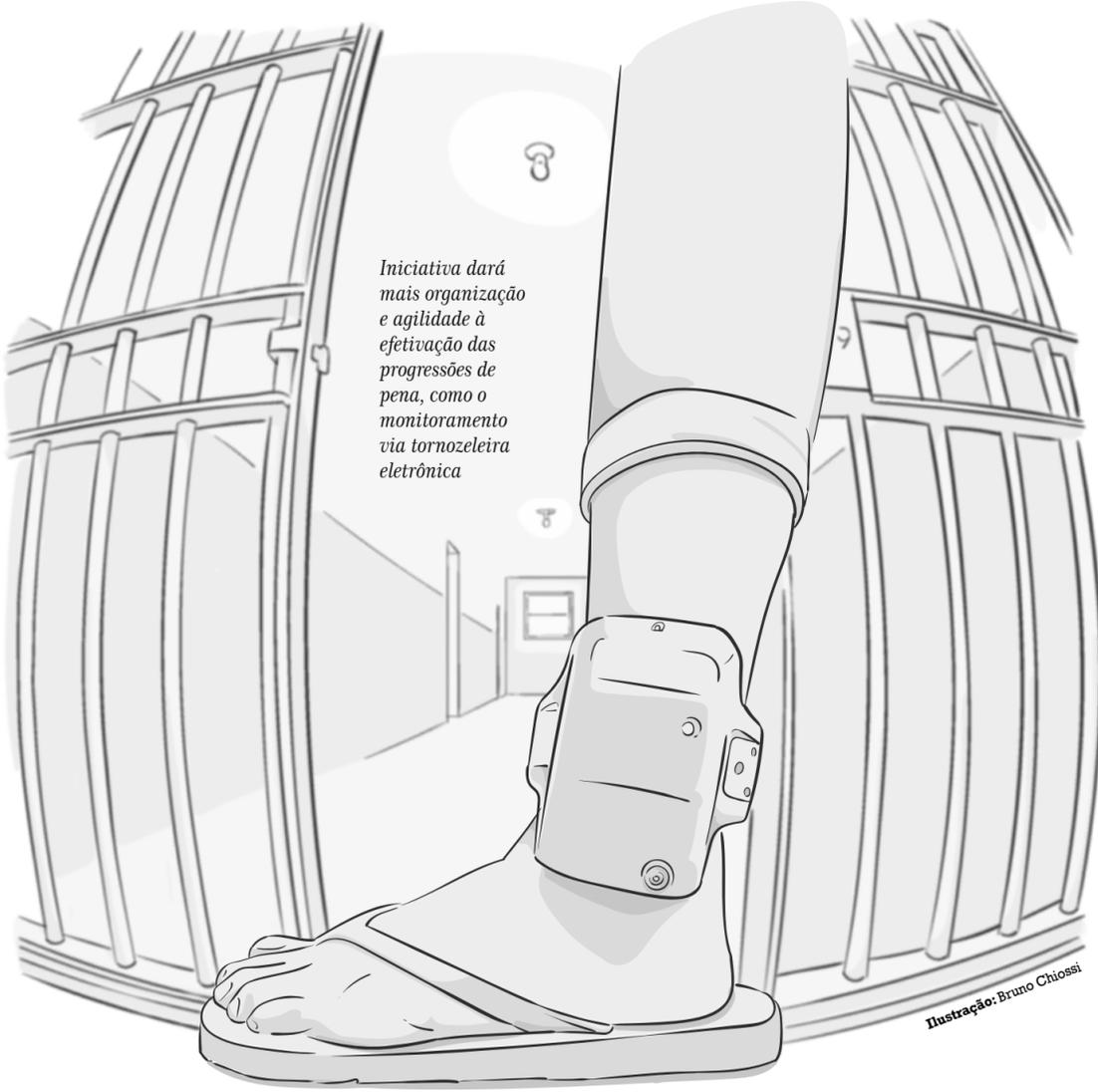
*Estado é o segundo do país a adotar mecanismo de regulação de vagas, que visa aprimorar a administração carcerária*

Pedro Alves  
 pedroalvesjp@yahoo.com.br

A superlotação em casas de detenção é um desafio para gestores de todo o país. Mas a Paraíba segue com o processo de implementação de um novo mecanismo de gestão do sistema prisional, que visa combater o descompasso entre quantidade de vagas e de pessoas presas, e dar mais dignidade a quem cumpre pena. Trata-se da instalação da Central de Regulação de Vagas (CRV), plataforma informatizada de dados atualizados que tem como objetivo respaldar a ocupação racional e sustentável das unidades carcerárias no estado.

No dia 26 do mês passado, foi assinado o Ato Normativo que iniciou a implantação da CRV, que deve estar inteiramente ativa em 60 dias, sob a gestão do Tribunal de Justiça da Paraíba (TJPB), em parceria com o Governo do Estado, mediante a Secretaria de Administração Penitenciária (Seap). A Paraíba é a segunda unidade federativa a implementar a CRV, atrás apenas do Maranhão.

Presidente da Comissão Executiva da Central de Regulação de Vagas, o secretário-



rio-executivo da Seap, João Paulo Ferreira Barros, explica como anda o processo de efetivação da plataforma e analisa que, com a CRV em funcionamento, a expectativa também é de uma melhora no processo de ressocialização dos apenados.

“A Central de Regulação de Vagas está em fase de implementação no âmbito do sistema penitenciário paraibano. Temos uma comissão formada para o levantamento dos dados e a formatação dos fluxos que serão estabelecidos, na ideia de trazer um ganho significativo no melhoramento da reintegração social dos privados de liberdade”, argumentou o secretário-executivo.

■ Mobilizando servidores do TJPB e da Seap, a CRV deve estar inteiramente ativa dentro de dois meses

## Plataforma faz parte do Plano Pena Justa

A CRV é uma metodologia criada pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ), que integra o Poder Judiciário — responsável pelas decisões que determinam que alguns cidadãos precisam cumprir penas de privação de liberdade —, e o Poder Executivo, que administra as unidades prisionais e os cumprimentos de pena.

Nessa esteira, a CRV é uma das políticas públicas criadas dentro do chamado Plano Pena Justa, que visa o enfrentamento, por parte do Estado, da situação de calamidade nas prisões brasileiras. Segundo o Supremo Tribunal Federal (STF), em uma decisão de 2015, “há um estado de coisas inconstitucionais no sistema carcerário brasileiro, responsável pela violação massiva de direitos fundamentais dos presos”.

De acordo com o CNJ, em três décadas, houve um aumento do número de pessoas privadas de liberdade em descompasso com o crescimento da população brasileira. Além disso, a cultura nacional na política de segurança pública tem ido por um caminho baseado na abertura de mais unidades prisionais e, a partir disso, de vagas, numa compreensão de que é essa a necessidade para se combater a violência. Acontece que as vagas são logo preenchidas e a população carcerária vai crescendo de maneira desenfreada, contribuindo com uma realidade de inconstitucionalidade e de frequentes violações aos direitos dos encarcerados.

É nesse contexto que surge o Plano Pena Justa, focado em quatro eixos: controlar a superlotação; melhorar a qualidade do ambiente e dos



Formalização do projeto reuniu o presidente do TJPB, Fred Coutinho, e o titular da Seap, João Alves

## Propostas

**A série de medidas sugeridas pelo Conselho Nacional de Justiça também visa aperfeiçoar a qualidade dos serviços prisionais e os processos de reintegração social dos apenados**

serviços prisionais; aperfeiçoar os processos de saída e de reintegração social; e implementar políticas para evitar a repetição de desrespeitos à dignidade humana da população carcerária brasileira. A ideia é que os estados consigam, a partir dos dados analisados e atualizados em tempo real, agilizar as progressões de penas de pessoas privadas de

liberdade — de regime fechado para semiaberto, por exemplo, com monitoramento via tornozeleira eletrônica —, diminuir a quantidade de presos nas unidades prisionais e combater, efetivamente, a superlotação nos presídios.

O policial penal Josinaldo Lucas de Oliveira, integrante da Comissão Executiva da Central de Regulação de Vagas, reforça o impacto positivo da iniciativa esperada pela Justiça. “A comissão foi instalada e agora está em fase de ajustes para que possa dar todas as condições para o Judiciário dar

uma destinação mais funcional aos presos”, pontuou.

### População

Na Paraíba, conforme dados de agosto deste ano do Tribunal de Justiça do estado, o sistema prisional contabiliza 16.204 pessoas privadas de liberdade, com 11.477 ocupando regularmente as celas das 74 unidades prisionais distribuídas pelo território paraibano. De acordo com dados da Secretaria de Administração Penitenciária, há sete mil vagas nos presídios do estado, o que resulta em um déficit atual de 4,4 mil vagas.

## Capacitações preparam equipes do Judiciário

Nas últimas semanas, magistrados e magistradas do Tribunal de Justiça da Paraíba vêm passando por regulares processos de capacitação para operar as ferramentas digitais da plataforma da CRV. Os cursos, que já aconteceram em João Pessoa e Campina Grande, são voltados aos servidores que trabalham nas varas de Garantias e em audiências de custódia — responsáveis, muitas vezes, por determinar a privação de liberdade de muitos suspeitos de crimes e, por isso, diretamente relacionados ao fluxo carcerário no estado.

Essas formações têm sido organizadas pela juíza auxiliar da Presidência do TJPB, Aparecida Gade-

lha, que atua como coordenadora do Grupo de Monitoramento e Fiscalização (GMF) do Sistema Carcerário e Socioeducativo do Poder Judiciário estadual. Ela ressaltou como a CRV pode, inclusive, contribuir com as decisões judiciais.

“Gosto de definir a Central como um grande sistema, mediante o qual podemos equilibrar a quantidade de vagas e a lotação das unidades prisionais, por meio de conhecimento sobre a ocupação em tempo real dessas unidades. Com a Central, juízes e juízas podem tomar decisões melhores acerca da necessidade ou não de decretação ou de manutenção da prisão de pessoas”, observou Aparecida.



Tribunal de Justiça está promovendo cursos sobre o funcionamento da Central, em cidades como João Pessoa e CG

## Saiba Mais

O primeiro estado brasileiro a instalar uma Central de Regulação de Vagas em seu sistema prisional foi o Maranhão, em 2023. De acordo com o Conselho Nacional de Justiça, a partir do início da operação no estado, houve uma estabilização tanto na quantidade de vagas oferecidas pela rede carcerária como de pessoas privadas de liberdade, sem prejuízos à segurança pública. Ainda conforme o CNJ, depois da Paraíba, outras 10 unidades federativas preparam-se para implementar suas CRVs. São elas: Acre, Amazonas, Ceará, Espírito Santo, Pará, Paraná, Piauí, Rio Grande do Norte, Rondônia e Santa Catarina.

## LITORAL NORTE

## Rota une natureza e cultura indígena

Selecionado para o projeto Feel Brasil, roteiro turístico promove imersão pelas paisagens e tradições de quatro cidades

Priscila Perez  
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Algumas experiências têm o poder de transformar quem somos. Mário Quintana já dizia que “viajar é mudar a roupa da alma” — e poucas viagens vestem tão bem essa definição quanto a Rota Terra dos Potiguaras. Recém-incluída no projeto Feel Brasil, da Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo (Embratur), ela apresenta ao mundo o que há de mais autêntico no Litoral Norte da Paraíba, de Mataraca a Baía da Traição, passando pelos municípios de Rio Tinto e Marcação. Entre trilhas, manguezais, rituais e sabores ancestrais, o visitante tem a oportunidade ímpar de vivenciar, de perto, a cultura potiguara, contribuindo para a geração de renda e a preservação cultural local.

Que o roteiro é diferente, ninguém duvida. Mas nem todos percebem o quanto é estratégico para o turismo paraibano. Na vitrine do Feel Brasil, ele divide espaço com outros 100 desti-

## Marcante

**Abrangendo Mataraca, Baía da Traição, Rio Tinto e Marcação, a Rota Terra dos Potiguaras oferece vivências únicas aos viajantes, com passeios ecológicos e intercâmbio cultural**

nos de 61 municípios brasileiros. Um reconhecimento que, de acordo com Ferdinando Lucena, presidente da Empresa Paraibana de Turismo (PBTur), mostra que a Paraíba tem exatamente o que os viajantes procuram: vivências únicas, que fogem do turismo de massa, com raízes culturais fortes. “Trata-se de um passo importante, que projeta o estado no cenário internacional como destino autêntico, que alia desenvolvimento com preservação cultural e respei-



Entre praias, rios e manguezais, iniciativa busca projetar o estado como destino de atividades autênticas no cenário internacional, em contraste com ofertas do turismo de massa

to às comunidades tradicionais”, afirma.

“Esse reconhecimento garante a inserção da Rota Terra dos Potiguaras em iniciativas estratégicas de promoção e capacitação, que vão além do turismo tradicio-

nal e dialogam com um público interessado em vivências culturais e sustentáveis”, aponta a titular da Secretaria do Turismo e Desenvolvimento Econômico da Paraíba (Setde), Rosália Lucas, destacando que essa conexão com o que é autêntico e transformador tem tudo a ver com o que a Paraíba pode — e quer — oferecer ao mundo.

Não por acaso, o intercâmbio cultural é o grande atrativo desse roteiro. Ferdinando lembra que a proposta do Feel Brasil é conectar o turista com o “Brasil profundo”, que transborda identidade e sabor. “Investir nessa rota é apostar em um modelo de turismo que promove inclusão e preserva o patrimônio cultural e ambiental da Paraíba”, complementa. Praias, mangues, nascentes, restingas e reservas ecoló-



Produto é exemplo de conexão com o “Brasil profundo”

cas compõem o cenário. Mas o que realmente transforma essa viagem em algo memorável é o mergulho na ancestralidade do povo potiguara. Para Regina Amorim, gestora de Turismo e Economia Criativa do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas na Paraíba (Sebrae-PB), um dos principais apoiadores do projeto, a rota é uma das experiências mais encantadoras e profundas do estado — não só pela beleza dos

lugares, mas pelo que eles representam, em termos de história, tradição e pertencimento. Uma imersão que, segundo ela, tem o poder de transformar a visão de mundo de qualquer pessoa. “Visitar os municípios da Rota Terra dos Potiguaras é percorrer paisagens distintas, conhecendo aldeias e comunidades com histórias, costumes, ritos, crenças, danças, sabores e saberes, que proporcionam ao turista momentos memoráveis”, frisa.

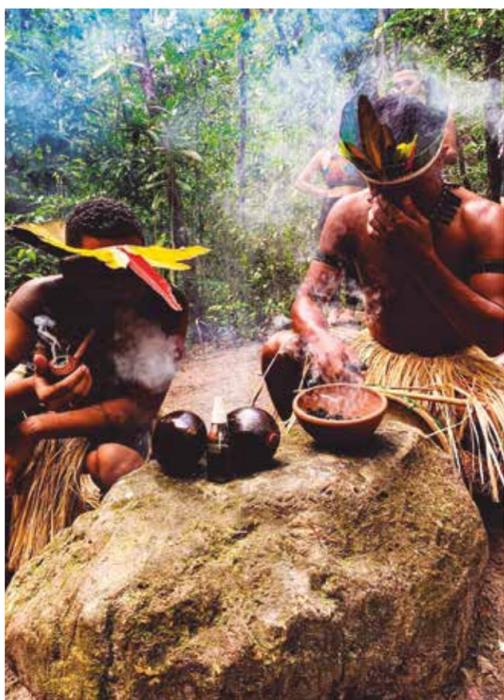
## Excursão por aldeias permite contato com herança de povos originários

Quem também conhece de perto essa experiência é Laís Catarine, turismóloga e Agente de Roteiros Turísticos (ART) ligada ao Sebrae-PB. Para ela, o turismo tem sido um importante instrumento de valorização da cultura indígena, ao permitir que as tradições sejam conhecidas e respeitadas pelo público, sem abrir mão do desenvolvimento local. “O turismo possibilita que a cultura indígena seja valorizada, preservada e transmitida entre gerações, ao mesmo tempo em que promove melhorias socioeconômicas para as comunidades”, explica.

Esse formato, que tem como base o etnoturismo, aposta na combinação entre natureza e cultura, convidando o visitante a conectar-se com o cotidiano do povo potiguara — a única etnia indígena que permanece em seu território de origem no país. Hoje, são cerca de 20 aldeias espalhadas pela região, com raízes que antecedem a chegada dos colonizadores, quando seus antepassados ocupavam boa parte da faixa litorânea, entre os rios Mamanguape e Paraíba. “Eles defenderam suas terras contra a colonização e a escravidão e, hoje, embora muitos ainda atuem na agricultura de subsistência e na pesca artesanal, são indígenas do tempo presente, que estudam, trabalham fora e lidam com os desafios contemporâneos”, conta Laís.

### Reflexos

Os resultados dessa abordagem já começam a aparecer no dia a dia. Conforme Ferdinando Lucena, da PBTur, a Rota Terra dos Potiguaras tem despertado



Os turistas podem participar de rituais e provar iguarias

do interesse de agências e operadoras de turismo, movimentando uma cadeia que envolve pousadas, restaurantes, artesãos, guias e hospedagens comunitárias. Ao todo, há 36 agências filiadas, inclusive com empreendedores do próprio território. Um deles é Wenison Medeiros, da Índio Viagens e Turismo, que, há mais de oito anos, atua com o turismo de base comunitária e conhece, como poucos, os detalhes da rota. “Recebemos pessoas do Brasil inteiro e de países como Itália, Portugal, Espanha, França e Bélgica. O que elas buscam aqui é algo que não encontram em nenhum outro lugar: conexão verdadeira com os povos originários”, detalha.

Segundo ele, os pacotes vão de um a cinco dias e incluem passeios de buggy, de barco e trilhas em áreas

de manguezal e de Mata Atlântica, além de vivências culturais e espirituais nas aldeias. Os turistas participam de rituais como o toré, banhos de argila, retirada de mariscos, aprendem com os anciãos e degustam a culinária indígena. Há, ainda, apresentações de dança e de música, exposição de artesanato e travessias em rios como o Camaratuba.

■ Os potiguaras são a única etnia indígena que continua habitando seu território de origem em todo o Brasil

## Investimentos e diálogo com a comunidade fortalecem o projeto

Apesar de ainda não existirem dados consolidados sobre seu impacto econômico, já que a rota foi instituída no fim de 2024, por meio de uma parceria entre a Setde, a PBTur e o Sebrae-PB, os reflexos já são visíveis para quem vive e trabalha na região. Para se ter ideia, entre 2025 e 2026, estão previstos mais de R\$ 133 milhões em investimentos para impulsionar o turismo local, com foco na interiorização e na valorização cultural. Isso inclui melhorias em infraestrutura, acessibilidade e ações de qualificação.

De acordo com a titular da Setde, parte dessas ações já saiu do papel, como o repasse de R\$ 4,12 milhões para a construção de um portal em Baía da Traição e a pavimentação do acesso ao Forte Velho, em Lucena. O governo ainda tem atuado na formalização dos serviços turísticos, promovendo workshops e fortalecendo as Instâncias de Governança Regional (IGRs), que ampliam o diálogo com as comunidades e contribuem para a formação de agentes locais de turismo. O artesanato potiguara também vem ganhando visibilidade com oficinas, capacitações e espaços em eventos como o Sallão do Artesanato Paraibano.

“

**Nossa preocupação é não perder o controle, para que a experiência não se transforme em algo invasivo**

Franklin Oliveira

“E não podemos nos esquecer de que as experiências culturais e ecológicas oferecidas nas aldeias fortalecem o etnoturismo e geram renda direta, por meio do artesanato, da gastronomia e da oferta de serviços locais”, observa Rosália Lucas.

### Construção coletiva

Para que o turismo aconteça de forma respeitosa e sustentável, é preciso que haja um diálogo contínuo e aberto com a população. Franklin Oliveira, presidente da IGR da Rota Terra dos Potiguaras, explica que esse trabalho começa com a es-

cuta ativa das lideranças indígenas. “A rota foi pensada respeitando as áreas sagradas, as tradições e os modos de vida das comunidades”, ressalta. Na prática, cada aldeia participa da criação dos produtos turísticos e define o que quer oferecer. Há locais que permanecem restritos, por serem santuários sagrados, enquanto outros tornam-se oportunidades para exibir rituais e saberes. “São vivências autênticas, que não foram ‘montadas’ para apresentar aos turistas”, reforça.

As decisões são tomadas em assembleias mensais, que reúnem representantes das aldeias, gestores públicos e empresários da região. “Tudo é construído de forma horizontal”, destaca Franklin, lembrando que o grande desafio é não apenas engajar mais empreendedores e guias, mas também promover um crescimento ordenado no território. “Nossa preocupação é não perder o controle, para que a experiência não se transforme em algo invasivo”, diz. O objetivo, segundo ele, é consolidar um turismo de base comunitária cada vez mais qualificado, que preserve o meio ambiente, estimule o desenvolvimento local e respeite o tempo das aldeias.



Foto: Divulgação/Facebook

Maciel Melo: carreira que vem desde os anos 1980 e “Caboclo sonhador” no currículo

## MÚSICA

# Paisagem de interior

Show “Palavra em Cantoria” reúne Jessier Quirino, Maciel Melo e Nonato Neto no palco do Paulo Pontes

Daniel Abath  
abathjornalista@gmail.com

Difícil encontrar alguém que nunca tenha ouvido o poema que diz “Lençol voando estendido (...) No jardim, um beija-flor no pé de planta florido/ Tudo isso é cagado e cuspidor, paisagem do interior”, do poeta campinense Jessier Quirino. Ou mesmo: “Sou um caboclo sonhador/ Meu senhor, viu?/ Não queira mudar meu verso”, de autoria do compositor pernambucano Maciel Melo. Jessier Quirino e Maciel Melo estarão juntos no palco hoje, em trio de compadragem com o cantor Nonato Neto, no espetáculo *Palavra em Cantoria*, às 19h, no Teatro Paulo Pontes (Espaço Cultural, Tambauzinho, na capital). Os ingressos podem ser adquiridos no site Bilheteria Digital ou na loja Mioche, no térreo do Manaíra Shopping, por R\$ 160 (inteira), R\$ 100 + 1kg de alimento (social) e R\$ 80 (meia).

A proposta é entrelaçar poesia, música e causos em uma apresentação conjunta, sem intervalos de entrada e saída de cena, na qual cada artista divide o espaço com os demais. “Nós preenchemos o palco permanentemente”, explica Jessier Quirino, idealizador do formato. “O primeiro bloco é um pinga-pinga, funciona como um revezamento: um canta, passa para o outro e assim sucessivamente. Depois, cada um assume três ou quatro números à frente e no final fazemos um fechamento com todos juntos”.

O projeto nasceu em 2023, com a participação do cantor e compositor baiano Xangai,

que após algumas datas não pôde seguir com a agenda, sendo substituído por Nonato Neto.

“Hoje, há uma dificuldade muito grande de datas em teatros, com datas inconvenientes. Para não perder a pauta, o próprio Xangai sugeriu que entrasse outro nome e ficou muito feliz quando soube que seria Nonato. Ele disse: ‘Esse é cantor’”, conta Quirino entre risadas.

### Nonato cantador

Natural de Cachoeira dos Índios, no Alto Sertão da Paraíba, Nonato Neto cresceu em contato com a cantoria, herança do pai, repentista. “Meu pai era cantor de viola. Desde pequeno tive contato com as cantorias e, aos 17 anos, comecei a me aproximar da arte da viola. Foi em Cajazeiras, fui tomando gosto; ouvindo programas de cantadores na rádio, que descobri essa paixão”. Em 1992, fundou a dupla Os Nonatos, com Nonato Costa, parceria que durou até 2018.

Para ele, a volta a João Pessoa em carreira solo carrega significado especial. “Morei na cidade durante 18 anos e é a primeira vez que retorno em carreira solo, agora, para fazer parte de um elenco de peso, tanto da poesia quanto da música”.

No espetáculo, Nonato, que já teve suas composições interpretadas por bandas como Mastruz com Leite, traz sempre aos palcos os sucessos conhecidos do público, como “Mudar pra quê?”, “Ponto final”, “Ponto G”, “Mudança radical”, “Sem chão” e “Astronauta”. No Paulo Pontes

não será diferente, ocasião em que além do repertório, o improviso deve marcar presença. “Costumo sempre trazer versos de improviso entre um bloco e outro, para deixar o espetáculo mais bonito”, atesta.

### Compadre Maciel

Nascido em Afogados da Ingazeira (PE), o cantor e compositor Maciel Melo acredita que todo artista começa brincando e, só depois, com o tempo, torna-se profissional no ofício da música. No seu caso, começou a brincadeira no fim dos anos 1980, quando ainda era um músico desconhecido e lançou seu primeiro disco, *Desafio das Léguas* (1989).

Fazendo jus à tese, reverberou seu profissionalismo em diversos álbuns, a exemplo de *Jeito Maroto* (1999) — no qual canta o principal sucesso de seu cancionista, “Caboclo sonhador”, composto no ano de 1985, mas só estourado no Nordeste no início dos anos 1990, quando foi gravado por Flávio José —, *Isso Vale um Abraço* (2000) ou *Debaixo do Meu Chapéu* (2010) — disco que fez nascer “Tampa de Pedra”, canção conhecida na voz de Santanna, o Cantador.

“Costumo dizer que [‘Caboclo sonhador’] é a minha ‘Asa branca’, porque em todo forró ela está presente”, confessa. Outros títulos, como “Que nem vem vem”, “Dama de ouro” e “Terra prometida”, também fazem parte do repertório de décadas.

Parceiro de Quirino no projeto desde o início, Maciel destaca a inspiração nos menestréis nordestinos: “É aquela coisa do cantor, da interação com a plateia. Misturamos poesia, música, causos e humor. Nonato tinha tudo a ver com o projeto, porque vem da cantoria. Daí, chegamos à conclusão de que Nonato seria a pessoa ideal. Ele é um grande poeta, um grande cantor e uma figura humana da melhor qualidade. Sou fã dele desde o tempo em que fazia a dupla Os Nonatos, ainda quando ganhavam festivais de violeiros”, rememora.

Maciel sempre tentou trazer a poesia para dentro do forró. Tanto que o poeta também incursionou pela literatura, tendo publicado, até aqui, três livros: *O Refúgio das Interrogações e Outras Crônicas* (2018), *O Menino que Sonhava Passarinho* (2022) e o autobiográfico *A Poeira e a Estrada* (2017), ambos pela Editora Imeph. “Durante a pandemia, escrevi outro, de mais de 300 páginas, chamado *A Marca da Cicatriz*, que deve sair em breve”, adianta.

### Cantoria renovada

Jessier Quirino, por sua vez, leva ao palco poemas de seu novo livro, *Eu Pare-*

Nonato Neto: volta a João Pessoa pela primeira vez na carreira solo e bênção de Xangai



Foto: Divulgação/Facebook

ce que Tô Vendo (Editora Bagaço, 2024), além de outros textos e canções já conhecidas. “Coloco novidades, mas também os poemas que o público espera. Normalmente preferimos atender ao desejo de quem vai assistir”, diz ele. Entre as favoritas estão “Paisagem de interior”, “Bolero de Isabel” e “Vou-me embora pro passado”, esta última com mais de oito minutos de duração. “É uma ode ao tempo vivido, um trocadilho com ‘Vou me embora pra Pasárgada’, de Manuel Bandeira”, comenta.

Também no campo digital, o poeta mantém o canal *Papel de Bodega*, no YouTube, com entrevistas e histórias gravadas. Ele observa que a internet veio para transformar a cena da poesia popular: “Nós trabalhamos poesia com começo, meio e fim. Essa geração criou os *drops*, recortes curtos que funcionam bem nas plataformas. Eles já produzem nesse formato e alcançam públicos diferentes. Eu vejo com bons olhos”.

Para Nonato, essa renovação é evidente: “Enquanto muitos dizem que a poesia vai se acabar, eu vejo o contrário. Há uma renovação muito grande, com jovens cada vez mais curiosos, atualizados e sensíveis às causas que fazem parte do mundo da cantoria”.

Já Maciel Melo reforça que, mesmo diante das inovações, a preservação das tradições também é importante para o futuro da arte. “Os gestores e produtores deveriam dar mais prioridade ao forró no mês de junho. A trilha sonora do São João é o forró, é a música nordestina. Outros ritmos podem vir, mas quem reina de fato nesse período é o forró”, afirma.

Depois de passar ontem por Campina Grande, *Palavra e Cantoria* chega a João Pessoa evocando todo o valor da cultura popular nordestina, renovada por um trio de herdeiros legítimos.



Foto: Divulgação/Max Barão

Jessier Quirino: músicas e poemas que saúdam um jeito de viver de antigamente, mas com uso da internet



Por meio do QR Code acima, acesse o site para compra de ingressos

### ONDE:

■ TEATRO PAULO PONTES (Espaço Cultural, R. Abdias Gomes de Almeida, nº 800, Tambauzinho, João Pessoa).

## Artigo

Estevam Dedalus  
Sociólogo | Colaborador

## Tempo, envelhecimento e a curva da felicidade

O tempo é percebido pela mudança. Se as coisas não mudassem, não teríamos nenhuma referência que nos permitisse percebê-lo. No mundo físico, a matéria e a energia estão em constante movimento, podendo assumir diferentes formas. Essa é uma característica da realidade material. Tudo que existe muda, tudo que muda passa a ser outra coisa.

O filósofo Immanuel Kant dizia que o tempo é uma pré-condição da noção de causalidade. Isso porque essa noção depende, do ponto de vista fenomenológico, da percepção de “antes e depois”. Quando acendemos um fósforo, por exemplo, riscando-o na lateral da caixa de papelão, a fricção produzirá uma chama. O ato é percebido em momentos temporalmente distintos, que compreenderão o atrito e o fogo.

É no corpo, porém, que notamos mais nitidamente a passagem do tempo. Nas transições do caminho que nos leva da infância à fase adulta, ao envelhecimento e à morte. Somos antes de tudo um corpo do qual a consciência é um produto.

Por mais inevitável que seja a mudança, nem sempre estamos em condições de aceitá-la com naturalidade. Arnaldo Antunes aborda essa experiência na canção “Não vou me adaptar”. O eu-lírico reflete sobre não ser mais criança e o desamparo da vida adulta: “Eu não caibo mais nas roupas que eu cabia/ Eu não encho mais a casa de alegria/ Os anos se passaram en-

quanto eu dormia/ E quem eu queria bem me esquecia...”.

Noutra estrofe expressa o assombro de se ver envelhecido no espelho: “Eu não tenho mais a cara que eu tinha/ No espelho essa cara já não é minha/ Mas é que quando eu me toquei achei tão estranho/ A minha barba estava deste tamanho...”.

E conclui numa declaração de desencanaixe com sua nova condição: “Será que eu falei o que ninguém ouvia?/ Será que eu escutei o que ninguém dizia?/ Eu não vou me adaptar, me adaptar/ Não vou!/ Não vou me adaptar!/ Eu não vou me adaptar!”.

O tempo e o envelhecimento têm também uma dimensão social. A antropóloga Mirian Goldenberg observou como os modos de envelhecer são profundamente afetados pelas expectativas sociais e de gênero. Homens e mulheres vivenciam o envelhecimento de jeitos diferentes. Os homens têm preocupação menor com a aparência, o que pode mudar quando são acometidos por alguma doença ou limitação física. Não dão muita importância às roupas, isto é, ao estilo de se vestir. Salvo, em situações sociais que os forcem a isso.

As mulheres, por outro lado, demonstram uma dificuldade maior com os traços visíveis do envelhecimento. O aparecimento de rugas, os cabelos brancos, a flacidez e a gordura são causas de desconforto, levando a cuidados com a pele e com procedimentos estéticos. As pesquisas de Goldenberg reve-

lam que o modo de se vestir é afetado e cria nas mulheres a busca por adequação social. As roupas funcionam assim como marcadores sociais das idades.

Elas sofrem enorme pressão social em relação à beleza — que pode ser vista como um capital. Isso implicaria num esforço emocional que, muitas vezes, é adoeecedor. Goldenberg descobriu que aos 60 anos as mulheres declaram sentir esse peso diminuir. É o que chamamos de curva da felicidade. Uma fase em que elas se sentem mais livres e autônomas, dão menos importância às pressões sociais sobre a beleza e valorizam mais os afetos, o lazer e as amizades.

As amigas são ainda mais fundamentais para as mulheres nessa fase, operando como uma rede de apoio emocional, que resulta do compartilhamento de experiências, acolhimento e segurança. São trocas sociais que ajudam a fortalecer a autoconfiança e a autoestima em relação ao corpo e ao envelhecimento. As amigas passam a serem vistas como companheiras de vida.

É um momento no qual as mulheres priorizam o companheirismo e os interesses comuns em relação às suas vidas amorosas. Isso faz com que homens experientes e com mais profundidade emocional sejam mais valorizados por elas, no mesmo movimento de procura por conexões fortes que permitam que compartilhem suas vulnerabilidades e emoções de forma livre e transparente.

## Estética e Existência

Klebber Maux Dias

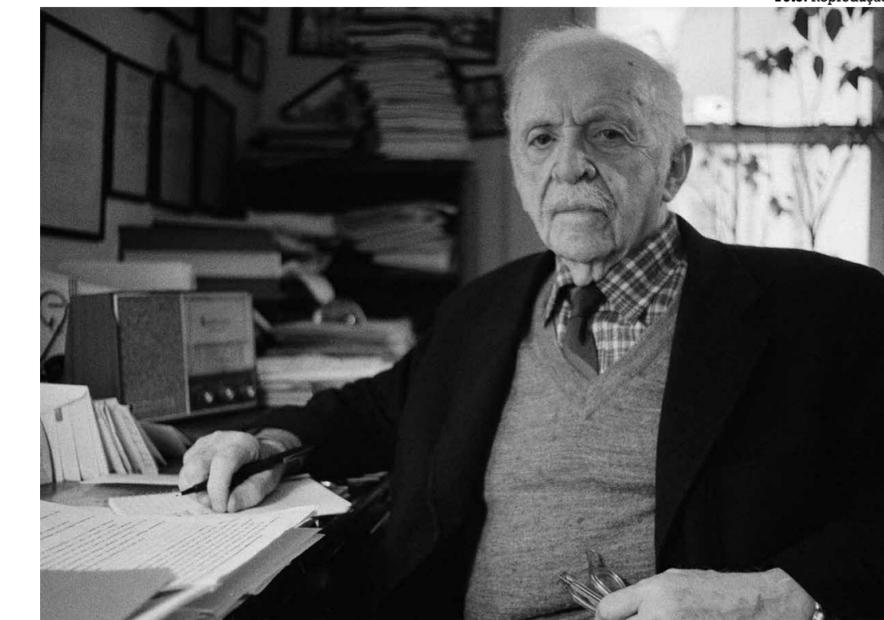
klebmaux@gmail.com | Colaborador

## Desejo, repressão e compensação

Edward Louis Bernays (1891-1995) foi um dos arquitetos da manipulação moderna da opinião pública. Sua relevância decorre do modo como traduziu conceitos psicanalíticos para o campo da Comunicação e da Propaganda. Inspirado pelas teorias de seu tio, Sigmund Freud (1856-1939), Bernays enxergava os desejos ocultos como forças determinantes no comportamento humano, os quais podiam ser explorados, estrategicamente, para moldar escolhas, hábitos e valores.

A perspectiva psicanalítica parte da ideia de que grande parte da vida psíquica é inconsciente. Freud já havia demonstrado que o sujeito é movido por pulsões e desejos recalçados, que se manifestam por meio de sintomas, atos falhos e formações substitutivas. Bernays, atento a essa concepção, percebeu que esses mesmos mecanismos poderiam ser mobilizados no campo social e político. Assim, a publicidade, a propaganda e as relações públicas tornaram-se tecnologias de manipulação simbólica do inconsciente coletivo.

Para Bernays, os indivíduos não agem primordialmente de maneira racional. Embora possam acreditar que compram um produto ou defendem uma ideia por motivos conscientes e objetivos, na realidade são conduzidos por necessidades emocionais e simbólicas. O consumo, nesse sentido, não é apenas um ato de satisfação material, mas também uma forma de suprir carências afetivas, de obter reconhecimento social ou de expressar identidade. Essa tese é nuclear na aplicação que Bernays fez da psicanálise à propaganda: não se vende um objeto, mas um significado. O cigarro, por exemplo, não deveria ser apresentado como simples mercadoria de tabaco, mas como símbolo de liberdade, sofisticação ou



Edward Louis Bernays traduziu conceitos psicanalíticos para o campo da comunicação e da propaganda

emancipação. Na prática, é uma estratégia para associar o ato de fumar a um desejo inconsciente de igualdade e poder. O automóvel não se reduz a um meio de transporte, mas encarna *status* e virilidade. Tais associações simbólicas respondem diretamente a desejos ocultos, situados na esfera inconsciente.

A psicanálise enfatiza que o desejo humano é estruturado pela falta. Como a satisfação plena é impossível, os indivíduos buscam objetos substitutivos que lhes prometam compensação. Bernays compreendeu que a publicidade poderia explorar essa dinâmica: ao associar um produto a uma promessa simbólica, cria-se a ilusão de que aquele objeto preencherá o vazio interior do sujeito. Esse mecanismo articula-se com o conceito freudiano de sublimação, processo pelo qual impulsos inconscientes encontram saídas socialmente aceitáveis. Ao transformar o consumo em canal de expressão de desejos reprimidos, a propaganda opera como espécie de válvula de

escape, permitindo que pulsões recalçadas convertam-se em práticas economicamente úteis. Outro aspecto explorado por Bernays foi a fusão entre inconsciente e medo. Freud já havia indicado que a angústia é um dos afetos fundamentais que atravessam o psiquismo humano. Na esfera social, o medo da exclusão, do fracasso ou da desaprovção coletiva pode ser manipulado para induzir comportamentos. A propaganda, nesse sentido, não apenas excita desejos positivos, mas também mobiliza ansiedades inconscientes. Produtos e ideias são oferecidos como respostas simbólicas a esses medos, conferindo ao sujeito uma sensação de segurança. Por exemplo, campanhas de higiene pessoal e beleza não vendem apenas sabonetes ou cosméticos, mas a promessa de aceitação social e a fuga da rejeição. Da mesma forma, campanhas políticas podem despertar o temor do caos ou da ameaça estrangeira para legitimar lideranças que se apresentam como garantidoras da ordem.

A utilização da psicanálise por Bernays levanta questões éticas fundamentais. Se os desejos ocultos determinam grande parte do comportamento humano e se especialistas em Comunicação são capazes de manipulá-los, surge o risco de reduzir os indivíduos a marionetes do mercado e da política. A promessa de liberdade individual converte-se em mecanismo de controle invisível. A sua obra revela os processos simbólicos e inconscientes são centrais para a vida social. A publicidade, a política e a cultura popular ampliam o alcance da psicanálise para além do consultório.

Sinta-se convidado à audição do 537º Domingo Sinfônico, que ocorrerá neste dia 28, das 22h às 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5, ou você pode acessar pelo aplicativo em <https://radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm>. Durante a transmissão, comentarei a interpretação da mezza-soprano letã Elina Garanča (1976).

Kubitschek  
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

## Funeral do amor

O poeta Vinícius de Moraes tratou o fim do amor como algo ainda existente, expandido e doloroso: “Encontrei em você, a razão de viver e de amar em paz e não sofrer mais, nunca mais. O amor é a coisa mais triste quando se desfaz”.

Pensando no poeta, e não no amor, algo coincide com os espaços da alma, do corpo e do juízo final.

Fui ao funeral do amor. Pouca gente em cenas ocasionais, sem reciprocidades. O amor deitado, inerte, silencioso. Pensei em discursar usando o verbo crente, mas nenhum verbo é crente, sequer, o verbo amar. Nem as palavras se calam, elas se movem e morrem com os amores.

Talvez tenham outros sons e pronúncias, talvez esbarrem na Ilha Desconhecida de Saramago, ou em estrangeirismos sem conclusões. Ou no velho paletó que enlaza o vestido.

Não, não sei escrever sobre a morte do amor, apenas uma frase invisível e enfática e uma dúvida bem batida: tudo é da boca para fora. Aliás, na dúvida, é melhor não discursar no velório do amor. Vou dobrar a esquina das Nações Unidas, onde ficou o olhar de nada encontrar.

Na calçada do antigo cinema Plaza, outra cena inesquecível: era noite do *Império dos Sentidos*, que nos levou para o Japão, 1936, onde Sada (Eiko Matsuda), uma funcionária inicia um amor com Kichizo (Tatsuya Fuji), seu patrão. Sem problemas, ovo cozido, proteína, sexo e morte.

O que parecia uma diversão de adolescentes, logo se transformou em uma intensa viagem regida sem a certeza da finitude. Para os amores não existem fronteiras no mais completo êxtase. É o amor louco, acelerado, mas o amor tem dessas coisas — possantes, cilindradas mortas.

Um destinatário que não o mundo, que não a saudade de passar dias na companhia do amor, mas esse amor tirou leite de pedra.

Na primeira pessoa para uma terceira pessoa que permaneçam as gargalhadas e a promessa de casamento nas Torres de Gaudi.

Saio sozinho do velório, com a receita do amor nas mãos, o celular e uma pistola, passo pelas farmácias e igrejas e reencontro a beleza no engelhar da vida, na aceitação do presente, sem o consentimento do tempo que expõe a imunidade emocional.

A música de Belchior diz que precisamos todos é de oferecer, a canção “Velha roupa colorida” que é, na verdade, uma crítica a permanência de velhos hábitos e a resistência à mudança, sugerindo que o importante é superar o passado e a rigidez para que a evolução seja possível.

No entorpecer dos músculos, a sacada é outra, dos enganos e a interiorização do limite, mas tudo tem limite, menos a afinação dos sentidos.

O falir da memória é certamente o mais cruel de todos os desenganos, que mexe até com o polimento dos princípios da suavização de tantos amores e horrores.

Já passa da hora de fingir o cansaço, com o consentimento do sentimento. Não gostei de ter ido ao funeral do amor, mas eu estava lá no *Império dos Sentidos*.

Por isso, o amor já não é mais a coisa mais triste quando se desfaz.

## Kapetadas

1 – Nem toda escada leva a um lugar mais alto.

2 – Fazer o que agrada a todos, não trará riqueza e nem liberdade.



“Império dos Sentidos”: amor sem fronteiras e completo êxtase

Colunista colaborador

# Coisas de Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | Colaborador

## Estirpe que apoiou o feito de “Aruanda”

Ao tomar posse da cadeira 27 da Academia Paraibana de Cinema, evento ocorrido recentemente na Fundação Casa de José Américo, o confrade André Cananéa nos trouxe um interessante relato sobre as origens do documentário *Aruanda*. Tema relatado em sua exposição em entrevista ao jornal *A União*.

Segundo Cananéa, o cinema está em suas origens. Disse isso, referindo-se ao seu avô Simeão Cananéa, à época juiz da comarca de Santa Luzia, no Alto Sertão paraibano: “Foi ele quem providenciou o transporte para o cineasta Linduarte e sua equipe à Serra do Talhado, em lombo de jumento”. Uma saga lembrada até hoje, na história da realização de *Aruanda*.

Mas o que mais motivou interesse do nosso atual confrade pelo cinema foram os “papos” de André com o próprio Linduarte Noronha, quando esse era seu professor na Universidade Federal da Paraíba. “Foi ele quem me deu as primeiras informações. Eu me sinto orgulhoso em poder contar isso”. E reforça: “À medida que eu envelheço, a paixão pelo cinema aumenta muito mais do que por música”.

Particularmente, a minha relação com Cananéa advém da troca habi-



André Cananéa: família ligada a “Aruanda”

tual de mensagens, que sempre mantivemos, sobre cultura e comunicação, com destaque para o jornalismo. Sobre nossa parceria, até já fiz referência em artigo anterior, nesta mesma coluna: “Temos convivido o dia a dia em nossa mídia impressa. Ele, na diversidade do seu notório conhecimento, abordando os segmentos de artes, enquanto eu revendo as Coisas de Cinema”.

Na realidade, e como já é sabido,

o jornalista André Cananéa tem se mostrado sempre presente, não só através das ondas do rádio, do qual faz parte, mas também citando os programas de filmes atualmente em cartaz.

Quando era editor do *Correio das Artes*, suplemento mensal do jornal *A União*, lembro que busquei Cananéa para publicação de um trabalho sobre o cinema paraibano, no que fui prontamente atendido. O tema representava a introdução que fiz para a minha tese na Universidade de Brasília e discutia a questão da linguagem fílmica a partir da elipse, como elemento gramatical narrativo no cinema. Uma outra ocasião que buscamos André Cananéa, ainda editor do *Correio das Artes*, foi quando reformulamos os estatutos da Academia Paraibana de Cinema, ainda na gestão de Zezita Matos como presidente da Academia Paraibana de Cinema (APC).

A posse de Cananéa na APC foi bastante prestigiada, comandada pelo presidente da entidade João de Lima Gomes e presença do vice-presidente Mirabeau Dias, com participação dos conselheiros Alex Santos e Manoel Jaime Xavier. – *Para mais Coisas de Cinema, acesse: www.alexasantos.com.br.*



## APC prestigia festival de cinema do Talhado

O segundo Festival Talhado no Cinema, que será aberto na próxima sexta-feira (3), indo até o dia 6, terá o apoio da Academia Paraibana de Cinema e do CCTA/Decom/Nudoc da Universidade Federal da Paraíba. O evento será aberto por representantes de órgãos públicos e culturais na cidade de Santa Luzia, Alto Sertão paraibano.

A Academia Paraibana de Cinema deve fazer parte do evento, a partir de membros de sua diretoria e conselho, como proposta de interiorização cultural e de apoio às atividades cinematográficas estaduais.

## LIVRO

# Clássico da teoria marxista ganha reedição

Eduardo Augusto  
 Especial para a *A União*

Uma ferramenta teórica essencial para decifrar os dilemas históricos da América Latina e suas expressões contemporâneas. Acaba de ser lançada uma nova edição do livro *Dependência e Revolução na América Latina: Textos Selecionados (1972-1994)*, do intelectual brasileiro Ruy Mauro Mari-

ni (1932-1997). A publicação é uma iniciativa conjunta da Editora Expressão Popular, da Editora da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Edunila), e conta com a organização dos professores Rodrigo Castelo e Fernando Correia Prado.

A obra reúne um conjunto de textos escritos por Marini durante mais de duas décadas, consideradas o ápice de sua

produção intelectual. Nelles, o leitor encontrará a elaboração mais sofisticada de conceitos cruciais como “subimperialismo”, “superexploração da força de trabalho” e o “ciclo do capital” nas economias dependentes. Marini, um dos expoentes da Teoria da Dependência, argumenta que o desenvolvimento do capitalismo na periferia não é uma etapa rumo à maturidade das economias centrais, mas, sim, um processo distinto e contraditório, que gera e aprofunda desigualdades para transferir riquezas ao centro do sistema.

Para os organizadores, esta coletânea vai além do valor histórico. “Reler Marini hoje não é um exercício de arqueologia intelectual; é uma necessidade para compreender as novas formas de dependência e os desafios que os povos latino-americanos enfrentam no século 21”, afirma Rodrigo Castelo.

“Sua análise sobre como a integração subordinada ao mercado mundial perpetua a vulnerabilidade e a violência social mantém uma assustadora atualidade”, completa Fernando Correia Prado.

A relevância do pensamento de Marini ressurgem em um contexto de crise multidimensional no capitalismo global, com a reprim-

arização de economias latino-americanas, a intensificação da espoliação de recursos naturais e o avanço de agendas neocoloniais. Sua teoria oferece um marco analítico robusto para entender por que a região, mesmo com mudanças de governo e ciclos de crescimento, permanece refém de uma inserção internacional que limita sua soberania e aprofunda injustiças sociais.

Para a teoria marxista latino-americana, a obra de Marini é um pilar. Ele foi um dos principais responsáveis por adaptar e desenvolver o materialismo histórico a partir da realidade concreta do subcontinente, rompendo com interpretações eurocêntricas. Sua contribuição inaugurou uma tradição de pensamento crítico autóctone, que influenciou gerações de cientistas sociais, economistas e militantes políticos.

O lançamento desta edição, por uma editora popular em parceria com uma universidade dedicada à integração regional, simboliza o compromisso de tornar acessível um pensamento estratégico para a emancipação latino-americana.

*Dependência e Revolução na América Latina* não é apenas um livro, é um convite à reflexão e à ação, um chamado para que as novas gerações se apropriem das ferramentas críticas necessárias para construir projetos de sociedade verdadeiramente soberanos e justos.

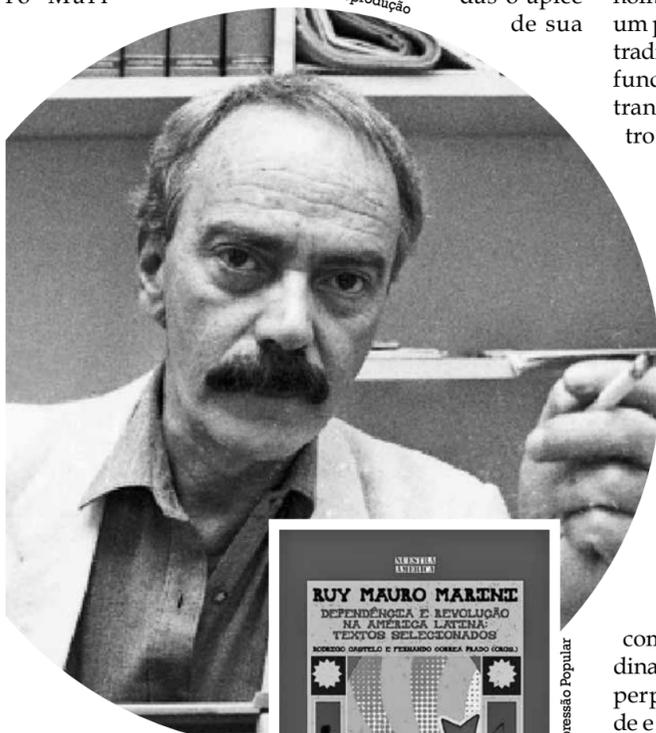


Imagem: Divulgação/Expressão Popular

Livro reúne textos de Marini escritos ao longo de duas décadas, considerados o ápice de sua produção intelectual

# Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

## Conexões intersubjetivas

O que Maurice Druon, na possível organização de uma biblioteca, chama de “famílias de espíritos”, eu chamo de conexões intersubjetivas. Decerto, uma nomenclatura mais elástica e mais flexível, se considerarmos os múltiplos elos que podem ligar autores e obras.

Tenho me valido desse curioso critério na organização de algumas estantes de minha amada biblioteca. Não digo que o utilize de maneira permanente, pois simpatizo com o método fluido de Aby Warburg, segundo o qual a ordem, ora estabelecida, pode e deve ser desordenada de acordo com os interesses e as paixões do usuário.

Isso quer dizer que uma ou duas estantes passam certo tempo arrumadas de um jeito, embora, em outras circunstâncias, venham a assumir nova organização. Os livros também mudam de lugar. Mudam, para atender a este ou aquele dispositivo lógico dentro das conexões intersubjetivas.

O critério me parece muito proveitoso, sobretudo, quando estou estudando um assunto ou um autor. Aqui, a arrumação dos livros funciona como estratégia de acesso ao conhecimento, proporcionando tensões e diálogos, condensações e deslocamentos, aproximações e antagonismos que tornam a biblioteca uma entidade móbil e viva.

Atento à singularidade da poesia de Augusto dos Anjos, por exemplo, quis, certa feita, colocar, ao lado do *Eu e Outras Poesias*, o material de que dispunha e que com ele, o livro, firmasse alguma conexão intersubjetiva. Parti da leitura dos poemas e fui, aos poucos, catalogando nomes e marcas textuais que, direta ou indiretamente, encontram-se embutidos na música, nas imagens e nas ideias do grande elegíaco.

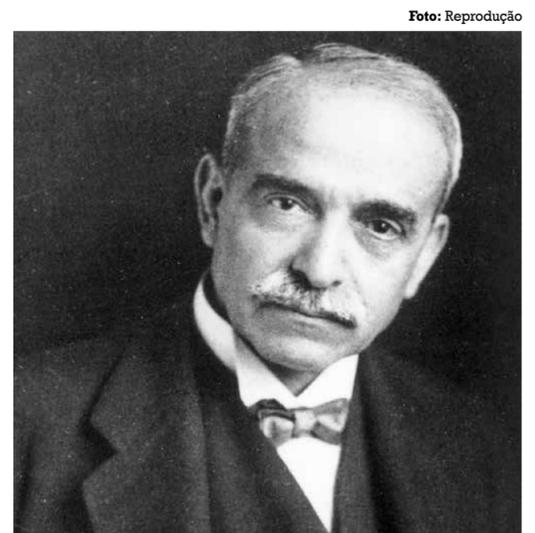
Claro, além dos títulos que compõem sua vasta fortuna crítica, fui juntando os nomes de gente, como Buda, Schopenhauer, Spencer, Hakael, Darwin, Comte, Shakespeare, Braudelaire, Cesário Verde, Euclides da Cunha e os expressionistas alemães: Gottfried Been, Georg Trakl e Georg Heym.

Ninguém pode negar que a dicção lírica do poeta paraibano se confronta com essas vozes que vêm da ciência, da filosofia, das artes e das letras, e que, a partir das quais, enquanto “demônios culturais” de sua formação, Augusto edificou seu monumento literário e poético.

Organizadas assim, para me facilitar a convivência estudiosa com a sua poesia e para verificar, em outra medida, os liames que ela cultiva com a tradição e o espectro literário vindouro, essas duas ou três estantes resistem por um determinado período. Precisamente o período que dura a minha escolha temática ou autoral. A minha obsessão!

Tenho feito isso ao longo do tempo. Organizar os livros com base no postulado das conexões intersubjetivas me parece um modo de conviver mais intimamente com a minha biblioteca. Um modo sutil de explorar a riqueza de seus conteúdos, um modo cotidiano de conhecer seus bens materiais, porém, principalmente, sua geografia espiritual e simbólica.

Afinal, para mim a ordenação de uma biblioteca deve ser feita, desfeita e refeita a cada momento. O livro nunca deve estar num mesmo lugar. Sobremaneira, nunca deve estar fechado. Livro fechado, alguém já disse, é livro morto.



Aby Warburg: método fluido de arrumação de estantes

Colunista colaborador

## CINEMA

# Marcélia Cartaxo na tela do Bangüê

“A Praia do Fim do Mundo” tem última sessão do mês amanhã à noite, no cinema do Espaço Cultural

Esmejoano Lincol  
esmejoanolincol@hotmail.com

Há algumas semanas, quando Marcélia Cartaxo recebeu uma homenagem no Festival de Cinema de Gramado, A União ouviu o realizador Cristiano Burlan, com quem ela havia trabalhado no filme *A Mãe*. Na ocasião, o artista disse que para compor sua protagonista, não foi preciso que a paraibana tivesse uma experiência materna pessoal. Marcélia volta a emprestar corpo e voz para mais uma mãe perdida na tormenta em *A Praia do Fim do Mundo*, de Petrus Cariry, em cartaz no Cine Bangüê do Espaço Cultu-

ral (Tambauzinho, em João Pessoa). Ele pode ser visto amanhã, em sua última sessão no mês, a partir das 20h30. Os ingressos custam R\$ 5 (meia) e R\$ 10 (inteira).

Marcélia interpreta Helena, que vive refém das memórias do marido — desaparecido há muitos anos em alto mar. Ela vive com a filha Alice (Fátima Macedo) na fictícia Ciarema, comunidade litorânea do Ceará. O local sofre com o avanço da maré, que destrói as casas; a problemática é inspirada por um dado real, a erosão que afeta uma parte considerável do estado — 47%, segundo pesquisa da Universida-

de Estadual do Ceará (Uece). Alice tenta tirar sua mãe de lá, mas Helena resiste, absorva em visões e fantasias.

Rememorando as gravações do longa-metragem, Marcélia diz que o início da produção foi marcado pelas restrições sanitárias da pandemia e por um período de incertezas quanto à continuidade imediata do projeto. Todavia, ela destaca o quanto importante foi para a equipe estar presente naquele cenário.

“Aquele mar embaixo, batendo, batendo... Foi incrível porque, além de falar do meio ambiente, o filme possui outras camadas, que falam dessas relações humanas entre mãe e filha naquele lugar, que foi se transformando”, conta.

Sobre sua primeira colaboração com Petrus Cariry, cearense, Marcélia diz que sempre admirou o diretor, a partir das colaborações anteriores deste com muitos atores paraibanos, a exemplo de Zezita

Matos (em *Mãe e Filha*, de 2011) e Buda Lira (em *Mais Pesado É o Céu*, de 2024). “Sempre tive o desejo de trabalhar com os Carirys (além de Petrus, Rosemberg, o pai, e Bárbara, a irmã). E um dia, o telefone tocou com o convite. Fiquei feliz da vida. Chegamos para trabalhar embarcando em cada ‘escombros’ da história”, assinala.

A protagonista do clássico *A Hora da Estrela* (filme de Suzana Amaral, baseado na obra de Clarice Lispector) celebra o atual momento da sétima arte no Brasil, incrementado pelos êxitos em salas de cinema e pelo sucesso em premiações como o Oscar.

“Espero que a gente tenha todas as oportunidades possíveis e imagináveis com o nosso audiovisual. E que o Brasil inteiro entre na onda de festivais, de circuitos, para que a gente possa se comunicar com nossas histórias e memórias. Vamos juntos, num bloco só!”, conclui Marcélia Cartaxo.

## ONDE:

■ CINE BANGÜÊ  
(Espaço Cultural, R. Abdias Gomes de Almeida, nº 800, Tambauzinho, João Pessoa).

Marcélia Cartaxo interpreta a mulher que não quer deixar sua casa, mesmo com a ameaça do avanço do mar

## Em Cartaz

### Cinema

Programação de 25 de setembro a 1ª de outubro, nos cinemas de João Pessoa: Campina Grande, Patos, Guarabira e Remígio.

\* Até o fechamento desta edição, o Cine Vieira, em São Bento, não havia divulgado sua programação.

#### ESTREIAS

**UMA BATALHA APÓS A OUTRA** (*One Battle after Another*). EUA, 2025. Dir.: Paul Thomas Anderson. Elenco: Leonardo DiCaprio, Sean Penn, Benicio Del Toro. Aventura/drama. Ex-revolucionários se unem para salvar a filha de um deles quando seus inimigos retornam após 16 anos. 2h41. 16 anos.

**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 3 (Átmos): leg.: 16h30; dub.: 20h. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 17h15, 20h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 13h, 16h30, 20h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 17h45, 21h. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 20h20. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 17h15. CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: 14h45. CINESERCLA TAMBIA 6: dub.: 20h. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 14h45. CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: 20h. CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 17h15. CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 20h20. Patos: CINE GUEDES 2: dub.: dom.: 14h45, 17h30, 20h30; seg. a qua.: 17h30, 20h30. PATOS MULTIPLEX 3: dub.: 20h20. Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dub.: seg. a qua.: 16h15. Remígio: CINE RT: dub.: dom. e ter.: 15h30; seg. e qua.: 20h15.

**MISSÃO PET** (*Falcon Express*). França/EUA, 2025. Dir.: Benoît Daffis e Jean-Christian Tassy. Animação/ aventura. Animais enfrentam texugo vingativo em trem em alta velocidade. 1h39. Livre.

**João Pessoa:** CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 13h, 15h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 13h50, 15h45.

**NE ZHA 2 – O RENASCER DA ALMA** (*Ne zha – Mo Tong Nao hHai*). China, 2025. Dir.: Yu Yang. Animação/ aventura. Dois espíritos enfrentam desafios para reconstruir seus corpos. 2h24. 14 anos.

**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 2: dub.: 17h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: 17h45. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 15h. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 15h.

**ZOOPOCALIPSE – UMA AVENTURA ANIMAL** (*Night of the Zoopocalypse*). Canadá/Bélgica/França, 2025. Dir.: Ricardo Curtis e Rodrigo Pérez-Castro. Animação/ comédia. Meteorito libera vírus que transforma animais de zoo em zumbis. 1h31. 10 anos.

**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 1: dub.: dom.: 14h, 16h; seg. a qua.: 16h. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: dub.: 13h15, 15h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 14h, 16h15. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: dom.: 15h10, 17h, 18h55; seg. a qua.: 17h, 18h55. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: dom.: 15h10; seg. a qua.: 17h, 18h55. Patos: CINE GUEDES 1: dub.: 16h30. CINE GUEDES 3: dub.: 15h. PATOS MULTIPLEX 3: dub.: dom.: 14h30; seg. a qua.: 15h. PATOS MULTIPLEX 4: dub.: 18h50. Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: dom.: 14h15, 16h15; seg. a qua.: 16h15. Remígio: CINE RT: dub.: dom. e ter.: 14h; sáb., seg. e qua.: 18h45.

#### ESPECIAL

BTS LIVE – THE MOST BEAUTIFUL MO-

MENT IN LIFE ON STAGE – EPILOGUE (*BTS Live – The Most Beautiful Moment in Life on Stage – Epilogue*). Coreia do Sul, 2016. Documentário/show. Registro de apresentação da boy band sul-coreana. 1h40. 16 anos.

**João Pessoa:** CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE): leg.: dom.: 16h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: dom.: 16h30. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 3: leg.: dom.: 17h.

**BTS LIVE TRILOGY – EPISODE III – THE WINGS TOUR – THE FINAL** (*BTS Live Trilogy – Episode III – The Wings Tour – The Final*). Coreia do Sul, 2017. Documentário/show. Registro de apresentação da boy band sul-coreana. 1h45. Classificação não informada.

**João Pessoa:** CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE): dub.: dom.: 19h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: leg.: dom.: 19h. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 3: leg.: dom.: 19h. Patos: PATOS MULTIPLEX 1: dub.: dom.: 16h.

**MEMÓRIAS DE ONTEM** (*Omohide Poro Poro*). Japão, 1991. Dir.: Isao Takahata. Animação/ drama. Mulher viaja para o campo enquanto lembra da infância em Tóquio. 1h59. Livre.

**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 4: leg.: seg.: 18h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: seg.: 19h.

**MEU AMIGO TOTORO** (*Tonari no Totoro*). Japão, 1988. Dir.: Hayao Miyazaki. Animação/ comédia. Meninas se aventuram com os espíritos da floresta. 1h26. Livre.

**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 4: leg.: seg.: 16h45.

**NAUSICÁ DO VALE DO VENTO** (*Kaze No Tami No Naushika*). Japão, 1984. Dir.: Hayao Miyazaki. Animação/ aventura. Em planeta moribundo, princesa luta para evitar que duas nações se destruam. 1h57. 10 anos.

**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 4: leg.: dom.: 16h15.

**PORCO ROSSO – O ÚLTIMO HERÓI ROMÂNTICO** (*Kurenai no Buta*). Japão, 1992. Dir.: Hayao Miyazaki. Animação/ aventura. Na Itália dos anos 1930, piloto veterano convive com sua aparência de porco. 1h34. Livre.

**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 4: leg.: dom.: 18h45; qua.: 16h30.

**O SERVIÇO DE ENTREGAS DA KIKI** (*Majo no Takkyūbin*). Japão, 1989. Dir.: Hayao Miyazaki. Animação/ aventura. Jovem bruxa administra correio aéreo. 1h43. Livre.

**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 4: leg.: ter.: 18h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: dom.: 16h.

**A VIAGEM DE CHIHIRO** (*Sen to Chihiro no Kamikakushi*). Japão, 2001. Dir.: Hayao Miyazaki. Animação/ aventura. Menina entra em um mundo de monstros e espíritos. Oscar de filme de animação. 2h04. Livre.

**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 1: leg.: ter.: 18h30. CENTERPLEX MAG 4: leg.: qua.: 18h45.

**VIDAS AO VENTO** (*Kaze Tachinu*). Japão, 2013. Dir.: Hayao Miyazaki. Animação/ drama. Designer de aviões tem conflito quando o Japão entra na Segunda Guerra Mundial. 2h06. 12 anos.

**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 4: leg.: ter.: 16h15.

#### RELANÇAMENTO

**O QUATRILOHO** Brasil, 1995. Dir.: Fábio Barreto. Elenco: Glória Pires, Patrícia Pillar, Alexandre Pasternak, Bruno Campos. Drama/ romance. Dois casais de imigrantes italianos

são abalados quando surge uma traição entre eles. 1h32. Livre.

**João Pessoa:** CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dom.: 18h30, 21h; seg.: 16h45, 21h30; ter.: 16h45, 20h45; qua.: 16h45, 21h.

#### CONTINUAÇÃO

**ANIMAIS PERIGOSOS** (*Dangerous Animals*). Austrália/EUA/ Canadá, 2025. Dir.: Sean Byrne. Elenco: Hassie Harrison, Jai Courtney. Suspense. Surfista é sequestrada por serial killer obcecado por tubarões. 1h38. 18 anos.

**João Pessoa:** CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: 20h45. Patos: CINE GUEDES 3: dub.: 19h20.

**APANHADOR DE ALMAS**. Brasil, 2025. Dir.: Fernando Alonso e Nelson Botter Jr. Elenco: Klara Castanho, Angela Dippe. Terror. Amigas ficam presas em dimensão de onde só uma poderá escapar. 1h39. 14 anos.

**João Pessoa:** CINÉPOLIS MANAÍRA 2: 14h, 16h15, 18h30, 20h45.

**OS CARAS MALVADOS 2** (*The Bad Guys 2*). EUA, 2025. Dir.: Pierre Perifel e JP Sans. Animação/ comédia. Ex-bandidos são coagidos a fazer um “último trabalho”. 1h44. Livre.

**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 4: dub.: 14h.

**C.I.C. – CENTRAL DE INTELIGÊNCIA CEARENSE** Brasil, 2025. Dir.: Halder Gomes. Elenco: Edmilson Filho, Alana Ferri, Gustavo Falcão. Comédia/ aventura. Agente secreto brasileiro enfrenta organização criminosa internacional. 1h38. 14 anos.

**João Pessoa:** CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dom.: 13h45; seg. a qua.: 14h30.

**DEMON SLAYER – CASTELO INFINITO** (*Gekijō-ban Kimetsu no Yaiba – Mugen Jō-hen*). Japão/EUA, 2025. Dir.: Haruo Sotozaki. Animação/ aventura. Caçadores de demônios lutam batalha decisiva. 2h35. 18 anos.

**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 1: qui. a seg. e qua.: 18h; leg.: 21h; ter.: dub.: leg.: 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: dub.: 13h30, 16h45; leg.: 20h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: dom.: 13h30, 21h30; seg.: 14h45, 21h15; ter.: 14h45, 18h, 21h15; qua.: 15h30, 21h30. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 20h15. CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: 17h40. CINESERCLA TAMBIA 6: dub.: 14h40. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 17h40. CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: 14h40. CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 20h15. Patos: CINE GUEDES 1: dub.: 18h15. PATOS MULTIPLEX 1: dub.: dom.: 20h; seg. e ter.: 19h30. PATOS MULTIPLEX 3: dub.: dom.: 16h40; seg. a qua.: 17h10. Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: dom.: 20h40; seg. a qua.: 20h20. Remígio: CINE RT: dub.: dom. e ter.: 18h20; seg. e qua.: 14h.

**A GRANDE VIAGEM DA SUA VIDA** (*A Big Bold Beautiful Journey*). Irlanda/EUA, 2025. Dir.: Kogonada. Elenco: Colin Farrell, Margot Robbie, Phoebe Waller-Bridge. Romance. Após flerte, casal é levado a momentos passados no tempo. 1h48. 12 anos.

**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 2: dub.: 15h. CINÉPOLIS MANAÍRA 11: leg.: 13h30, 16h, 18h30, 21h. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 20h45. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: seg. a qua.: 20h45. Patos: CINE GUEDES 1: dub.: 21h10. PATOS MULTIPLEX 1: dub.: seg. e ter.: 16h30. Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: dom.: 18h30; seg. a qua.: 18h10.

**INVOCAÇÃO DO MAL 4 – O ÚLTIMO RITUAL** (*The Conjuring – Last Rites*). Reino

Unido/ EUA, 2025. Dir.: Michael Chaves. Elenco: Vera Farmiga, Patrick Wilson, Elliot Cowan. Terror. Casal de investigadores do sobrenatural reencontra um demônio do começo de suas carreiras. 2h15. 16 anos.

**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 2: dub.: leg.: 20h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 9: dub.: dom. e qua.: 13h30; seg. e ter.: 14h, 17h, 20h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 20h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 14h35. CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: 20h30. CINESERCLA TAMBIA 6: dub.: 17h30. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 20h30. CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: 17h30. CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 14h35. Patos: CINE GUEDES 3: dub.: 16h50, 21h15. PATOS MULTIPLEX 4: dub.: dom.: 15h10, 20h50; seg. a qua.: 15h40, 20h50. Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: seg. a qua.: 20h50. Remígio: CINE RT: dub.: dom. e ter.: 20h50; seg. e qua.: 16h30.

**A LONGA MARCHA – CAMINHE OU MORRA** (*The Long Walk*). EUA, 2025. Dir.: Francis Lawrence. Elenco: Cooper Hoffman, David Jonsson, Mark Hamill. Suspense. Jovens participam de competição onde quem parar de caminhar morre. 1h48. 18 anos.

**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 4: dub.: 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: dub.: 17h45; leg.: 20h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 18h30.

**MINHA FAMÍLIA MUITO LOUCA** (*My Freaky Family*). Alemanha/ Irlanda/ Austrália, 2024. Dir.: Mark Gravas. Animação/ aventura. Menina deseja ter poderes mágicos como o resto de sua família. 1h27. 10 anos.

**Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: dom.: 14h.

**A PRAIA DO FIM DO MUNDO**. Brasil, 2025. Dir.: Petrus Cariry. Elenco: Marcélia Cartaxo, Fátima Macedo, Larissa Góes. Drama. Mãe e filha vivem conflito quando o litoral ameaça derrubar a casa em que vivem. 1h28. 12 anos.

**João Pessoa:** CINE BANGÜÊ: seg., 29/09: 20h30.

**A PRISIONEIRA DE BORDEAUX** (*La Prisonnière de Bordeaux*). França, 2024. Dir.: Patricia Mazuy. Elenco: Isabelle Huppert, Hafsa Herzi, Noor Elmasri. Drama. Duas esposas de presidiários se aproximam. 1h48. 14 anos.

**João Pessoa:** CINE BANGÜÊ: leg.: seg., 29/09: 18h30.

**O REI DA FEIRA**. Brasil, 2025. Dir.: Felipe Joffily. Elenco: Leandro Hassum, Pedro Wagner, Renata Castro, Everaldo Pontes. Comédia/ policial. Detetive que fala com os mortos tenta resolver o assassinato de um feirante. 1h27. 14 anos.

**João Pessoa:** CINÉPOLIS MANAÍRA 7: 13h45, 15h45.

**A SOGRA PERFEITA 2**. Brasil, 2025. Dir.: Cris D’Amato e Bianca Paranhos. Elenco: Cacau Protásio, Evelyn Castro. Comédia. Chegada da sogra portuguesa complica sua rotina de mulher. 1h29. 12 anos.

**João Pessoa:** CINÉPOLIS MANAÍRA 3: 13h, 15h, 17h, 19h, 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: qua.: 13h30.

**SUÇUARANA**. Brasil, 2024. Dir.: Sérgio Borges e Clarissa Camponila. Elenco: Sinara Teles, Carlos Francisco. Drama. Mulher busca de uma terra misteriosa e vai parar numa aldeia de trabalhadores. 1h25. 12 anos.

**João Pessoa:** CINE BANGÜÊ: dom., 28/09: 17h; ter., 30/09: 18h30.

**THIAGO E ÍSIS E OS BIOMAS DO BRASIL**. Brasil, 2024. Dir.: João G. Amorim. Vozes: Neusa de Souza, Falcon Mantovani, Henrique Paulo. Animação/ comédia/ aventura. Pai e filhos percorrem biomas brasileiros, ajudando animais em perigo. 1h31. Livre.

**João Pessoa:** CINE BANGÜÊ: dom., 28/09: 15h.

**O ÚLTIMO AZUL**. Brasil/México/Países Baixos/ Chile, 2025. Dir.: Gabriel Mascaro. Elenco: Denise Weinberg, Rodrigo Santoro, Miriam Socarras. Drama/ aventura. Ao se recusar a cumprir uma medida do governo que isola os idosos, mulher embarca em uma jornada pela Amazônia. Grande prêmio do júri no Festival de Berlim. 1h45. 16 anos.

**João Pessoa:** CINE BANGÜÊ: dom., 28/09: 19h; ter., 30/09: 20h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dom.: 13h, 17h, 19h, 21h; seg. a qua.: 13h30, 15h30, 17h30, 19h30, 21h30.

## Teatro

#### HOJE

**MURILO COUTO**. Comediante apresenta seu solo de stand up *Construindo um Show sobre Casamento*.

**Campina Grande:** TEATRO FACISA (Av. Sen. Argemiro de Figueiredo, 1901, Sandra Cavalcante). Domingo, 28/9, 20h. Ingressos: R\$ 80 (inteira), R\$ 60 + 1 kg de alimento não perecível (solidário) e R\$ 40 (meia), antecipados na plataforma Ingresso Digital.

**NOVELÃO**. Da Cia. Novos Candangos (DF). Peça inspirada em cenas de novelas.

**João Pessoa:** TEATRO EDNALDO DO EGYPTO (Av. Maria Rosa, 284, Manaíra). Domingo, 28/9, 16h e 19h. Entrada franca.

## Música

#### HOJE

**CHORA QUE PASSA**. Show da clarinetista Dany Danttas e da bandolinista Laidia Evangelista.

**João Pessoa:** VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, 8, Varadouro). Domingo, 15/9, 14h. Ingressos: R\$ 15 (promocional) e R\$ 20 (porta), antecipados na plataforma Shotgun.

**JESSIER QUIRINO, MACIEL MELO E NATO NETO**. Artistas apresentam o show *Pr-lavra em Cantoria*.

**João Pessoa:** TEATRO PAULO PONTES (Espaço Cultural, R. Abdias Gomes de Almeida, 800, Tambauzinho). Domingo, 28/9, 19h. Ingressos: R\$ 60 + 1 kg de alimento não perecível (social) e R\$ 20 (meia), antecipados na plataforma Shotgun.

#### AMANHÃ

**SANHAUÁ SAMBA CLUBE**. Roda de samba de artistas paraibanos, com clássicos do gênero e músicas autorais.

**João Pessoa:** VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, 8, Varadouro). Segunda, 15/9, 20h. Ingressos: R\$ 40 (inteira), R\$ 30 + 1 kg de alimento não perecível (social) e R\$ 20 (meia), antecipados na plataforma Shotgun.

## ACESSO À INFORMAÇÃO

# Direito é crucial para a cidadania

Conhecimento de dados públicos é garantido por lei e efetivado por plataformas de governo e pelo jornalismo livre

Paulo Correia  
paulocorreia.epc@gmail.com

Desde 2019, o dia 28 de setembro é celebrado como o Dia Internacional do Acesso Universal à Informação. A data foi reconhecida pela Organização das Nações Unidas (ONU) para consolidar a importância do acesso à informação como garantia da participação e conso-



**A LAI, quando se materializa, dá efetividade à promessa constitucional de que todo poder emana do povo e deve ser exercido em seu benefício**

José Marques



Foto: Carlos Rodrigo

Na Paraíba, qualquer pessoa pode solicitar dados públicos em plataformas como o SIC

lidação das democracias pelo mundo. E, no Brasil, o acesso à informação é um direito previsto na Constituição de 1988, em seu artigo 5º, o qual indica que “todos têm direito a receber dos órgãos públicos informações de seu interesse particular ou de interesse coletivo ou geral”, especialmente no que diz respeito aos registros administrativos e às informações sobre atos de governo.

Uma das primeiras leis brasileiras a ser aprovada após a Constituição e que trata sobre a necessidade de divulgação de dados públicos foi a Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF). Promulgada em 2000, ela é considerada um divisor de águas na administração das finanças públicas do país, por estabele-

cer normas para uma gestão fiscal responsável, além de instituir a transparência na aplicação dos recursos públicos, como apontado em seu Capítulo IX, “Transparência, Controle e Fiscalização”.

Contudo, a regulamentação do acesso às informações públicas só veio 23 anos depois da Constituição e 11 após a LRF, com a promulgação da Lei de Acesso à Informação (LAI). Tida como um marco para a transparência e o controle social no país, a Lei nº 12.527/2011 designa princípios e responsabilidades, bem como diretrizes e procedimentos de acesso à informação pública.

O advogado José Marques, especialista em Direito Constitucional, destaca a LAI como

um marco fundamental para a democracia brasileira. “Afinal de contas, a informação pública não é um bem do Estado. Ela pertence, de fato, ao cidadão. O Estado é apenas o gestor dessas informações e, pelo meu entendimento, a lei é bastante robusta, porque traz os princípios, as diretrizes, os recursos e até os limites”, enfatiza.

O jurista pontua ainda que existe um cenário de grandes avanços, impulsionados pelas novas tecnologias, mas que seu principal desafio ainda reside na divulgação dos meios de acesso a esses conteúdos. “De fato, a Lei de Acesso à Informação, quando se materializa, dá efetividade à promessa constitucional de que todo poder emana do povo e deve ser exer-



**Qualquer falha em uma informação toma uma proporção grande, por isso o jornalismo tem que ser valorizado**

Jorge Galdino

cido em seu benefício, de que a informação tem que ser compartilhada, de que não há democracia sem liberdade de expressão. Entretanto, nós temos ainda, de fato, algumas barreiras, e eu acredito que, com a informatização e com os procedimentos digitais, isso também tem sido cada vez mais superado”, destaca.

O presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado da Paraíba (Sindjor-PB), Jorge Galdino, aponta o jornalismo profissional como fundamental para a transparência e a democracia, considerando o cenário de crescente desinformação e desenvolvimento tecnológico. Conforme ele, “qualquer falha que se dê numa informação toma uma proporção muito grande, com a divulgação das redes sociais. Temos que ter muito cuidado com o que se diz, se escreve ou se fala. Então, o jornalismo profissional, na democracia, tem que ser valorizado e incentivado, e as pessoas precisam saber realmente diferenciar o que é uma notícia apurada por um jornalista do que é uma notícia dada simplesmente por uma pessoa que se aventura nas redes sociais na internet”, adverte.

O líder sindical aponta, ainda, que a LAI é considerada uma “conquista da sociedade”, mas critica o acesso e a forma como esses dados são divulgados pelo Poder Público. O dirigente pondera que existem casos em que as informações são apresentadas de forma muito técnica nos portais de transparência dos governos. “Isso obriga os profissionais que trabalham com o jornalismo de dados e com o jornalismo investigativo a pedir oficialmente essas informações, para que elas sejam trabalhadas de uma forma que a sociedade possa entender e acompanhar”, aponta.

## Transparência pode ser exercida de duas formas

Considerando o fomento à cultura de transparência na administração pública, a LAI define a transparência como ativa ou passiva. A primeira refere-se à divulgação dos dados governamentais, de forma que seu acesso seja público, como quando a informação está disponível em sites de governos e de instituições. Já a segunda representa o acesso à informação quando ela é solicitada pelo cidadão, requerendo diretamente ao órgão específico.

Segundo José Marques, a transparência ocorre quando, por exemplo, “se realiza a publicação de um edital, quando se realiza o chamamento do vencedor de uma licitação ou quando se publiciza os dados daquela licitação”. Já a transparência passiva é exemplificada por meio de uma situação hipotética, em que o cidadão esteja envolvido em um processo para obtenção de uma licença ambiental. “Essa licença e esse processo não estão sendo a todo tempo publicados, mas, quando eu tiver interesse em saber se aquela obra foi licenciada, quais as condicionantes aplicadas, enfim, vou ao público e peço acesso a ele. Se não for um dado sensível, o órgão público tem que me franquear esse acesso”, afirma o especialista em Direito Constitucional.

De acordo com a legislação, qualquer pessoa, seja física ou jurídica, tem o direito de solici-

tar informações aos órgãos públicos, de qualquer nível ou esfera de governo, com o prazo de 20 dias corridos para resposta, podendo ser prorrogados por mais 10 dias, desde que haja uma justificativa. Se a resposta recebida for insatisfatória ou incompleta, o cidadão pode apresentar até quatro recursos em instâncias superiores. Cada recurso deve ser registrado em até 10 dias corridos após a última resposta do órgão.

O tempo para que esses recursos sejam analisados é variável, dependendo da instância em que tramitam. Nas primeiras e segundas instâncias, o prazo para o órgão responder é de cinco dias. Já os recursos encaminhados para a Controladoria-Geral da União (CGU), a terceira instância no Governo Federal, podem levar meses para serem julgados. A tramitação dos pedidos de informação, contudo, não pode gerar custos ao cidadão.

Conforme a lei, todo órgão ou entidade pública deve possuir um Serviço de Informação ao Cidadão (SIC), unidade responsável por receber, processar e divulgar os pedidos de acesso. No âmbito federal, a solicitação dessas informações é realizada pelo portal Fala.BR, plataforma de ouvidoria e acesso à informação. Na Paraíba, a solicitação das informações do Governo Estadual deve ser realizada no site sic.pb.gov.br.

## Controladoria-Geral permite gestão eficiente

As controladorias têm um papel estratégico na garantia do bom uso dos recursos públicos, a fim de promover a eficiência da gestão e o combate às fraudes e desvios. Na Paraíba, existem duas ferramentas principais de transparência ativa: a Transparência PB e o Transfere PB. A primeira trata sobre os dados das contas do Executivo estadual, como despesas com Saúde, salário de servidores e emendas parlamentares. O segundo, por sua vez, permite o acompanhamento dos contratos e convênios realizados pelo Governo do Estado.

O secretário-chefe da Controladoria-Geral do Estado (CGE), Letácio Tenório, destaca que a “transparência promove a cidadania”, possibilitando ao cidadão influenciar as decisões de governo. Para ele, “a transparência é, acima de tudo, uma ferramenta para o empoderamento do cidadão e da cidadania. Quando o Estado promove o acesso às informações, dá para o cidadão uma ferramenta muito poderosa que permite não só fiscalizar a gestão, mas, acima de tudo, participar e influir nas decisões do governo”.

O gestor enfatiza, ainda, que a principal medida realizada pela Pasta, recentemente, foi a reformulação do Portal da Transparência, que, há três anos, tornou-se mais intuitivo para o cidadão comum. “Ba-

**Desafios para administração transparente são contínuos e estão ligados a avaliações criteriosas, afirma secretário-chefe da CGE**

seado na lógica de que a transparência tem que ser para o cidadão e não para os técnicos, a gente deixou mais clara a informação para o cidadão, para que ele encontre facilmente o serviço que quer”, esclarece.

Ainda segundo o gestor, o desafio para tornar a administração mais transparente é contínuo, pois existe um aumento das exigências feitas pelas entidades avaliadoras. O secretário-chefe entende que existe um aprofundamento na compreensão sobre o tema, destacando o levantamento realizado pela Transparência Internacional (TI) como o “mais criterioso e exigente”, por utilizar, como referência, as boas práticas na administração pública apontadas pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

“O índice da Transparên-

cia Internacional não entra só na parte de transparência, mas já ampliou para a governança do Estado. Em resumo, a transparência está entrando nas áreas da gestão pública de forma bem ampla. Por exemplo: para quem tem orçamento democrático, [a TI quer saber] como ele foi escolhido; como foi a avaliação dos serviços públicos; se tem pesquisa de satisfação sobre como os serviços foram avaliados”, ressaltou.

TI-Brasil

A Transparência Internacional é uma organização sem fins lucrativos que desenvolve ações de combate à corrupção e a crimes relacionados a atos corruptos. Com sede em Berlim, na Alemanha, a TI abrange mais de 100 países, sendo cada seção denominada de Capítulos Nacionais. No Brasil, atua, desde 2015, com uma estrutura própria.

A TI-Brasil desenvolveu o Índice de Transparência e Governança Pública (ITGP), que tem como objetivo avaliar e incentivar ações relacionadas a integridade, transparência, dados abertos, acesso à informação, participação da sociedade, boa governança, transformação digital e combate à corrupção em diferentes níveis do governo e nos diversos poderes da República.

A avaliação totaliza 80 indicadores, divididos em oito



**Quando o Estado promove a transparência, permite ao cidadão fiscalizar a gestão e influir nas decisões do governo**

Letácio Tenório

temáticas, chamadas de dimensões. São elas: marcos legais; plataformas de acesso à informação; administrativo e governança; transparência financeira e orçamentária; obras públicas; transformação digital e comunicação; participação social; e dados.



Comissão Temporária para Atualização do Código Civil foi instalada na semana passada

Fotos: Marcos Oliveira/Agência Senado

## SENADO FEDERAL

# Comissão vai discutir revisão do Código Civil

*Entre as novidades, texto incorpora sugestões baseadas em decisões do judiciário*

Agência Senado

O Senado instalou, na última quarta-feira (24), a Comissão Temporária para Atualização do Código Civil. Esse colegiado vai analisar o PL nº 4/2025, projeto de lei que promove, segundo seus defensores, a mais ampla revisão do Código Civil em mais de duas décadas.

O projeto foi apresentado pelo senador Rodrigo Pacheco (PSD-MG) e tem como base as propostas elaboradas pela comissão de juristas que foi coordenada pelo ministro Luis Felipe Salomão, do Superior Tribunal de Justiça (STJ).

Entre outras novidades, o texto incorpora sugestões baseadas em decisões recorrentes dos tribunais brasileiros, apresenta uma parte específica sobre Direito Digital e amplia o conceito de família.

O Código Civil regula todos os aspectos da vida civil dos brasileiros — desde antes do nascimento até depois da morte. Trata de temas como casamento, sucessões, heranças, contratos e atividades empresariais. É considerado uma espécie de “Constituição do cidadão comum”.

Durante a reunião de instalação, Rodrigo Pacheco foi eleito presidente do colegiado, enquanto Efraim Filho (União-PB) assumiu a vice-

-presidência. O senador Veneziano Vital do Rêgo (MDB-PB) foi designado relator do grupo. A reunião contou com a presença do presidente da Casa, Davi Alcolumbre.

### Ponto de partida

Após ser eleito presidente da comissão, Rodrigo Pacheco destacou o caráter técnico e inovador do projeto. Pacheco lembrou que, apesar de formalmente ele ser o autor da proposta, na verdade a autoria é da comissão de juristas que foi coordenada por Luis Felipe Salomão. Ele também ressaltou que caberá aos parlamentares analisarem o que deve ou não permanecer no texto.

“É um ponto de partida para que o Parlamento decida. Buscaremos os consensos para entregarmos esse trabalho à sociedade brasileira. É uma pauta positiva”, afirmou.

Pacheco classificou como especialmente inovadora a criação de uma parte dedicada ao Direito Civil Digital, que trata de temas como proteção das pessoas no ambiente virtual (especialmente crianças e adolescentes), contratos digitais e direito ao esquecimento. “Este trabalho da comissão não será leve nem fácil. Trataremos de temas de grande impacto”, acrescentou.

O presidente do Senado, Davi Alcolumbre, salientou



Paraibano Efraim Filho (D) é vice-presidente da comissão

que a comissão de juristas foi instituída por Rodrigo Pacheco quando este era o presidente do Senado e que a comissão contava com 37 juristas brasileiros renomados. Segundo ele, o texto entregue é moderno e equilibrado, mas precisa ser debatido e aperfeiçoado pelo Parlamento.

“Talvez nem tudo o que seja proposto torne-se lei ao fim e ao cabo, mas debatemos as mudanças com responsabilidade, buscando aperfeiçoar a proposta original. Estou convicto de que o trabalho desta comissão resultará em um Código Civil moderno, equilibrado e sintonizado com os desafios do nosso tempo, que respeite as liberdades, proteja os direitos e garanta segu-

rança jurídica aos brasileiros”, disse Davi.

O senador Efraim Filho, escolhido como o vice-presidente da comissão, enfatizou a dimensão humana do Código Civil e a importância do processo legislativo. Ele afirmou que, embora tenha divergências em relação a alguns pontos do texto, está aberto ao diálogo.

“O Código Civil trata da vida, do que está entre a Certidão de Nascimento e a Certidão de Óbito; aliás, do que está até antes do nascimento e depois da morte, na sucessão. Chego com a mente aberta, para convencer e ser convencido. Há ideias com as quais compartilho, outras das quais discordo”, declarou ele.

## Relatório final só deve ser concluído no próximo ano

A comissão será composta por 11 membros titulares e igual número de suplentes. Davi Alcolumbre informou que o colegiado terá um prazo inicial de 60 dias para realizar seus trabalhos, mas observou que esse prazo poderá ser prorrogado por até oito meses.

Os senadores que integram o grupo avaliam que, devido à complexidade do tema, o relatório final deve ser concluído apenas no próximo ano.

O relator da comissão, senador Veneziano Vital do

Rêgo, defendeu a ampliação do prazo e destacou a importância de ouvir os juristas e a sociedade civil.

“É mais prudente termos a oportunidade de ouvir aqueles que foram os responsáveis pelo anteprojeto [a comissão de juristas coordenada por Luis Felipe Salomão], para que tenhamos nossas audiências, para que nos reportemos à sociedade civil e estejamos abertos a uma construção que se aproxime da realidade dinâmica dos nossos dias”, argumentou Veneziano.

## Toca do Leão

Fábio Mozart  
mozartpe@gmail.com | Colaborador

### Microcrônicas (11)

A poesia dá vantagens de ordem simbólica ao poeta. “Poesia não é farinha, mas ajuda a viver”, conforme meu compadre poeta Pádua Gorrion, de Itatuba.

Estou convencido de que o alvo dos poetas é seu próprio cérebro — ou “coração”, conforme os líricos. Escrevemos para nosso próprio gozo.

Vendo aqui uma foto-memória. Meu pai, Arnaud Costa, e seu sócio, o advogado Josué Dias, irmão de Sivuca, no Escritório de Advocacia Sobral Pinto, com o sanfoneiro Luiz Gonzaga. “Dr. Arnaud Costa, no dia em que eu for preso, você será meu advogado. Não tem defensor melhor: de graça, com graça e competente!”, disse o Rei do Baião.

Arnaud Costa advogava sem receber nada. Mesmo porque os constituintes nada tinham de seu, apenas o infortúnio de ser pobres e desvalidos.

Sou paraibano pelos quatro lados. Trago nos cromossomos uns segredinhos pernambucanos, mas sou cem por cento Paraíba. Por imperativo moral, tenho que repudiar quando qualquer mequetrefe fala mal de minha “pátria”, mulher macho sim, senhor.

Aconteceu que um comentarista esportivo do Ceará, um tal Evaristo Nogueira, criticando o Botafogo da Paraíba, saiu-se com essa: “Eu não quero nada com a Paraíba. Vou por cima, de avião”.

E quem quer alguma coisa com um salafrário preconceituoso? Continuando, o bicho meteu o pau no Botinha Fake: “O Botafogo da Paraíba que de Belo não tem nada, continua um time feio, sem inspiração. Um time letreca, cheio de refugos?”.

Time letreca? O que danado é letreca? Letreca é o chifre esquerdo desse comentarista! Não sou muito chegado a esse Botinha, mas, nessas horas, só olho para o meu umbigo: mexeu com Paraíba, mexeu comigo.

Eu emitiria um torpedo carregado de peixeras de doze polegadas, amoladas na pedra do Ingá pelo meu compadre Vavá da Luz e sacramentadas pela lei da ignorância.

“Meto bala nesses putos”, grita Jessier Quirino pela boca de Lampião, deputado federal. É a lei do “nordestinismo dos problemas matutais”.

Olha, seu menino, chega me dá uma revolta! É porque esse povo da Bahia e do Ceará tem vergonha de ser nordestino. Preferem ser quase sulistas de segunda classe.

Cabras bons de peia, sujeitos que “comem uva em plena safra de manga”, como denuncia Jessier. Uns cornos da primeira postura, como diria meu compadre Ameba.

Sim, o Botafogo da Paraíba é um timeco mesmo, mas só quem pode falar mal dele somos nós, da tribo.

Juro que é verdade! Um delegado de polícia em uma cidadezinha aqui, nos recuados e sombrios anos de chumbo, proibiu que moças desfilassem com perna de fora no Sete de Setembro, porque “podiam ofender as Forças Armadas”.

Nessa mesma época, outro delegado proibiu o beijo na boca, excetuando-se em estação de trem, na hora do trem sair.

Antes de sair de casa para discutir adesão, político cristão lê na Bíblia: “Porque fostes comprado por bom preço” (I Coríntios, 6:20).

Caro senhor duvidoso que me mandou mensagem ofensiva, Jesus te ama apenas porque isso é uma atribuição do emprego dele. São os tais ossos do ofício.

Não sou obrigado a te amar. Odiar? Não mereces tanto de minha parte!

Para ser meu inimigo, precisa ter categoria.

Todos amamos odiar alguém, por isso tem tanta gente com doenças autoimunes, estresse crônico, ansiedade e depressão.

O mundo é grande mesmo e existe muita gente pequena. Acabei de crer. Mas todos bebem, dançam, riem, choram e morrem. Para todos, vale a pena a festa.

Colunista colaborador



Rodrigo Pacheco foi eleito presidente do colegiado

## SEGURANÇA ALIMENTAR

# Excesso de produção gera ameaça

*Desmatamento e impactos da poluição causada por agrotóxicos serão algumas das preocupações de pesquisadores*

Jornal da USP

Atualmente, a grande ameaça à segurança alimentar é o excesso da produção de alimentos e não a escassez, como era em décadas passadas. A questão não se trata de uma oposição ao crescimento econômico, mas sim daquilo que compromete o bem-estar das sociedades contemporâneas. O professor do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (USP) e coordenador do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCT), Ricardo Abramovay, comenta o assunto e sua relação com a Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas (COP30), que acontecerá em novembro deste ano. “As mudanças climáticas são uma ameaça à oferta de produtos agropecuários, mas a produção agropecuária, tal como ela está sendo desenvolvida hoje, também contribui para a crise climática. Um terço das emissões de gases de efeito estufa vem do sistema agroalimentar, então é uma via de mão dupla”, diz.

Abramovay também afirma que os dois assuntos mais importantes de serem discutidos na COP30 envolvem como o desmatamento para produção alimentar é desnecessário, sendo uma questão mais patrimonial do que produtiva, e a poluição causada por agrotóxicos. “Hoje nós dependemos de fertilizantes que estão na origem de formas muito graves de po-



Foto: Reprodução/FreePik

*Especialistas alertam que apenas seis produtos respondem por 75% do consumo calórico da humanidade no cenário atual*

luição, [...] já ultrapassamos o que a Terra pode aguentar em nitrogênio e em fósforo, elementos essenciais para a agricultura contemporânea, além de agrotóxicos e antibióticos que estão sendo produzidos muito mais do que a Terra e a saúde humana podem aguentar”.

O aumento e a melhora produtiva de alimentos na segunda metade do século 20, graças principalmente à Revolução Verde ocorrida, reduziu drasticamente a fome no mundo; entretanto, as bases para esse avanço estão esgotadas. “O avanço da oferta agropecuária se apoiou numa tríplice separação. A agricultura se separou da biodiversidade, a produção animal se separou da oferta dos alimentos para esses animais, e a alimentação

se separou da saúde, com o avanço dos ultraprocessados. Isso implicou uma tríplice monotonia do sistema agroalimentar”, ressalta o professor.

Desse modo, a produção agropecuária é concentrada em poucos produtos: apenas seis produtos respondem a 75% do consumo calórico da humanidade. Ocorre também uma monotonia na utilização de antibióticos para a produção animal: 70% dos antibióticos produzidos são destinados a animais, gerando uma resistência microbiana e um problema com as chamadas superbactérias.

### Ultraprocessados

A produção em larga escala de ultraprocessados, que são alimentos com diversos aditivos químicos e poucos

valores nutricionais, também é outro fator que interfere na segurança alimentar da população mundial. “Estamos produzindo cada vez mais para uma população cujo consumo alimentar está na raiz das doenças que mais matam no mundo, que são as doenças não transmissíveis geradas fundamentalmente pelo avanço dos ultraprocessados. Essa é a ideia do excesso. Nós estamos gerando muito e usando técnicas de excesso de insumos, excesso de produção, mas que não geram abundância de vida”.

Segundo ele, o primeiro sinal de que esse sistema está sendo contestado é o fato de que as próprias organizações que estiveram na origem das tecnologias da Revolução Verde estão se dando con-

ta de que esse modelo está esgotado. “O Banco Mundial, o Grupo Consultivo da Pesquisa Agrícola Internacional, mas também organizações financeiras, como a organização Mitsubishi, que é o sétimo grupo financeiro do mundo. A Mitsubishi, inclusive, lançou recentemente um relatório mostrando como os ultraprocessados e o consumo em larga escala, pelos animais, de antibióticos são ameaças às próprias empresas, aos lucros das empresas”. O fato de essa contestação estar partindo de grandes instituições e grupos financeiros, não apenas de organizações ativistas, mostra que essa realidade pode se transformar.

### Mudança de postura

A melhor forma de con-



Foto: Marcos Santos/USP

**Estamos produzindo cada vez mais para uma população cujo consumo alimentar está na raiz das doenças que mais matam**

Ricardo Abramovay

tribuição dos países latino-americanos para transformar essa realidade é a partir da agricultura tropical regenerativa, que utiliza técnicas que prezam o bem-estar do solo e não uma produção agressiva em larga escala. “A ciência do século 21 valoriza muito o que está abaixo do solo, os microrganismos, os fungos, em comparação à ciência do século passado. E é nos trópicos que se concentra a maior densidade de vida do planeta, o maior potencial de desenvolvimento da agropecuária baseada numa ciência que valoriza a vida e não vê ela como inimiga”, finaliza Abramovay.

## Uso de telas provoca mudanças no modo de alimentação humana

Comer é importantíssimo para a vida humana. Além de ser o momento onde são adquiridos os nutrientes necessários para a subsistência, o momento das refeições é de extrema importância para a identidade pessoal e socialização com o próximo. Ao longo da história humana, ocorreram diversas transformações nos hábitos alimentares de diferentes sociedades ao redor do globo. Na história recente, é importante destacar as mudanças em decorrência das telas.

Se, no passado recente, a influência das telas na alimentação restringia-se a assistir TV durante o almoço ou jantar, hoje as telas estão em todo lugar. A presença quase onipresente dos smartphones em nossas vidas traz dois resultados diferentes. O primeiro é o contato constante com as telas durante os momentos das refeições. Não é incomum pessoas que assistam a séries ou façam uso das redes sociais enquanto comem. O segundo vem da influência que os diversos conteúdos disponíveis em diferentes plataformas exercem sobre as nossas escolhas alimentares.

Esses comportamentos passam pelo conceito de comensalidade. “Comensalidade é a relação do homem com

o alimento. Essa é a resposta mais enxuta que eu posso ter”, diz Isabella Magalhães Callia, italianista e pesquisadora em História e Cultura da Alimentação. “Se a gente extrapolar isso para o hoje, para a atualidade, a comensalidade é entendida como o momento em que nos reunimos para nos alimentarmos juntos. Uma pessoa que está sozinha em casa, cozinhando e comendo, está vivendo um momento de comensalidade também”, completa a pesquisadora.

Isabella destaca que, em decorrência da vida moderna, vivemos hoje algo que pode ser chamado de “crise da comensalidade”, que, segundo ela, cria um problema. “Que alimentação é essa? Ela é uma alimentação que nos nutre e nos faz bem, ou ela é uma alimentação que nos adoce?”.

### Troca de significados

Segundo a pesquisadora, o ato de comer junto serve a diversos objetivos. É o momento de transmissão de saberes dos mais velhos para os mais jovens, é o momento de formação de identidade e de intimidade com os amigos. “É quando a gente para para olhar de fato a outra pessoa e pergunta: ‘Está tudo bem com você?’.

É muitas vezes o momento em que a pessoa fala: ‘Não, não está tudo bem’. O momento da comensalidade também é um momento terapêutico de contato real, para além do contato em âmbito profissional, estudiantil, num transporte público. Quando você come, você vive um momento de intimidade profunda”.

Além do contato, Isabella salienta também que a companhia influencia diretamente na dieta. Ao comer acompanhado, a tendência é que sejam feitas escolhas mais assertivas dos alimentos. “Quando estamos com outras pessoas, a gente tem a tendência a prestar mais atenção nisso do que quando comemos sozinhos, que é o grande perigo do comer a partir das telas”, completa.

No capítulo 4 do “Guia Alimentar Para a População Brasileira”, de 2014, o Ministério da Saúde incluiu a comensalidade como um hábito a se seguir. Entre os benefícios da comensalidade, destacam-se uma maior saciedade ao se separar um momento para comer com atenção, um controle maior da quantidade ingerida e o aumento do prazer ao realizar essa atividade em comum.

## Ambiente digital influencia nos hábitos e na escolha de dietas

O digital também influencia nas escolhas dos alimentos. Conteúdos alimentares, sejam os de “mesa posta”, *mukbang*, ou de alimentação *fitness*, criam e formam desejos a serem seguidos. Sobre os vídeos onde se comem quantidades absurdas de comida, Isabella comenta: “O nosso estômago, a nossa estrutura física, ela tem um limite. Esses vídeos justamente sugerem a ausência de limite, apesar de serem corpos tendencialmente magros, o que também compõe uma crise de comensalidade. Você está promovendo um consumo exacerbado, anômalo, porém para um corpo ‘padrão’”.

A pesquisadora Eliana Bistriche, do Centro de Pesquisa em Alimentos da USP (FoRC), também comenta essa influência dos conteúdos digitais: “Nos últimos 10, 15 anos, é muito comum as pessoas pularem o jantar ou substituir o jantar por outra coisa. E daí, com as redes sociais, esses hábitos foram mudando mais ainda, porque começou uma explosão de informação a respeito de dietas, dieta intermitente, dieta da sopa,

a dieta de baixo carboidrato. Tudo isso acaba levando a modificações de hábitos alimentares”. Tecendo comentários sobre conteúdos *fitness*, ela destaca que poucos reocupam-se em dar direcionamentos rumo a uma educação alimentar, e por vezes incentivam dietas extremamente restritivas.

A individualização da alimentação e o exagero na esperança de seguir uma dieta podem inclusive gerar problemas, como o afastamento emocional dos amigos e família. Eliana ressalta que o correto dentro de uma alimentação é a diversidade de alimentos em pequenas porções. “Eu já ouvi um absurdo de uma pessoa que falou que ela sai para jantar com o noivo, mas ela leva a própria marmita, porque ela está tão afimada que ela só pode comer batata doce com peito de frango, que ela acompanha o noivo ou o namorado, ele come outras coisas e ela não come o que o restaurante está oferecendo. É óbvio que o restaurante deve ter, no mínimo, um prato de salada com uma carne magra, mas ela acaba individualizando tanto aquilo, que ela

só come aquela coisa que é extremamente monótona e que, com o passar do tempo, pode até levar a ter deficiências de alguns nutrientes”, completa.

Outros conteúdos, fora do mundo *fitness*, também exercem influência sobre a alimentação. Eliana comenta que postagens sobre mesas postas e receitas podem influenciar o excesso e incentivar o consumo exagerado de calorias que não necessariamente nutrem as necessidades humanas — quem nunca se sentiu tentado por um momento do amor?

### Benefícios das redes

Ambas as pesquisadoras destacam que o advento das redes e das telas na nossa alimentação não são de todo mal. Entre os pontos positivos, destacam-se a autonomia alimentar e ideias de combinação de alimentos que os conteúdos trazem. Nas palavras de Isabella: “Você passa a ser autor e agente da tua alimentação. Isso eu acho um ganho imenso. A desvantagem é que você, ali, não tem nenhum processo de censura e contenção”.

## OPORTUNIDADES

# PB e PI têm mais de 280 vagas abertas

Três concursos juntos reúnem vagas de níveis fundamental, médio e superior, com salários de até R\$ 20 mil

Priseila Perez  
priseilaperezcomunicacao@gmail.com

Para quem sonha com uma carreira estável no serviço público, o mês de outubro chega com boas notícias no cenário dos concursos. Na Paraíba, duas prefeituras estão com editais em andamento: São Francisco, que retificou o certame e oferece 46 vagas, e Olivedos, com 37 oportunidades abertas em várias áreas. Já no Piauí, a Polícia Civil do estado lançou dois concursos que juntos somam 200 vagas, incluindo cargos como delegado, investigador e perito, com remunerações que superam os R\$ 20 mil. As inscrições já começaram.

No Sertão paraibano, o concurso da Prefeitura de São Francisco está na fase final das inscrições. O prazo termina no dia 5 de outubro, o que exige atenção dos candidatos. Ao todo, são 46 vagas ofertadas em diversidades níveis de escolaridade. Para participar, acesse o *site* da Comissão

Permanente de Concursos (CPCon), da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), e siga as instruções. As taxas variam entre R\$ 75 e R\$ 115, dependendo do cargo escolhido. Há oportunidades para cozeiro, socorrista, arquiteto, engenheiro agrônomo, psicólogo, médicos em diferentes áreas e professores, entre outros cargos. Os salários variam entre R\$ 1,5 mil e R\$ 3,9 mil com jornadas de 30 a 40 horas semanais ou regime de plantão. Vale lembrar que o edital, recentemente retificado, trouxe atualização no cargo de assistente social, além de ajustes no cronograma e no conteúdo programático de algumas funções.

Sobre a avaliação, a prova objetiva será aplicada em 26 de outubro, seguida de prova prática em 30 de novembro para funções específicas e avaliação de títulos para cargos de nível superior. No conteúdo programático constam questões de Língua Portuguesa, Matemática, conhecimentos

gerais e específicos. O processo todo será realizado em São Francisco.

### Olivedos

Já no Agreste do estado, o município de Olivedos abriu concurso com 37 vagas para profissionais de todos os níveis de escolaridade. As inscrições vão até 5 de outubro e devem ser realizadas, também, pelo *site* da CPCon, com taxas de R\$ 75 a R\$ 115, dependendo do cargo. As remunerações previstas variam entre R\$ 1,5 e R\$ 3,6 mil, com jornadas que vão de 20 a 40 horas semanais. Entre as oportunidades estão cargos como auxiliar em serviços gerais, gari, motorista, técnico em Enfermagem, agente comunitário, além de áreas mais especializadas, como nutricionista, orientador educacional e farmacêutico.

A seleção ocorrerá, prioritariamente, no município de Olivedos e será realizada em etapas. A primeira, de caráter eliminatório e classificatório, será a prova objetiva, marcada para 26 de outubro. Para

alguns cargos haverá, também, prova prática, além da análise de títulos voltada a funções de nível superior. O resultado definitivo será divulgado em 10 de dezembro.

### Polícia Civil

No estado vizinho, por sua vez, o grande destaque é o concurso da Polícia Civil do Piauí. Dois editais foram publicados somando 200 vagas, todas de nível superior. No primeiro edital, são 30 vagas para delegado, cargo que exige bacharelado em Direito e experiência mínima. Já o segundo edital reúne 150 vagas para oficial investigador e outras 20 para peritos, distri-

buídas entre médico-legista, criminal e odontologista. Os salários variam de R\$ 7,2 mil a R\$ 20,6 mil por jornadas de 44 horas semanais.

As inscrições abrem amanhã (29) e seguem até 4 de novembro pelo *site* da FGV Conhecimento. Para participar, é necessário desembolsar de R\$ 120 a R\$ 220, a depender do nível de escolaridade do cargo pretendido. Rigoroso e extenso, o processo seletivo será composto por múltiplas etapas: provas objetiva e discursiva, avaliação psicológica, exames de saúde, análise de títulos, teste de aptidão física, prova oral, investigação social e curso de forma-

ção. Todas as fases ocorrerão na cidade de Teresina, com a primeira delas (objetiva e discursiva) prevista para o dia 25 de janeiro de 2026.

Os três processos seletivos são compostos por múltiplas etapas e têm taxas de inscrição que variam de R\$ 35 a R\$ 220



Use o QR Code para acessar o edital da Prefeitura de São Francisco



Use o QR Code para acessar o edital da Prefeitura de Olivedos



Use o QR Code para acessar o edital da Polícia Civil do Piauí

## Estudo da Geologia transforma curiosidade em profissão essencial

Para muita gente, a coleção improvisada de pedras coloridas e minerais brilhantes, ao lado da famosa maquete de vulcão exposta na feira de ciências, tem gostinho de infância curiosa. Mas, em alguns casos, esse tempo de descobertas pode representar o começo de uma carreira marcante. A Geologia faz justamente isso: transforma curiosidade em profissão. Mais do que estudar rochas, o geólogo interpreta a história do planeta e atua em frentes diversas, que vão da mineração ao licenciamento ambiental. É esse profissional que avalia solos para grandes obras, recupera áreas degradadas e ajuda a equilibrar exploração e preservação. Entre cálculos complexos, trabalho de campo e longas jornadas em minas ou projetos urbanos, a Geologia exige paixão e resiliência de quem a escolhe.

### Fascínio que vira profissão

A infância do geólogo Paulo Eduardo Esteves de Camargo sempre foi ligada à natureza. Desde cedo, colecionava minerais, assistia a documentários sobre fenômenos naturais e passava horas acompanhando a vida selvagem pela televisão. A influência do pai, geógrafo, também foi decisiva: juntos, exploravam cachoeiras e formações rochosas, transformando cada aventura em aprendizado. "Foi fácil escolher Geologia, porque já cresci envolvido nesse universo. Gostava de ir para o mato, de pescar com a família no interior de São Paulo", lembra. Mas a escolha, embora natural, não representou um caminho simples lá na frente. Como ele mesmo ressalta, o

curso é exigente e, até chegar às disciplinas mais "interessantes", é preciso atravessar uma base densa de cálculos, entremeada por Física e Química, etapa que, segundo ele, desanima muitos alunos logo no início da faculdade.

Hoje, aos 41 anos e radicado em João Pessoa desde 2021, Paulo compreende bem a complexidade da profissão, que está longe de ser marcada apenas pela beleza das paisagens. O trabalho de campo, indispensável à prática da Geologia, pode ser bastante pesado: jornadas sob sol ou chuva, caminhadas extensas, coleta de dados em áreas isoladas e escalas intensas, com 20 dias de trabalho para 10 de descanso. E, dependendo da área de atuação, o profissional ainda precisa adaptar-se à vida em pequenas cidades do interior, onde estão localizadas as áreas de mineração.

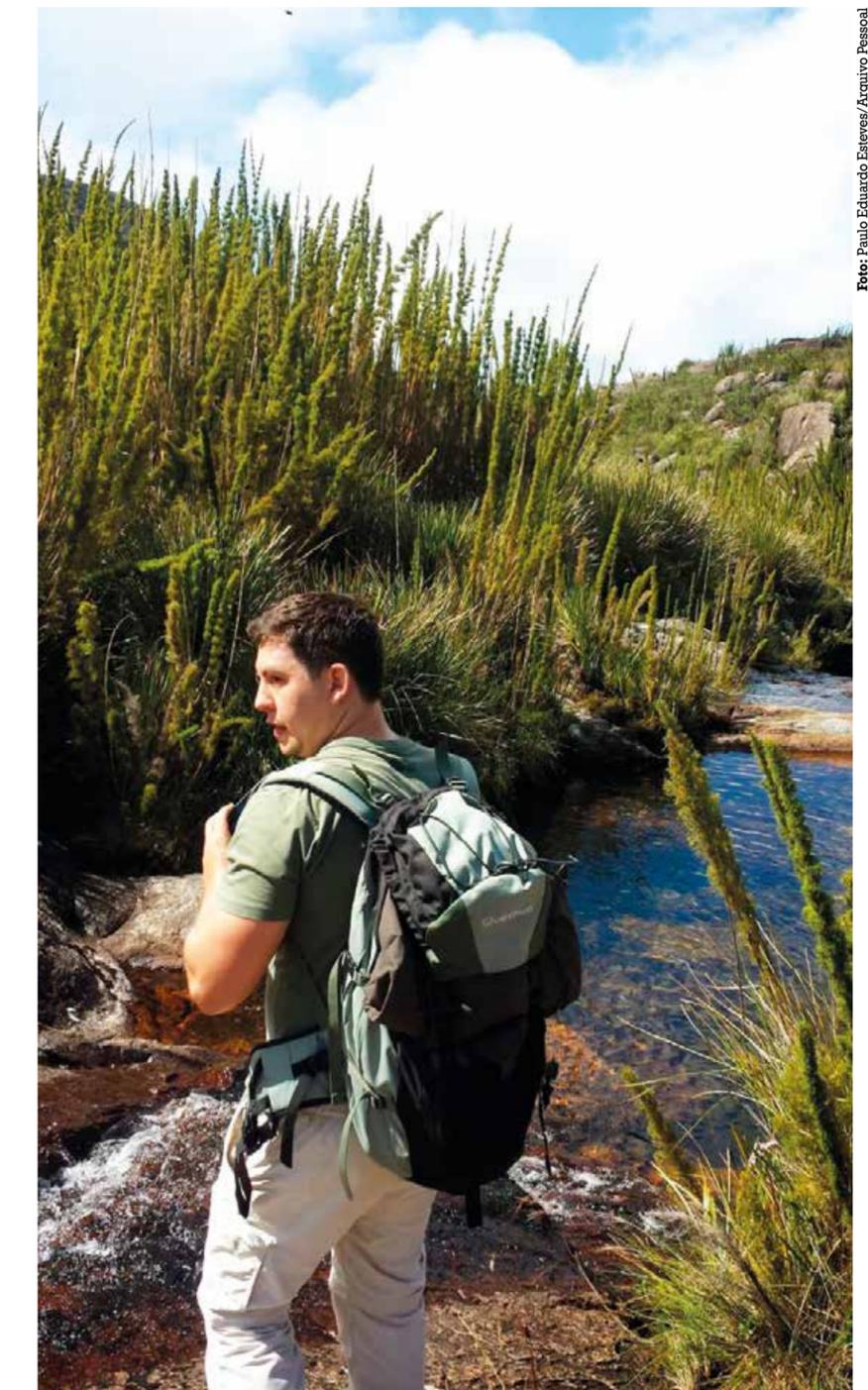
Às exigências físicas e técnicas soma-se, ainda, a responsabilidade legal. Paulo é enfático ao destacar o peso que carrega quem assina um laudo, pesquisa ou sondagem. Cada documento tem implicações jurídicas, o que exige rigor e ética em cada dado registrado. "Se o resultado for falsificado e der problema em uma obra, o geólogo responde juridicamente", ressalta.

### Habilidades

Além do conhecimento técnico, o estudo profundo da Terra demanda algumas habilidades adicionais. Afinidade com cálculos, visão sistêmica, resiliência, ética e capacidade de adaptação são, para Paulo, características indispensáveis. No entanto, ele

ressalta que o grande diferencial, hoje, está na tecnologia. Domínio de *softwares* especializados, inteligência artificial e conhecimentos em programação ampliam as possibilidades de atuação do geólogo. "A parte computacional dá um suporte muito maior e permite transformar o conhecimento em soluções práticas. Como trabalhamos com modelagem do meio ambiente, essas ferramentas tornam o tratamento de dados mais ágil e preciso", explica. Ele próprio trilhou esse caminho, investindo em especialização em Geotecnia e mestrado em Geologia de Engenharia, formações que abriram novas portas na carreira.

Falando em campo de atuação, as possibilidades são amplas e incluem setores estratégicos. De acordo com o especialista, a mineração continua sendo o principal empregador, oferecendo funções que vão desde a pesquisa mineral até a modelagem de minas já em operação. A geologia de engenharia é outro campo em crescimento, com a responsabilidade de avaliar solos e rochas para grandes obras. Já na esfera ambiental, a presença do geólogo é decisiva em licenciamentos, no gerenciamento de áreas contaminadas e na recuperação de espaços degradados. Paulo lembra que, mesmo em atividades polêmicas, o papel do geólogo é essencial. "Nosso trabalho é reduzir impactos. No licenciamento de um aterro, avaliamos o lençol freático e a infiltração do solo. E, na mineração, embora o impacto seja grande, ele é pontual. É nesse equilíbrio [entre consumo e preservação] que es-



Paulo Camargo diz que o trabalho de campo é indispensável à prática desses profissionais

tão os maiores desafios ambientais", finaliza.

### Oportunidade no Piauí

Pouca gente imagina, mas a formação em Geologia tam-

bém pode levar à carreira policial. O novo concurso da Polícia Civil do Piauí abriu vagas para Perito Oficial Criminal, cargo que exige graduações específicas conforme a atua-

ção. O salário inicial ultrapassa R\$ 12 mil para uma jornada de 44 horas semanais, com possibilidade de progressão. Para participar do certame, é necessário ter diploma na área.

## Selic

Fixado em 17 de setembro de 2025

15%

## Salário mínimo

R\$ 1.518

## Dólar \$ Comercial

-0,47%

R\$ 5,338

## Euro € Comercial

-0,09%

R\$ 6,249

## Libra £ Esterlina

-0,17%

R\$ 7,155

## Inflação

IPCA do IBGE (em %)

Agosto/2025	-0,11
Julho/2025	0,26
Junho/2025	0,24
Maior/2025	0,26
Abril/2025	0,43

## Ibovespa

145.446 pts

+0,1%

## TIJOLO ECOLÓGICO

# Alternativa sustentável na construção

*Blocos são fabricados com materiais reciclados, como resíduos de obras, de marmorarias ou, até mesmo, de conchas*

Carolina Oliveira  
marquesdeoliveira.carolina@gmail.com

Na esteira da popularização das práticas sustentáveis na arquitetura e engenharia, o tijolo ecológico vem ganhando espaço na construção civil, setor que, de acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), contribui com aproximadamente 34% das emissões de dióxido de carbono no mundo. A arquiteta especialista em Projetos Sustentáveis Raissa Matoso explica que a fabricação desse tipo de tijolo é realizada principalmente a partir de uma mistura de solo e baixo percentual de cimento, cerca de 12%. “Os materiais se agregam a partir de um processo de compactação da mistura com o auxílio

de uma máquina de prensa, que pode ser manual ou hidráulica”.

Uma outra diferença importante no processo de produção, quando comparado à alvenaria cerâmica de oito furos, é que a etapa de cura da versão ecológica, que corresponde à estabilização dos tijolos, é realizada, conforme descreve a arquiteta, de forma natural, preservando a umidade dos componentes. “Porém, sem o processo de queima, responsável pela alta emissão de gases de efeito estufa”, ressalta a arquiteta.

Apesar de conhecidos alternativamente como tijolos de solo-cimento, existem também tijolos ecológicos feitos com a mesma máquina de prensa, mas que utilizam outros materiais reciclados,

■ Bloco gera menos desperdício, pois reduz uso de argamassa e cimento, uma vez que o tijolo pode ficar aparente

como resíduos da construção civil, de marmorarias, e até mesmo de conchas e moluscos, excedentes da mariscação. “Estas variações já foram testadas e validadas em laboratórios, e preservam as características de alta resistência, além de serem completamente sustentáveis, reu-



Instalação modular é feita por encaixe e dispensa vigas, pilares e fôrmas de madeira

tilizando resíduos que seriam descartados”, assegura a profissional.

Além da fabricação, há também redução de desperdício em obra, exigindo me-

nor quantidade de argamassa de assentamento, e menos cimento, pois dispensa reboco, podendo ficar aparente. Quebras desnecessárias para passagem de tubulação e fôrmas

de madeira para pilares e vigas também são dispensadas, já que as estruturas passam por dentro dos furos da própria alvenaria, que é modular, ou seja, instalada por encaixe.

## Opção pode deixar o preço final da obra até 20% mais barato

À frente de uma olaria especializada na produção destes tijolos, a engenheira civil Emmanuelle Mesquita conta que a Eco Tijolo produz sob

demanda, o que ajuda a controlar melhor a qualidade do produto final, e evita desperdício de materiais. Na empresa, que funciona em João Pessoa,

no bairro do Roger, o milheiro, ou seja, mil unidades do tijolo, tem o preço de R\$ 1.500. “É feito um pedido antecipado, e nós adquirimos com uma jazida a quantidade exata de barro correspondente à demanda da construção, para evitar variações na tonalidade dos tijolos”.

Após participar de uma construção que utilizava o material, Emmanuelle resolveu aprofundar-se na área, investindo em estudos e formação específica e, por fim, no maquinário que possibilitou a atividade da olaria. Com um processo de cura que dura sete dias, o produto da Eco Tijolo pode ser encomendado também por quem quer realizar obras menores.

“Além do milheiro, vendemos também a unidade, fazemos o tijolo inteiro, meio tijolo e canaleta”, explica a proprietária.

O milheiro do tijolo ecológico, na Paraíba e em Pernambuco, custa em média R\$ 1.600. “Este valor pode assustar inicialmente quem não conhece os benefícios da metodologia construtiva, e todo o potencial de economia, qualidade e beleza que ela proporcionará nas demais etapas da construção”. De acordo com a arquiteta, apesar do valor bem mais caro que a alvenaria convencional, a grande economia vem nas demais etapas da construção.

Ele dispensa quebra-quebra e, com isso, reduz a quanti-

dade de entulhos em obra, tornando, segundo a especialista, desnecessária a contratação de carro de “papa-metralha”. Com a construção modular, também é reduzida a quantidade de argamassa para assentamento. “Apenas um fio de argamassa colante é o suficiente. O tijolo ecológico reduz, ou até mesmo dispensa, o uso de madeirite para fôrmas de estruturas, dispensa emboço, reboco, emassamento e pintura”, acrescenta.

O acabamento do tijolo é apenas rejunte e aplicação de resina impermeabilizante. De acordo com a arquiteta, a durabilidade é maior do que a de uma pintura. “Ou seja, menos manutenção e mais economia.

Ao longo da minha experiência com o material, observo uma economia de 10% a 20% no valor total da obra com tijolo ecológico, quando comparada a uma convencional”, observa.

Comparativamente, Raissa estima que, apenas considerando a etapa de alvenarias, a economia seja de 35%. Ela explica que o público que procura construir com esses insumos e métodos é formado por pessoas que têm um olhar para a sustentabilidade. “Estão abertas à inovação, gostam de pesquisar e preferem construir de forma diferente da convencional, que pode ser custosa e gerar desperdício e maior impacto ao meio ambiente”.



Mil unidades custam, em média, R\$ 1.600 no estado

## Em expansão: nicho registrou crescimento de 40% em 2023

Além daqueles que buscam economia e maior praticidade na hora de construir, a arquiteta destaca que, algumas pessoas escolhem o material por gostarem da estética do tijolo ecológico. “Os clientes que optam pelo tijolo ecológico costumam ficar satisfeitos com o resultado. Até porque ainda tem um benefício a mais, que é o aumento do conforto térmico e acústico”, observa.

Morador e proprietário de uma casa que teve em sua construção o uso deste tijolo, o administrador de empresas José Carlos de Oliveira relata que, ao pensarem na obra, inicialmente, ele e sua esposa, Maruza, não planejavam seguir esse caminho. “Tínhamos inclusive, um projeto para construção com utilização de tijolos cerâmicos. Conhece-

mos esse material e os métodos de construção sustentáveis quando visitamos um colega de trabalho no município de Chã Grande, e ficamos encantados com a estética e o projeto da casa”.

Considerando a relevância dos gastos com os elementos estruturais no preço total da obra, José Carlos conta que houve redução expressiva dos dispêndios com cimento, areia, brita e ferro. “Sem levar em conta as perdas inerentes ao uso desses materiais, também houve redução no custo final da obra, estimado em torno de 20%, e que poderia ter sido maior, se não tivéssemos rebocado e emassado as áreas internas, o que era opcional”, avalia.

Para além da economia, e menor impacto ambiental, com redução da quantidade necessária de materiais para a estrutura da edificação, e quase nenhum resíduo, segundo o casal, o destaque fica ainda para a

beleza e funcionalidade da casa. “O resultado estético é muito mais agradável, objeto de admiração de amigos e vizinhos”, concordam.

A arquiteta conta que o nicho da construção sustentável teve um crescimento estimado pelo Green Building Council Brasil (GBCB) em 40% no ano de 2023, destacando que ainda há espaço para crescimento, tratando-se de um setor em expansão, com mais pessoas interessadas na técnica do que profissionais preparados para atendê-las. “Na minha empresa, por exemplo, muitas vezes, há ‘fila de espera’ de clientes. Eles aguardam de um a dois meses para iniciar um projeto”, relata.

Sobre o trabalho com projetos sustentáveis, Raissa conta que os processos e metodologias vão além da mera especificação de um material. “Há todo um pen-



Além de reduzir impactos ambientais, o material proporciona estética atrativa, conforto térmico e boa acústica



Foto: Morgana Nunes/Arquivo pessoal

samento construtivo por trás de cada projeto, para aproveitarmos ao máximo as potencialidades do tijolo, pensar em captação e reuso de água de chuva, energia

solar, arquitetura bioclimática, paisagismo regenerativo, saneamento ecológico, entre outras tecnologias sustentáveis. Ter acesso a estas soluções não é apenas

para alguns, todas são viáveis economicamente, e um dos pilares dessa abordagem é que precisa também ser sustentável para o bolso”, avalia.

## EDUCAÇÃO FINANCEIRA

## Mais de 78% das famílias têm dívidas

Com 43,1% da população adulta negativada, especialistas acreditam que a falta de instrução é uma das causas

Paloma Araújo  
Agência Senado

Equilibrar as finanças pessoais tem sido desafiador para a maioria da população brasileira. Com crédito caro, inflação persistente e baixo índice de poupança, quase 80% das famílias enfrentam, hoje, algum grau de endividamento. Entre a população adulta, 43,1% têm o nome negativado (quando uma dívida não é paga dentro do prazo).

Em agosto de 2025, eram 71,7 milhões de pessoas nesta situação. O número cresceu 9,2% em relação ao mesmo período de 2024, consolidando um novo recorde histórico, de acordo com levantamento da Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) em parceria com o Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil). Na comparação mês a mês, o total de inadimplentes subiu 0,71% de julho para agosto, mostrando que o problema se agrava de forma contínua.

O endividamento alcançou 78,8% das famílias — o maior percentual desde novembro de 2022 — e 30,4% delas estavam com dívidas em atraso. Em 2018, eram 60,3% das famílias endividadas, um aumento de quase 20 pontos percentuais em sete anos, como aponta Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (Peic), da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC).

Para economistas e educadores, a falta de instrução sobre finanças pessoais é um dos fatores que sustentam esse cenário. Através de cheque especial, cartão de crédito ou empréstimo consignado, o descontrole financeiro entrou na vida dos brasileiros. A situação preocupa pelo impacto que as dívidas provocam não apenas nas

famílias, mas também na economia do país, como alerta o economista William Baghdasarian, professor do Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais (Ibmeq).

“Se a pessoa está inadimplente, ela não consegue consumir, não consegue financiar um bem durável. Isso prejudica o orçamento doméstico e a economia como um todo. A inadimplência retarda a recuperação econômica e revela uma falha estrutural: a baixa poupança e o descontrole de gastos das famílias”, explica, ressaltando que o consumo das famílias é um fator de desenvolvimento econômico, pois impulsiona o crescimento das empresas e a geração de empregos.

**Reforço na renda**

Um dos motivos para o endividamento dos brasileiros é o uso errado do crédito, alerta o consultor legislativo do Senado Edilson Araújo, que é contador e advogado tributarista. No orçamento de muitas famílias, o crédito deixou de ser ferramenta para conquistar grandes objetivos — como um carro ou a tão sonhada casa própria — e tornou-se uma complementação da renda, sendo usado para pagar contas do dia a dia — como luz, aluguel, celular, mercado.

“O crédito deveria ser um recurso pontual, utilizado para investimentos ou bens duráveis. Quando se torna parte da renda mensal, é sinal de que falta preparo e educação financeira”, aponta Araújo.

Aos 34 anos, Henrique (nome fictício) é um dos brasileiros que compõem a estatística do endividamento. Com o nome negativado e dívidas acumuladas em vários cartões de crédito, ele enfrenta dificuldades para retomar o controle do próprio orçamento. Sem nunca



Iniciativas desenvolvidas em escolas do país ensinam orçamento familiar e investimentos dentro da Matemática

ter aprendido, por exemplo, sobre juros compostos — aplicados nas cobranças de cartão de crédito, especialmente no crédito rotativo e em operações de parcelamento — ele reconhece a situação atual como consequência da falta de educação financeira em sua vida.

“Eu não consigo mais limite em nenhum banco. Tenho dívidas antigas que só crescem com os juros. Quando percebi, já não tinha mais controle. Se eu tivesse tido essa disciplina na escola, talvez tivesse feito escolhas melhores. Agora, estou tentando recomeçar, mas é muito difícil sair do buraco depois que você entra”, afirma.

**Educação na prática**

Em algumas regiões do país, iniciativas tentam mudar essa situação ao incluir educação financeira em seus currículos escolares. A proposta da discipli-

na em sala de aula é ir além da Matemática tradicional e aproximar os estudantes de situações práticas do cotidiano.

Nas aulas, eles aprendem a montar um orçamento pessoal e familiar, compreender como funcionam juros simples e compostos, analisar riscos e vantagens de diferentes tipos de crédito, planejar gastos e poupança e até noções iniciais de investimento. A ideia é oferecer ferramentas para que os jovens consigam organizar o próprio dinheiro, evitar o superendividamento e tomar decisões de consumo mais conscientes.

No município de Corbélia, no Paraná, o Colégio Estadual Duque de Caxias oferece educação financeira desde o início da implementação do Novo Ensino Médio, há quatro anos. Ao longo das três séries, os alunos aprendem conceitos como orçamento, investimentos e plane-

jamento de carreira. Em 2025, a escola desenvolveu uma ação inédita com a Agência do Trabalhador da cidade, simulando entrevistas de emprego, elaboração de currículos e seleção profissional, tudo vinculado aos conteúdos abordados em sala de aula.

A diretora da escola, Nilceia Schwambach, destaca que o projeto conecta o conhecimento à realidade. “Eles passam a entender na prática o que é receber um salário, pagar contas e planejar gastos. É uma vivência que transforma a relação deles com o dinheiro e com o próprio futuro”.

A professora Eliane Devens, que leciona a disciplina, relata que muitos alunos chegam à escola sem nunca terem conversado sobre dinheiro com a família. “Ensinar educação financeira não é apenas falar de números ou cálculos, mas sim preparar

os estudantes para a vida. É dar ferramentas para que eles se tornem adultos mais conscientes”.

Os alunos reconhecem a diferença que a educação financeira começou a fazer em seu cotidiano. Nathalia Sedlacek, 16 anos, conta que passou a compreender juros, parcelas e os cuidados para evitar dívidas. Miguel Vitalli, 15 anos, diz que já consegue organizar suas finanças pessoais com planilhas e aprendeu como não cair nas armadilhas do cartão de crédito. Para Diana Campos, 18 anos, conhecer os próprios gastos lhe permite montar um plano de vida para realizar seus sonhos.

Arthur Rufatto, 20 anos, ex-aluno da escola, afirma que o componente foi decisivo para mudar sua relação com o dinheiro: “A educação financeira me ensinou a controlar meus gastos e planejar meu futuro com mais segurança”.

## Projeto de lei propõe tornar conteúdo obrigatório nas escolas

No Senado, os parlamentares discutem tornar a educação financeira obrigatória nas escolas de todo o país. A Comissão de Educação (CE) analisa o PL nº 5.950/2023, do senador Izalci Lucas (PL-DF), para incluir administração financeira como tema transversal obrigatório da Educação Básica. O projeto está pronto para apreciação na comissão.

“Precisamos ensinar nossos alunos sobre educação financeira para evitar o que ocorre hoje: a total falta de controle das finanças pessoais, o endividamento e a ausência da cultura

da poupança para casos emergenciais”, defende Izalci.

O projeto recebeu parecer favorável do relator na CE, Wellington Fagundes (PL-MT), que reforçou a urgência sobre o tema. “O endividamento das famílias brasileiras é um reflexo direto da falta de orientação desde cedo sobre como lidar com o dinheiro. Defendo com firmeza a inclusão da educação financeira no currículo das escolas públicas”, afirma Fagundes, que reuniu em seu relatório a inclusão também de áreas como empreendedorismo, educação moral e cívica e organi-

zação social e política do Brasil (OSPB).

Também o PL nº 1.510/2025, do senador Nelsinho Trad (PSD-MS), traz a mesma proposta e aguarda despacho para as comissões. Ao apresentar o texto, Nelsinho reforçou que os jovens brasileiros estão se endividando cedo demais, inclusive em decorrência do crescimento das apostas on-line. Mais de um terço dos apostadores têm de 16 a 29 anos, como apontou a pesquisa Panorama Político 2024: apostas esportivas, golpes digitais e endividamento, do Data-Senado em 2024.

“É preciso fazer uma educação preventiva, desde o início do Ensino Fundamental, para que as crianças tenham essa noção da responsabilidade, de como proceder em relação à educação financeira e também de como se portar diante da questão dos jogos, que já é uma realidade no nosso meio. Nós não podemos fechar os olhos para isso”, disse o senador à Rádio Senado.

**Campanhas de conscientização**

Na Comissão de Assuntos Econômicos (CAE) tramita o PL nº 3.329/2025, que destina ao menos 1% do orçamento da publicidade institucional e de utilidade pública federal para campanhas de conscientização da população sobre a importância da educação financeira.

Para o autor do PL, senador Confúcio Moura (MDB-RO), o endividamento e a falta de poupança são problemas crônicos, que afetam a sociedade brasileira há muito tempo. Ele compara a situação aos problemas da falta de uso de cinto de segurança no trânsito e do tabagismo.

“As décadas de 80 e de 90 mudaram drasticamente o comportamento das pessoas em relação a esses padrões, com importantes campanhas, respectivamente, de incentivo ao uso de cinto de segurança nos

veículos e de desincentivo ao tabagismo”, explica, ao justificar o projeto.

**Preparando o futuro**

O consultor Edilson Araújo avalia que as propostas têm potencial de impacto no médio e longo prazo, ao formar cidadãos mais conscientes financeiramente. Ele reforça, no entanto, que a aprovação da lei não é suficiente. É necessário investir na formação de professores, no material didático adequado e na mobilização das comunidades escolares para que o tema seja incorporado de forma definitiva.

É o que vem fazendo, desde 2022, a Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais (SEE/MG). O estado adotou a educação financeira como disciplina transversal e integrada ao currículo do Ensino Fundamental e Médio na rede pública de ensino. Para preparar os professores, aderiu ao programa Aprender Valor, do Banco Central, que oferece conteúdos alinhados à Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e formação para gestores e docentes. Também firmou parceria com o Instituto Ânima para oferecer uma especialização em Educação Contemporânea com ênfase em Educação Financeira,

voltada a professores de Matemática. Neste ano, iniciou uma ação de reforço dos conteúdos de educação financeira entre os beneficiários do programa Pé-de-Meia, estimulando maior autonomia e responsabilidade nas decisões econômicas desses estudantes.

Os resultados já aparecem. A educação financeira está entre as matérias eletivas mais escolhidas pelos alunos, sendo ofertada também na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Em 2024, 142 mil estudantes participaram de cinco mil turmas do componente curricular. Em 2025, o número aumentou para 5.860 turmas da disciplina, alcançando cerca de 175 mil estudantes. Além disso, a educação financeira passou a integrar parte da carga horária de Matemática no Ensino Médio noturno.

A educação financeira não resolve de imediato os desafios do endividamento no Brasil, mas pode ser parte da solução. Edilson Araújo aconselha que a iniciativa seja entendida como uma política preventiva, capaz de formar crianças e jovens que serão a base das famílias do futuro. “O que se espera a longo prazo é uma redução do endividamento das famílias brasileiras e uma maior conscientização no consumo”.



Senador Izalci Lucas diz que implementação vai evitar falta de controle nas finanças

EM RECIFE

## PB é destaque na Space Week do NE

*Parcerias que a Secties vem consolidando, nacionais e internacionais, são determinantes nesse novo espaço*

Ascom Secties

A participação da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba (Secties) foi destaque na Space Week Nordeste 2025, realizada na última semana, no Recife (PE). Com palestras e um estande interativo, a Secties apresentou projetos como o Radiotelescópio Bingo, a Cidade da Astronomia e o Espaço, evidenciando os investimentos em pesquisa que promovem a popularização e o letramento científico na Paraíba, aproximando a sociedade da ciência e da tecnologia.

Robson Ferreira, assessor técnico da secretaria, foi um dos palestrantes do evento. Ele ressaltou que a participação da Secties na Space Week é fundamental, considerando os projetos que estão sendo desenvolvidos no estado. "A secretaria apresentou o Complexo Científico do Sertão, com destaque para a implantação do Radiotelescópio Bingo, assim como as ações de popularização das pesquisas da ciência como um todo. Há exemplos do Espaço no Espaço, da Cidade da Astronomia, da requalificação do Museu Vale dos Dinossauros e da construção do Museu

Científico de Arqueologia da Cidade de Cajazeiras".

Para o coordenador da Space Week Nordeste, o professor e doutor Antônio Geraldo Ferreira (UFCE), as parcerias que a Secties vem consolidando, nacionais e internacionais, são determinantes: "Essas parcerias que a secretaria está estabelecendo em nível nacional, junto com o Ministério de Ciência e Tecnologia, e também as parcerias internacionais, são muito importantes. Além de estreitar relações em nível nacional, também se aproximam em nível internacional. E essas colaborações fazem com que a ciência avance. A população precisa tomar consciência da importância de um governo e de uma secretaria de Estado investir nesses equipamentos. Isso deve ser muito valorizado e, principalmente, divulgado não só em nível de secretaria, mas também junto às escolas e universidades do estado, o que é fundamental".

Antônio Serginaldo de Oliveira, professor da rede estadual de ensino do Rio Grande do Norte, demonstrou interesse no que tem sido feito na Paraíba em ciência e tecnologia e destacou a relevância de apresentar o Vale dos Dinossauros, em

Sousa, aos seus alunos. "Foi uma palestra bem proveitosa, porque pôde mostrar um pouco daquilo que a Paraíba está produzindo em relação à metodologia científica e à introdução da ciência de um modo geral para a sociedade. Além disso, abriu caminhos para que nós, de outros estados, conhecêssemos um pouco do trabalho que está sen-

do desenvolvido lá. Também possibilita que possamos realizar visitas", afirmou.

A doutora Aline Veloso, coordenadora de Desenvolvimento de Competências e Tecnologia da Agência Espacial Brasileira, também demonstrou interesse pelo que tem sido realizado na Paraíba e ressaltou a importância de acompanhar os próximos passos do Complexo Científico do Sertão. "O projeto traz um marco muito interessante para a ciência nacional. A construção do Radiotelescópio Bingo tem o intuito de desvendar os segredos do universo, entender a matéria escura e as novidades nessa área pouco explorada. Os equipamentos envolvidos nesse circuito científico trazem visibilidade, promovem a ciência e a tecnologia no Brasil, e popularizam o conhecimento ao aproximá-lo da comunidade, mostrando suas aplicações e como podem colaborar científica, tecnológica

e economicamente para aquela região", comentou.

No estande, visitantes puderam conhecer de forma didática e imersiva ações, programas e projetos do Complexo Científico do Sertão, com ênfase no Radiotelescópio Bingo e no projeto Espaço no Espaço. O espaço foi montado no Shopping Rio Mar, no Recife. Coordenador da Space Week Nordeste, o professor e doutor Antônio Geraldo Ferreira (UFCE) destacou a importância de traduzir a pesquisa em linguagem acessível. "A parte de popularização da ciência que levamos para o shopping é voltada ao público em geral. Lá, ele toma consciência da importância da pesquisa na área espacial, tanto para o país quanto para o dia a dia. Procuramos mostrar às pessoas como a área espacial impacta suas vidas, permitindo que interajam com os estandes, conheçam robôs e maquetes de foguetes".

O coordenador das ações de divulgação em astronomia e radioastronomia na Secties, Jamilton Rodrigues, também foi palestrante do evento e destacou o alcance dessa articulação do Governo do Estado com a Space Week. "O evento é um espaço muito plural, que reúne um público diverso. Falar sobre o Bingo e sobre a Cidade da Astronomia, dentro do contexto do Complexo Científico do Sertão, é fundamental para atingir esse público, mostrando os impactos que um radiotelescópio traz a uma região como o Sertão paraibano. Esses instrumentos são investimentos estratégicos do Estado da Paraíba e estão à frente de um projeto de inovação científica no Brasil, especialmente para a cosmologia, inserindo a Paraíba nesse cenário mundial. O destaque aqui é justamente permitir que as pessoas compreendam a magnitude dessa pesquisa".



Com palestras e um estande interativo, a Secties apresentou projetos como o Radiotelescópio Bingo e a Cidade da Astronomia

Fotos: Divulgação/Mateus de Medeiros



Professor do Rio Grande do Norte, Antônio Serginaldo reconhece trabalho da Paraíba

## Projetos têm participação de apenados na confecção de peças

Os projetos Bingo e Espaço no Espaço foram alguns dos destaques da palestra e do estande da Secties. Ele possibilitou que os visitantes conhecessem os telescópios produzidos por reeducandos da Cadeia Pública de Esperança, no Agreste do estado. No projeto, os apenados participam de aulas teóricas e práticas sobre astronomia, além de receberem instruções para a construção de telescópios. Eles aprendem conceitos básicos de física, matemática e astronomia, adquirindo autonomia para construir os equipamentos. A produção ocorre em uma oficina sem fins lucrativos, e os telescópios artesanais são doados para escolas e universidades públicas da Paraíba.

Os visitantes da Space Week puderam se inspirar nesse projeto e perceber o impacto social da ciência. Foi o caso da professora Danielly Gaspar, do Maranhão, que

coordena o projeto Astronomia no Sertão, uma iniciativa de extensão da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), realizada com uma comunidade indígena na Zona Rural da cidade de Grajaú.

Danielly identificou-se com as ações da Secties e destacou como as experiências da Paraíba a inspiraram: "Eu fiquei impressionada com o avanço da Paraíba, como vocês já conseguiram integrar esse projeto em políticas públicas. Isso é fundamental e ainda muito carente no nosso estado. Eu achei incrível a Cidade da Astronomia, o radiotelescópio, como tudo isso chegou ao interior. Não é comum ver ciência de ponta fora da capital, e essa experiência da Paraíba é algo que queremos conhecer e reproduzir no Maranhão".

A ideia de Danielly surgiu a partir de um telescópio abandonado encontra-

do pela professora no campus da UFMA em Grajaú. A partir desse achado, ela iniciou um trabalho de extensão que cresceu e se consolidou como uma iniciativa que leva ciência, tecnologia e inovação para comunidades tradicionais e indígenas, unindo astronomia, robótica e até astroturismo. O projeto já levou jovens indígenas a participarem de competições nacionais, como a Jornada de Foguetes no Rio de Janeiro, e tornou-se um marco de inclusão e popularização científica na região.

■ Telescópios artesanais são doados para escolas e universidades públicas da Paraíba



Visitantes da Space Week puderam se inspirar e perceber o impacto social da ciência

JOÃO PESSOA SUSTENTÁVEL

## Programa monitora Rio Jaguaribe

Ações são cruciais para garantir a requalificação e para que o ambiente se torne compatível com o uso público

Carolina Oliveira  
marquesdeoliveira.carolina@gmail.com

Lembrado como o curso de água mais extenso da capital paraibana, o Rio Jaguaribe é atualmente objeto de atenção entre os 192 projetos que integram o Programa João Pessoa Sustentável. O corpo hídrico percorre bairros como Cruz das Armas, Varjão, Jaguaribe, Castelo Branco e Miramar e tem relevância cultural e histórica para a cidade. Como rio urbano atingido pela poluição por despejos irregulares de efluentes, deixou, ao longo do tempo, de cumprir plenamente suas funções ecossistêmicas. O projeto da Prefeitura Municipal de João Pessoa busca reduzir esses problemas com ações de restauração e requalificação.

Coordenadora ambiental do João Pessoa Sustentável, e especialista em Direito Ambiental, Juliane Ataíde conta que a situação diagnosticada no Rio Jaguaribe é semelhante à de muitos rios urbanos no Brasil, cujo principal problema está associado ao lançamento de esgoto doméstico, caracterizando um quadro crônico de degradação. “Nesse contexto, o monitoramento é essencial para compreender a condição atual do rio e como ela varia ao longo do tempo, especialmente em função de chuvas e temperatura. Conhecer é o primeiro passo para preservar”.

Para a região do rio, estão previstas a implantação de um parque linear de aproximadamente 2,5 km, obras de requalificação da infraestrutura local em oito comunidades e a construção de conjuntos habitacionais no Complexo Beira Rio (CBR). “Essas intervenções visam aprimorar a qualidade ambiental da região e promover o uso público do espaço”, afirma a especialista em Direito Ambiental.

De acordo com Juliane, as ações desenvolvidas com foco no Rio Jaguaribe são fundamentais para a preservação ambiental da cidade. “O projeto prevê o aumento do acesso a conjuntos habitacionais de interesse social e infraestrutura de qualidade para famílias vulneráveis e o aumento da qualidade de vida em assentamentos informais, através da mitigação de riscos socioambientais e da melhoria do habitat”, descreve.

A avaliação e o monitoramento das variações na qualidade da água do rio em resposta às melhorias urbanas que estão sendo implementadas no Complexo Beira Rio são executados pelo Consórcio Nippon Koei Lac Regea. “Essas atividades são cruciais para garantir que o ambiente se torne compatível com o uso público, proporcionando bem-estar aos cidadãos com a futura implantação do Parque Linear do Jaguaribe”, avalia Juliane.

De acordo com a profes-

■  
Estão previstos um parque linear de cerca de 2,5 km e obras de infraestrutura local em oito comunidades

sora do Departamento de Sistemática e Ecologia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Maria Cristina Crispim, o monitoramento, que demonstra a situação atual do rio, é importante para o planejamento de ações de restauração. “Com a sequência de ações no sentido de restaurar o rio, melhorando a qualidade da água, podemos ter mais qualidade de vida humana, retorno da biodiversidade e um atrativo turístico, sendo assim realmente uma medida de sustentabilidade”.

Realizando análises frequentes da qualidade da água e de sedimentos em 10 pontos estratégicos ao longo do rio, além de medições de vazão em três pontos no Rio Jaguaribe e em um no trecho conhecido como rio morto, o consórcio segue os padrões estabelecidos pelas Resoluções do Conama nº 357/05, para qualidade da água, nº 454/12 e nº 420/09 para sedimentos, com procedimentos baseados em normas da ABNT, Cetesb e ANA. “Divulgados anualmente após o início das medições, os dados são compartilhados também nos canais do programa”, ressalta.

Para requalificar o corpo hídrico, a gestão do projeto foca na identificação e no con-



Para requalificar o corpo hídrico, a gestão do projeto foca na identificação e no controle de fontes poluidoras efluentes lançadas no rio

trole de fontes poluidoras e efluentes lançadas no rio. “O monitoramento contínuo realizado através de campanhas de análise de água e sedimentos tem demonstrado variações na qualidade da água, com resultados positivos de melhoria em campanhas recentes”.

Um projeto complementar ao João Pessoa Sustentável, com financiamento da Agência Francesa de Desenvolvimento e da Agência Espanhola de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento, prevê estudos técnicos e planos específicos para a recuperação do rio no trecho entre a Mata do Buraquinho e a Comunidade São José. “A colaboração entre as equipes desses projetos assegura uma abordagem integrada para a recuperação do rio”, afirma Juliane.

As atividades de diagnóstico e monitoramento iniciaram em julho de 2024, com vigência contratual prevista de 23 meses. O projeto está estruturado em oito produtos, sendo o primeiro o plano de trabalho e detalhamento metodológico, e os demais, relatórios trimestrais de acompanhamento. “Foram realizadas duas campanhas voltadas ao monitoramento de áreas com potencial de contaminação e lançamento de efluentes, sobretudo domésticos, e quatro campanhas de monitoramento da qualidade da água, do sedimento e da vazão. A quinta está programada para outubro de 2025”.

Os recursos financeiros para a consultoria são provenientes de um empréstimo do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), com valor global de contrato em R\$ 1.103.716,56. “Os pagamentos são realizados de acordo com a aprovação de cada produto entregue. Até o momento, os produtos 1, 2, 3 e 4 já foram pagos, totalizando R\$ 516.197,86”, explica a coordenadora ambiental do projeto.

■  
Os dados coletados também subsidiam ações de fiscalização e regularização de atividades potencialmente poluidoras

De acordo com a gestão, as obras de requalificação urbana nas comunidades do Complexo Beira Rio vão garantir o acesso a serviços essenciais de saneamento básico e corrigir o lançamento inadequado de efluentes. “Além disso, a implantação do Parque Linear do Jaguaribe visa evitar novas ocupações irregulares na Área de Proteção Permanente (APP) do rio, contribuindo para a sua conservação”.

As informações coletadas também subsidiam ações de fiscalização e regularização de atividades potencialmente poluidoras. “Comunidades que habitam o entorno do rio terão sua qualidade de vida melhorada através de um ambiente mais saudável, acesso à infraestrutura adequada e a revitalização de um importante espaço público para lazer e convívio”, afirma Juliane.

A Divisão de Fiscalização da Secretaria de Meio Ambiente (Semam) já desempenha um papel ativo na remoção de atividades poluidoras na região das margens do rio, designada como Área de Proteção Permanente. “As inter-

venções abrangem desde a calha do rio, no trecho entre a Avenida Pedro II e o encontro com o Rio Mandacaru, até a requalificação urbana no bairro São José. Também estão previstas a criação de *wetlands* no encontro dos rios Timbó e Jaguaribe e a readequação do sistema viário entre a Rua Tito Silva e a Avenida Rui Carneiro”, afirma o secretário de Meio Ambiente da Prefeitura de João Pessoa, Welison Silveira.

De acordo com a chefe da Divisão de Fiscalização da Semam, Niedja Farias, as ações de controle e monitoramento no Rio Jaguaribe foram intensificadas após denúncias de poluição e formação de espuma branca nas águas. “As equipes realizaram vistorias nas margens do rio, identificando lançamentos irregulares de esgoto, resíduos sólidos e ocupações em Áreas de Preservação Permanente”. Entre

as medidas adotadas, destacam-se a retirada de pocilgas que despejavam detritos diretamente no rio, a demolição de estruturas irregulares e a limpeza das áreas impactadas, em parceria com a Guarda Civil Metropolitana, a Polícia Ambiental e a Secretaria de Infraestrutura (Seinfra).

A Semam tem investido também em educação ambiental e diálogo com as comunidades, promovendo campanhas de conscientização sobre a importância da preservação do Jaguaribe e da mata ciliar. “Em resumo, as ações da secretaria no Rio Jaguaribe envolvem fiscalização, notificações, remoção de irregularidades, parcerias com outros órgãos e iniciativas de educação ambiental, com o objetivo de reduzir a poluição, recuperar áreas degradadas e melhorar a qualidade ambiental do rio”, afirma Niedja.

### Serviços ecossistêmicos dos rios urbanos

Os rios urbanos deveriam manter o seu papel original, ressalta Maria Cristina. No início da ocupação das margens do Rio Jaguaribe, há cerca de 40 anos, de acordo com relatos, “a água do rio era aproveitada para pesca e consumo, as pessoas também lavavam roupas, e tomavam banho. O rio foi um lugar atrativo para morar, porque oferecia todos esses serviços ecossistêmicos, atualmente só tem o papel de receptor de esgotos domésticos, mas podemos levá-lo para o seu papel original, é só tratar os esgotos de forma adequada”, conta.

A provisão está entre os principais serviços ecossistêmicos dos rios, com o fornecimento de água e peixes para a alimentação, por exemplo. Mas eles também têm o serviço de regulação: papel de autodepuração e melhoria da qualidade da água ao longo do seu percurso. “O que vemos no Rio

Jaguaribe é que, por receber esgotos domésticos desde a nascente até a foz, é ultrapassada a sua capacidade de autodepuração, o que o torna cada vez mais degradado no sentido de movimentação da água”, explica a bióloga.

Um outro serviço é o de suporte, o rio transforma a matéria orgânica em nutrientes, que, ao passar por toda a cadeia alimentar, convertem-se em biodiversidade. “Incluindo os peixes, que são usados na nossa alimentação, fechando o ciclo e liberando os serviços de provisão para os humanos”. Por fim, existem os serviços de ordem cultural: o rio pode ser um local atrativo para descanso e lazer. “Papel que o Rio Jaguaribe não tem desempenhado, pela sua condição de degradação e maus odores, devido ao excesso de esgoto. Com projetos de restauração de rios, todos esses serviços originais podem ser restabelecidos”, observa.



O rio transforma matéria orgânica em nutrientes que se convertem em biodiversidade

94 ANOS DO BELO

## Chama acesa do futebol paraibano

*Botafogo segue se reestruturando para brilhar no cenário nacional e comemora mais um aniversário com uma feijoada no Clube dos Médicos*



Danrley Pascoal  
danrleypc@gmail.com

O Botafogo completa, hoje, o seu 94º aniversário com uma grande festa organizada por sua diretoria, tendo programação especial. Fundado no dia 28 de setembro de 1931, o Belo, 30 vezes campeão paraibano, tenta, agora no modelo de Sociedade Anônima de Futebol (SAF), furar a bolha do estado e ser protagonista também no futebol nacional. Para alcançar esse objetivo, uma série de melhorias estão sendo feitas na Maravilha do Contorno.

“Em setembro, é foco total na reforma do CT. Sobre o investimento da SAF, nem é preciso falar. Vamos investir quase o dobro previsto em contrato nesses primeiros dois anos. Existe um orçamento, e a gente tem que respeitar sempre o orçamento”, destacou Fillipe Félix, investidor da SAF botafoguense, nas suas redes sociais, após a torcida cobrar novidades na data do aniversário da agremiação alvinegra.

“Tudo está sendo feito com o maior carinho possível. Outubro é o mês em que a gente vai anunciar o técnico, anunciar uma reformulação [de elenco]. Não acredite em todas as notícias que você vê. A gente já explicou qual é o perfil do treinador. Só vai vir um treinador com o histórico que queremos, que é de ter acessos [para a Série B]. Fiquem tranquilos. Em outubro, vai ser tudo divulgado”, completou.

Quando iniciar a pré-temporada, a Maravilha do Contorno estará de cara nova. As instalações vão oferecer novo refeitório e cozinha, focando em excelência e em um espaço de alta qualidade. O Centro de Treinamento recebeu também outras melhorias internas, bem como nova fachada.

### Comemoração

A festa em comemoração aos 94 anos inicia às 11h, no Clube dos Médicos, no bairro Jardim Oceania, em João Pessoa, indo até as 17h. No local, será realizada uma feijoada, com música ao vivo (Pagode do Meu Agrado e Dj Pierre Alexander). Os ingressos para participar custam R\$ 30, que já incluem a feijoada. Para ter acesso a



Foto: João Neto/Botafogo

**“Outubro é o mês em que a gente vai anunciar o técnico, anunciar uma reformulação [de elenco]. Não acredite em todas notícias que você vê”**

Fillipe Félix

outros serviços, também está disponível a entrada Open Bar, nos valores de R\$ 120 (sócio) e R\$ 150 (não sócio).

O evento tem o objetivo de aproximar a torcida do clube, além de ganhar novos fãs. As-

sim, crianças com até 10 anos não pagam para entrar no clube onde acontece a celebração de aniversário. Os torcedores terão acesso a estacionamento gratuito, área kids com monitor e a Loja do Belo, exposição de taças e uma homenagem a funcionários e ex-jogadores.

### Fundação

De acordo com Raimundo Nóbrega, pesquisador e entusiasta da história do Botafogo, Beraldo de Oliveira é um dos grandes contribuintes da existência do Belo. Em 1931, o jovem tomou conhecimento sobre uma liga juvenil de desporto e buscou montar um time de futebol para integrar-se ao torneio. Desde então, o Alvinegro da Maravilha do Contorno sempre esteve envolvido nas principais competições do estado.

Não demorou muito para que o clube se tornasse campeão estadual, façanha alcançada pela primeira vez em 1936, ao vencer o Sol Levante por 3 a 2 na partida decisiva. Com o passar dos anos, o Botafogo consolidou-se como o recordista de títulos do Campeonato Paraibano (30 títulos). Conforme a diretoria, seriam 31, já que o clube se considera vencedor de 2002, mas sem reconhecimento oficial da FPF. A última conquista ocorreu em 2019. O maior fei-

to, em nível de Brasil, foi ganhar o título de campeão da Série D do Campeonato Brasileiro em 2013, o primeiro troféu nacional do futebol de clubes da Paraíba.

### Martírio na Série C

Em 2025, o Botafogo participou pela 12ª vez consecutiva da Terceira Divisão do Campeonato Brasileiro. Nessa temporada, o clube teve um de seus piores desempenhos na história da competição, ficando apenas na 13ª posição, com apenas 23 pontos somados, numa campanha de oito derrotas, seis vitórias e cinco empates. O Alvinegro foi eliminado ainda na fase classificatória.

Nas 11 participações anteriores, o Belo acumula grandes traumas. O mais recente ocorreu justamente em 2024. O clube fez uma grande primeira fase, tendo uma campanha histórica no atual formato da fase classificatória. Somou 41 pontos em 19 jogos, com 12 vitórias, cinco empates e duas derrotas. Na segunda fase, o time teve um desempenho decepcionante. Nas seis partidas do quadrangular, a agremiação comandada por Evaristo Piza perdeu três, empatou duas e venceu apenas o último jogo, quando apenas cumpria tabela, sendo o terceiro colocado de sua chave.

Outras duas edições, as quais

o torcedor busca esquecer são os torneios de 2016 e 2018. Nas duas, o Belo foi eliminado nas quartas de final, em situações nas quais estava garantido um lugar na Série B até os minutos finais. Na primeira, parou no Boa Esporte-MG, com gol tomado aos 50 minutos do segundo tempo. Enquanto em 2018, acabou eliminado para o Botafogo-SP, com gol sofrido aos 48 minutos da etapa final, tento que levou a decisão para os pênaltis, a qual o Belo perdeu por 4 a 3.

### Atual momento

O Botafogo vive seu primeiro ano como SAF. Fora de campo, o time não tem problemas financeiros como em outros anos, quando tinha dificuldades para pagar suas folhas salariais. No entanto, o momento de boa gestão não influenciou no desempenho dentro de campo. Mesmo com um dos maiores investimentos já vistos, a equipe não alcançou os principais objetivos da temporada: o título do Paraibano (aumentando o jejum para sete anos) e o acesso para a Série B. Em 2026, o seu investidor (Fillipe Félix) promete colocar ainda mais recursos na contratação e montagem do elenco para voltar a ser campeão estadual, bem como alcançar vaga na Segunda Divisão depois de 13 participações consecutivas.



Foto: João Neto/Botafogo

Equipe que participou do último jogo deste ano contra o Anápolis pela Série C do Brasileiro

## MUNDIAL SUB-20

## Brasil estreia, hoje, contra o México

Os outros adversários são Marrocos e Espanha, na fase de classificação, nos dias 1º e 4 de outubro, em Santiago

Foto: Divulgação/CBF

É impossível ver o Brasil disputar uma Copa do Mundo da Fifa sem ser considerado um dos postulantes ao título. Não será diferente no Chile, onde a Seleção Brasileira disputará mais uma edição sub-20 do torneio mundial.

O Brasil chega à Copa do Mundo Sub-20 cercado de expectativa pelo fim de um jejum incômodo para uma equipe tão vencedora quanto essa. Cinco vezes campeão mundial da categoria, a Seleção amarga o seu maior período sem conquistas na competição. A última vez em que a Canarinho venceu o torneio, foi em 2011, com uma geração liderada por jogadores como Philippe Coutinho, Oscar e Casemiro.

Desde então, a equipe viveu anos de irregularidade na categoria. Apesar de ter sido vice-campeã no Mundial Sub-20 de 2015, perdendo a final para a Sérvia, o Brasil ficou fora de três edições da Copa do Mundo (2013, 2017 e 2019). O retorno à competição deu-se em 2023, na Argentina, quando a Seleção, já comandada por Ramon Menezes, foi eliminada por Israel nas quartas de final.

A expectativa é de que, dessa vez, as coisas sejam diferentes. Atual campeã sul-americana sub-20, a Seleção Brasileira chega ao Chile com as esperanças renovadas, principalmente por sua capacidade de recuperação dentro do torneio continental. O Brasil estreou na competição da Conmebol sofrendo uma goleada impiedosa da Argentina, por 6 a 0, no torneio disputado na Venezuela.

Apesar disso, a equipe soube manter a cabeça no lugar ao longo da competição, foi vencendo seus jogos e, na segunda fase, foi cam-



Jogadores treinando na Granja Comary para a disputa do Mundial

peã. Na Copa do Mundo Sub-20 da Fifa, o Brasil está no Grupo C, ao lado de México, Marrocos e Espanha.

A estreia será justamente contra os mexicanos, hoje, às 20h, em Santiago. Na segunda rodada, pega o Marrocos, no mesmo horário, no

dia 1º de outubro. E, no dia 4, enfrenta a Espanha, agora às 17h. Os outros jogos programados para este domingo (21) são Marrocos x Espanha, Itália x Austrália e Cuba x Argentina. A

## Pedro

**Jogador é uma das apostas de Ramon Menezes no Mundial do Chile, um dos destaques na conquista do Sul-Americano disputado, neste ano, na Venezuela**

competição teve início ontem, com quatro jogos.

### Ramon Menezes

Carregando a experiência da última Copa do Mundo Sub-20 da Fifa, Ramon Menezes chega ao Chile com um trabalho de três anos à frente da categoria. Em sua passagem pela Seleção, ele soma duas classificações para o Mundial e dois títulos do Sul-Americano Sub-20 (2023 e 2025).

Na Copa do Mundo Sub-20 de 2023, o Brasil comandado por Ramon parou nas quartas de final,

quando foi eliminado por Israel. Dessa vez, o treinador brasileiro espera que o resultado seja diferente, e ele terá uma boa bagagem para aprender com o passado em uma nova competição. Meio-campista de muita técnica e habilidade nos anos 1990 e 2000 no futebol brasileiro, Ramon tornou-se treinador após a aposentadoria, já trabalhou no Vasco e chegou a comandar interinamente a equipe principal da Seleção Brasileira em meados de 2023.

### Pedro

O tempo passa muito rápido nas categorias de base. É difícil, portanto, ter um jogador bicampeão do mesmo torneio. Mas esse é o caso de Pedro, que conquistou duas vezes o Sul-Americano Sub-20 com o Brasil, em

2023 e 2025. Ponta-esquerdo de muita habilidade e velocidade, o atacante formado pelo Corinthians foi um dos destaques do Brasil no título sul-americano deste ano, com direito a dois gols e seis assistências na campanha. Aos 19 anos, ele é um dos jogadores mais experientes do time de Ramon Menezes, somando várias temporadas no futebol profissional.

Atualmente no Zenit, da Rússia, Pedrinho parece preparado para encarar as principais defesas sub-20 do mundo, e o Brasil precisará dele para mostrar sua força no Chile.

### Luighi

Não é de hoje que o Palmeiras tem revelado talentos de escala global em suas categorias de base. A mesma academia que for-

mou jogadores como Enrick e Estêvão apresenta ao mundo mais uma de suas promessas: Luighi. O atacante chegou ao Palestre em 2016 e rapidamente tornou-se uma das sensações do clube. Em 2023, marcou 21 gols em 22 jogos pelo time sub-17 do Verdão e foi convocado para defender a Seleção Brasileira na Copa do Mundo da Fifa da categoria na sequência do mesmo ano. Promovido ao sub-20, foi campeão do Brasileirão da temporada seguinte e vice-campeão da Libertadores da categoria em 2025.

Já tendo até marcado pelo profissional, Luighi reveza-se entre os compromissos da base e da equipe principal do Palmeiras, e espera carregar sua experiência e seus gols para fazer a diferença para o Brasil no Chile.



Campeão do Sul-Americano, na Venezuela, o Brasil garantiu a vaga no Mundial

Foto: Divulgação/CBF



Ramon Menezes ganhou dois títulos no Sul-Americano

Foto: Divulgação/CBF

JOGO ABERTO

# Gil revela a sua frustração no Santos

Zagueiro diz que as duas últimas semanas foram as piores e, aposentado, lamenta não ter jogado no Flamengo

Agência Estado

O ex-zagueiro Gil abriu o jogo sobre sua reta final no Santos e classificou os últimos dias no clube como o período mais difícil de toda a carreira. O jogador relatou frustração, perda de espaço e falta de clareza na condução de sua situação no elenco.

“As minhas duas últimas semanas de Santos, para mim, foram as piores da minha carreira. Foram as piores. Fiquei três meses sem jogar. Aí depois joguei dois jogos seguidos. No jogo que teoricamente achei que iria jogar, que era contra o Vasco, treinei a semana toda superbem. Na hora de jogar, eu não jogo. Aí aquilo ali me desanimou legal”, disse à Record TV.

Gil não escondeu a sensação de ter sido deixado de lado de forma injusta. Questionado se houve algum tipo de traição, foi direto: “Achei que sim. Principalmente da comissão técnica e tal. Acho que sim, pela maneira que aconteceu”.

O zagueiro fazia referência ao técnico Cleber Xavier, que assumiu o comando após a saída de Pedro Caixinha, mas acabou demitido pouco depois da goleada sofrida para o Vasco, no MorumBis. Para Gil, a forma como a decisão foi conduzida deixou marcas.

Chegado ao Santos em 2024, Gil foi um dos destaques na conquista do acesso à Série A e no título da Série B, com 50 jogos disputados naquela temporada. Em 2025, porém, perdeu espaço, viveu problemas pessoais e acabou utilizado de maneira irregular até a saída em comum acordo com a diretoria. Pelo time alvinegro, fez um total de 66 partidas e marcou um gol.

Já aposentado dos gramados, o ex-defensor garante que guarda boas lembranças da carreira. “Nem eu sei ainda o que vou fazer. Sinto falta só das rese-



Foto: Raul Baretta/Santos

Gil foi decisivo no acesso do Santos em 2024 e ainda jogou 66 partidas até a sua saída

nhas. Dos gramados nada mais. Só faltou jogar no Flamengo [risos]. Nem tudo é perfeito, mas sou agradecido pela carreira que construí. Foi boa”, completou.

**Carreira**

Ídolo do Corinthians, Gil somou 444 jogos em

duas passagens pelo clube (2013–2016 e 2019–2023), conquistando títulos importantes, como o Campeonato Brasileiro de 2015. Reconhecido pela regularidade e liderança, tornou-se um dos maiores defensores da história recente do clube.

Antes da segunda passa-

gem no Parque São Jorge, o zagueiro atuou no Shandong Taishan, da China, e também defendeu a Seleção Brasileira em 11 oportunidades, entre 2014 e 2016. Revelado no Americano-RJ, acumulou ainda passagens por Atlético-GO, Cruzeiro e Valenciennes, da França.

**FAIR PLAY FINANCEIRO**

## CBF vai apresentar proposta em novembro

A CBF avançou com o projeto de criação do *fair play* financeiro do futebol brasileiro. A entidade deseja apresentar a proposta no dia 26 de novembro, durante o Summit CBF Academy, em São Paulo, e pretende implementar o

modelo em janeiro de 2026, de acordo com o ge.

O modelo baseia-se em diversos projetos já consolidados de ligas estrangeiras, com adaptações ao cenário nacional. A CBF realizou três reuniões que envolveram membros da

confederação, representantes dos clubes e consultores independentes. Em outubro, haverá mais um encontro.

**Publicidade**

A próxima reunião definirá alguns pontos da pro-

posta. O encontro contará, mais uma vez, com a presença de representantes dos clubes, que têm demonstrado pouca resistência ao projeto. Depois, os clubes terão mais 15 dias para apresentarem novas sugestões para a versão final do modelo, que será levado à CBF.

Alguns clubes têm feito demandas relacionadas a questões tributárias ou trabalhistas, que dependem de legislação e não serão abarcadas nas regras do *fair play* brasileiro. O projeto será distante, por exemplo, do que faz a liga da Espanha, que tem uma proposta de caráter preventivo.

Já em relação às sanções, o modelo brasileiro deve se assemelhar às que já são aplicadas em outros países, como impedimento de registro de atletas (*transfer ban*), perda de pontos e multas. A implementação do *fair play* financeiro será feita de forma escalonada, num período de adaptação.

# Pedro Alves

pedroalvesjp@yahoo.com.br

## Vale a pena ver de novo o Barça

Desde o ano passado, o Barcelona voltou a empolgar quem gosta do bom futebol e quem, como eu, gosta do clube e do seu DNA formado por genes de Cruyff, de Guardiola e de grandes craques, tornando o Barça um histórico organismo ofensivo, vistoso e belo. Não à toa, a Federação Internacional de História e Estatísticas do Futebol (IFFHS, na sigla em inglês) elegeu o clube catalão como o time da década, no período 2011–2020. Vale lembrar, porém, que a lindeza de ser ou ver o Barcelona veio um pouco antes disso. Sobretudo com o mágico Ronaldinho, após anos de alguns brilhos pontuais, muitas vezes solitários, de brasileiros que foram craques também com as cores azul e grená, como Romário, Ronaldo e Rivaldo. Foi, no entanto, o bruxo, aquele, que por sinal, foi o jogador que mais amei em campo, que recolocou o Barcelona no caminho das glórias, de uma hegemonia espanhola novamente comum e de um reposicionamento da referência de favorito nas competições europeias.

O legado do brasileiro, aliás, atravessou a fronteira com a Argentina e influenciou aquele que seria — e foi — o maior jogador que vi na vida e a continuação de uma história fabulosa entre bola, cores e troféus, o gênio Messi. Mas o leitor já deve saber bem desse Barça de 2003 até meados de 2015. Tudo começou com o time de Rijkaard, comandado em campo por R10, que fez das quatro linhas algumas das poesias mais belas, com títulos e dança. Com um jovem Iniesta e um Xavi que começava a amadurecer como construtor de jogo, além de um jovem argentino que começava a ganhar minutos e protagonismo aos poucos.

Ronaldinho saiu, mas os meias espanhóis ficaram e ganharam um técnico singular, Guardiola, que se juntou aos compatriotas e a Messi. Aquela reunião de gênios, no mesmo tempo e espaço, como aconteceu em Liverpool, na música, com os Beatles. Juntos, como os garotos ingleses, construíram uma daquelas obras definitivas. Mas, como disse, o leitor sabe bem desse passado. Quando o protagonista, no entanto, deixou o enredo, o Barcelona passou a pouco ser visto. A audiência se voltou para os “PGSs” e “Citys” da vida, que eram mais Barça do que o próprio. O clube catalão virou mesmo um grupo decadente, que fez muito sucesso, mas que não soube a hora de encerrar a carreira. Diferente da música, no futebol o show tem que continuar. Ou pelo menos é mais comum um clube viver mesmo após seus grandes nomes abandonarem o barco, se aposentarem ou morrerem. Acontece que, desde a temporada passada, um encontro importante se deu, daqueles que o Barcelona conhece bem. Um treinador ousado e um craque de bola.

O Barça de Flick e Yamal é um time com intensidade, sede por posse e que alterna paciência e verticalização. Repleto de jovens de La Masia e de alguns diferentes, como Pedri, Raphinha e Yamal. O conjunto vem de uma grande temporada, com o título espanhol e jogando, ao lado do PSG, o melhor futebol do mundo. A eliminação para a Inter de Milão, na última Liga dos Campeões falou mais da grande atuação do clube italiano do que de problemas do Barça — que existiram, defensivamente —, afinal um 7 a 6 no agregado da semifinal diz muito do equilíbrio do confronto, que acabou por classificar a Inter e impedir uma final que reuniria os dois melhores times da atualidade. Na atual temporada, o Barça segue bonito de se ver e amadurecendo enquanto time, já que, em seis jogos na temporada, venceu cinco, empatou um e já marcou incríveis 18 gols, tendo sofrido quatro, até, pelo menos, a entrega desta coluna. A melhora defensiva, aliás, é o grande foco do técnico alemão. Ano passado, o time realmente era vulnerável, dentro de sua filosofia, que era notadamente não abrir mão de si para tentar ser mais sólido. E nem precisava. Afinal, o risco era entendido e a ideia do Barça era, admitindo isso, buscar ter a bola sempre para fazer mais gol do que os rivais, afinal tinha quase sempre bom volume de chances, mesmo que sofresse mais gols do que o normal como time de ponta. Flick e sua turma conseguiram formatar um Barcelona que mira alguns dos melhores Barças anteriores. E me faz, há alguns meses, checar semanalmente a agenda dos jogos do clube para não perder o melhor do que temos de futebol. Garanto: vale a pena ver de novo o Barça!



Foto: Divulgação/CBF

O presidente da CBF, Samir Xaud, segue trabalhando para estabelecer novas regras

## BRASILEIRÃO

## Clássico carioca é destaque da rodada

Fluminense e Botafogo jogam no Maracanã, às 16h; haverá também duelo de gigantes entre Corinthians e Flamengo

Da Redação

Vindo de eliminação na Copa Sul-Americana, o Fluminense volta a disputar o Brasileirão, hoje, num duelo contra um rival carioca. Pela 25ª rodada, o Tricolor enfrenta o Botafogo no Maracanã, às 16h. A novidade para o clássico fica por conta da presença de Luis Zubeldía, ex-treinador do São Paulo, na área técnica da equipe das Laranjeiras. Depois de Renato Gaúcho pedir demissão, a diretoria agiu rapidamente no mercado e já terá seu novo técnico à disposição. A partida será transmitida pela TV Globo.

Zubeldía é o primeiro técnico estrangeiro do Fluminense em 28 anos. O último havia sido o uruguaio Hugo de León, em 1997, que teve breve passagem pelo Rio, antes de retornar ao Nacional de Montevideú. Além do treinador, chegam os auxiliares Maxi Cuberas, Carlos Gruezo e Alejandro Escobar, e o preparador físico Lucas Vivas. Com o início do trabalho na última semana, a comissão técnica do argentino terá 16 partidas do Brasileirão a disputar e, ao menos, as semifinais da Copa do Brasil até o fim da temporada.

O Glorioso já está eliminado do restante das competições e põe todo o seu foco no Brasileirão, do qual é o atual campeão. O retrospecto recente do confronto é favorável ao Alvinegro, que não é derrotado pela equipe das Laranjeiras há nove jogos. Hoje, o time de General Severiano tentará a nona vitória seguida sobre o rival.

Além disso, busca entrar no G4 do Campeonato Brasileiro. No momento, a equipe tem 40 pontos, enquanto o Fluminense tem 31, com dois duelos a menos por fazer.

O Fluminense deve iniciar a partida com Fábio, Samuel Xavier, Ignácio, Thiago Silva e G. Fuentes (Renê); Martinelli, Hércules (Otávio), A. Cannobio, Lima e Kevin Serna; Germán Cano. Já o Botafogo pode jogar com Léo Link, Vitinho, D. Ricardo, Marçal e Cuiabano; Marlon Freitas, Newton e Santi Rodríguez; Artur, Ramos e Arthur Cabral.

**Corinthians x Flamengo**

O Rubro-Negro visita o Alvinegro na Neo Química

Arena, hoje, às 20h30, com transmissão da CazéTV, Premiere e Record. No duelo válido pela 25ª rodada, o time carioca (com 51 pontos) joga para manter-se na liderança da competição após o fim de semana de jogos. Vindo de derrota para o Sport, a principal novidade corinthiana para o enfrentamento é o lançamento do terceiro uniforme, que tem camisa e calção nas cores preta e laranja, realçando também o escudo do clube.

A camisa traz o escudo corinthiano em tom laranja no lado esquerdo do peito, enquanto o logotipo da Nike aparece no lado direito. Dentro de campo, Memphis Depay, Rodrigo Garro e André Carrillo são os principais desfalques do time paulista.

O Flamengo chega animado para o clássico nacional. Mesmo perdendo uma invencibilidade de oito jogos — em duelos contra adversários argentinos fora de casa, na Libertadores, ao perder para o Estudantes, na última quinta-feira (25), em La Plata, por 1 a 0 no tempo normal —, acabou avançando na disputa de pênaltis, ao ganhar por 4 a 2. Rossi foi o herói com duas defesas. No jogo de ida, no Maracanã, a vitória flamenguista havia sido por 2 a 1.

## Estatística

**Flamengo leva vantagem nos confrontos contra o Corinthians, com 65 vitórias contra 56 derrotas e ainda com 34 empates nos 155 jogos**

De acordo com o Portal Meu Timão, com 155 partidas disputadas, o histórico dos confrontos aponta uma vantagem do Flamengo. São registradas 56 vitórias do Corinthians, 34 empates e 65 triunfos dos cariocas.

O último confronto entre Corinthians e Flamengo aconteceu em 27 de abril de 2025, pelo Campeonato Brasileiro de 2025. Na ocasião, no Maracanã, os mandantes ganharam por 4 a 0.



Fluminense e Botafogo prometem um jogo de muitas emoções na tarde de hoje, no Maracanã, pela 25ª rodada do Brasileirão

**Outros jogos**

Ainda jogam pela 25ª rodada, hoje: Grêmio e Vitória na Arena do Grêmio em Porto Alegre, às 11h (Premiere); Bahia e Palmeiras na Arena Fonte Nova, em Salvador, às 16h (Premiere); Bragantino e Santos no Cícero de Souza Marques, em Bragança Paulista, às 18h30 (Sportv e Premiere). A rodada será finalizada com São Paulo e Ceará no Morumbi, amanhã, às 20h (Premiere).

**2ª Divisão do Paraibano**

Os jogos de ida da semifinal da Segunda Divisão do Campeonato Paraibano acontecerão hoje e amanhã. Às 15h, hoje, Confiança e Cruzeiro enfrentam-se na Toca do Papão, em Sapé.

Às 20h de amanhã, jogam Desportiva Guarabira e Atlético de Cajazeiras, no Sílvio Porto, em Guarabira.

Foto: Gilvan de Souza/Flamengo



No primeiro turno, jogando no Maracanã, o Flamengo goleou o Corinthians por 4 a 0

**SETEMBRO AMARELO**  
Mês de prevenção ao suicídio  
e de valorização da vida

**Ninguém precisa suportar tudo sozinho. BUSQUE AJUDA.**

EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO

“O MOLEQUE RICARDO”

## Um grande romance que precisa ser redescoberto

Completando nove décadas da sua primeira publicação neste ano, a obra de José Lins do Rego tem um acentuado conteúdo político

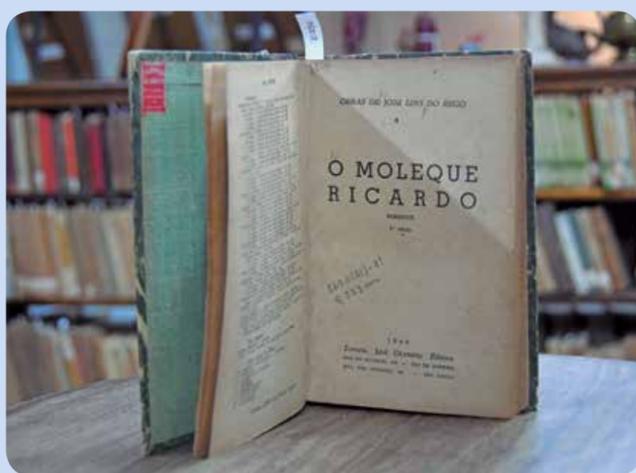


Marcos Carvalho  
marcoscarvalhojr@gmail.com

O romance *O Moleque Ricardo*, o quarto publicado pelo escritor paraibano José Lins do Rego, foi escrito à mão, como era costume do autor, em uma espécie de “caderno de venda”. A reprodução de uma das páginas originais da obra, lançada há 90 anos, foi publicada na imprensa da época: “Letra miudinha, nervosa, compacta, ocupando as entrelinhas, sem deixar margem nem parágrafos”, dizia uma espécie de texto-legenda. “O Sr. José Lins escreve assim de um só fôlego, sem parar, suas histórias. Alguém já lhe disse que é espiritismo. Ele cai em transe e escreve como o Chico Xavier. José Lins do Rego riu baixinho. Sabe muito bem o romancista que não é espiritismo. É espírito, é talento de verdade”, detalhou a matéria.

O talento do escritor de *Menino de Engenho* já era reconhecido pela linguagem espontânea, “linguagem de conversa, surpreendida diretamente da vida”, mas isso não foi suficiente para poupá-lo de críticas que destacavam o viés político-ideológico de seu romance. Nos jornais da época, podem ser encontrados títulos de matérias como “*Moleque Ricardo* ou a Revolução entrando na consciência” (*O Jornal*-RJ, 11/8/1935) e “*Moleque Ricardo* não é comunista” (*Diário de Pernambuco*-PE, 28/6/1936). O livro foi considerado por muitos uma denúncia social dos dramas que o proletariado vivia, traduzidos para a linguagem literária.

O narrador de *O Moleque Ricardo* soube colocar no imaginário de alguns personagens a esperança da revolução comunista, que os mobilizava em greves e protestos. Numa das críticas ao romance, Jorge Amado diz que o moleque da bagaceira, tratador de cavalos e moço de recado “não é um simples pretexto na história



Segunda edição publicada pela José Olympio Editora, no ano de 1936

das greves que o romancista narra. A greve é como que o ambiente, não chega a ser propriamente o personagem. O personagem é mesmo o moleque Ricardo em quase todo o volume, até que, no fim, o negro Lucas toma conta do romance para nos dar aquele extraordinário fecho do livro, o pai de santo saindo da macumba para a revolução ou melhor levando a macumba para a revolução”.

Sociólogo e professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Cauby Dantas desenvolveu pesquisas sobre os diálogos da obra do romancista paraibano com a sociologia de Gilberto Freyre. Segundo ele, os matrizes temáticas dos romances de José Lins do Rego representam um rico desdobramento estético do ideário regionalista nordestino formulado por Freyre. No caso do romance *O Moleque Ricardo*, apesar do próprio escritor colocá-lo como parte da série de cinco livros que denomina *Ciclo da Cana-de-Açúcar*, a obra se distingue das demais pela ambientação e pelos temas tratados.

“É um romance que tem um conteúdo político muito acentuado em relação aos anteriores. José

Lins opera um deslocamento do mundo rural dos engenhos para a proletarização urbana. O moleque Ricardo, um menino criador de cavalos do Engenho Santa Rosa, foge e passa a morar no Recife. Na metrópole regional, o personagem vai trabalhar numa padaria e, em vez da figura do senhor da casa-grande, com a qual ele estava acostumado, vai conhecer a figura do patrão e se deparar com as relações interpessoais mercantis, em que tudo é pago. No ambiente urbano, ele encontra a realidade capitalista e também o movimento operário”, explica Cauby.

O docente destaca que a cidade é representada de forma muito hostil e negativa. O narrador coloca o personagem diante de situações de miséria e fome, carestia e exploração, a ponto de chegar a ter saudade da vida no engenho, mesmo com os maus-tratos sofridos. Para o sociólogo, passados quase um século de sua primeira publicação, a obra ainda se mostra atual e interessante, por refletir bem o choque entre o campo e a cidade, assim como as sociabilidades desses dois ambientes e as problemáticas em torno das relações entre o capital e o trabalho.

“A obra de José Lins é uma expressão literária muito forte das nossas raízes históricas agrárias e nos ajuda a pensar sobre o Brasil contemporâneo, que ainda é muito contaminado por correntes autoritárias marcadas pelas reminiscências escravocratas, misóginas, racistas, desiguais. E *O Moleque Ricardo* é interessante para pensar problemas inerentes ao mundo urbano, como a carestia, a violência policial, o movimento político, a proletarização urbana, a greve, a demagogia política, a corrupção. Esses são temas que, infelizmente,

te, ainda estão na ordem do dia”, afirma Cauby.

Cauby Dantas faz questão de pontuar que não é crítico literário, mas reconhece traços autobiográficos de José Lins no romance. Como bom memorialista, o escritor teria recuperado um pouco de seu período de militância estudantil, quando estudava na Faculdade de Direito do Recife, presente na militância operária do personagem Ricardo. A visão desiludida da cidade também pode ser pensada a partir das mudanças geográficas do autor, que chegou a morar no interior de Minas Gerais, antes de viver na capital alagoana e, por fim, no Rio de Janeiro, onde escreveu o romance urbano.

Em João Pessoa, a gerente do Museu José Lins do Rego, Maria do Carmo Diniz, considera que a obra, que está completando 90 anos, ainda se mantém relevante. Ela destaca que o personagem Ricardo aparece em segundo plano no primeiro romance do escritor, mas assume o papel de protagonista na obra publicada em 1935.

“É um personagem negro do engenho, que chega à cidade e vai lutar por uma vida melhor. A obra toca em um ponto muito importante, que é o racismo, muito forte para a época. *O Moleque Ricardo* não recebeu nenhum prêmio, como *Menino de Engenho* ou *Fogo Morto*, mas é um grande romance que precisa ser redescoberto pelos leitores. José Lins tem uma escrita muito fácil e essa obra ainda é bastante atual pelas questões sociais que aborda e são bem evidentes ainda hoje”, frisa a gestora.

O museu dispõe de alguns exemplares da obra, desde a segunda edição, publicada em 1936, até traduções para o romeno e o alemão. No acervo documental, uma das pastas guarda recortes de jornais organizados pelas filhas do romancista, que reúne matérias e críticas literárias da época em que o livro foi lançado. Para marcar nove décadas do romance, a gestora planeja realizar ações que estimulem sua leitura, sobretudo das novas gerações que frequentam o espaço por meio de visitas guiadas pelos professores.

O Museu José Lins do Rego fica situado no subsolo da rampa 4 do Espaço Cultural e o seu acervo contém livros, móveis, fotos, documentos e objetos relativos ao escritor paraibano e membro da Academia Brasileira de Letras (ABL). Recebe visitas de segunda a sexta-feira, das 8h às 12h e das 13h às 17h, e aos sábados, domingos e feriados, das 10h às 16h.

Gerente do Museu José Lins do Rego, Maria do Carmo Diniz, com o exemplar mais antigo de “*O Moleque Ricardo*” no acervo, considerado uma denúncia social dos dramas que o proletariado vivia, traduzidos para a linguagem literária

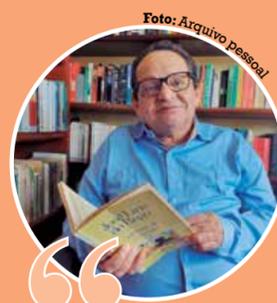


Foto: Arquivo Pessoal

**A obra de José Lins é uma expressão literária muito forte das nossas raízes históricas agrárias e nos ajuda a pensar sobre o Brasil contemporâneo**

Cauby Dantas



Na edição de 6 de outubro de “*O Jornal*” (RJ), reprodução do original do livro escrito à mão, com “letra miudinha, nervosa, compacta”

## Chico Mota

# Cultura sertaneja divulgada pelas ondas do rádio

Marcos Carvalho  
marcoscarvalhojor@gmail.com

As divisas que demarcam os estados não são capazes de impor limites às identidades regionais, marcadas por tradições, relações e personagens emblemáticos. Um deles é o poeta, violeiro, repentista e cordelista Chico Mota, que carrega a cidadania paraibana de berço, mas fez sua vida no território norte-rio-grandense, mais precisamente na região do Seridó. Com versos, voz e viola, ele foi responsável por expandir, por meio das ondas do rádio, a cultura popular sertaneja naquele pedaço de chão.

Francisco Fernandes da Mota nasceu em 23 de outubro de 1924, na Fazenda Dinamarca, à época, município paraibano de Catolé do Rocha; hoje, Riachos dos Cavalos, mas viveu a infância e a adolescência no Brejo do Cruz. Aos 10 anos de idade já ajudava os pais, Henrique Ferreira da Motta e Maria Elvira Fernandes, no roçado, mas ainda na juventude deixou a profissão de agricultor pelo ofício da cantoria de viola. Casou-se aos 25 anos com Hermínia Joaquina Alves, com quem teve 10 filhos e viveu até o fim da vida.

A experiência no meio rural e a habilidade para transformar histórias e temas em versos, cantados de improviso, o levaram das praças e feiras, onde exercia a profissão, para o rádio, na cidade de Caicó, no Rio Grande do Norte. Era 1º de maio de 1963, quando, às 9h, entrava no ar, pela Emissora de

Educação Rural de Caicó, o programa *Violeiros do Seridó*, criado por Mota em parceria com o repentista José Soares Sobrinho. Chico manteria-se à frente do programa radiofônico todas as manhãs por longos 48 anos.

Segundo o músico e pesquisador Joalisson Diniz, as articulações de Mota com a direção do rádio, vinculada ao Movimento de Educação de Base (MEB), para transmissão do programa começaram um ano antes. “A devolutiva da direção foi positiva, uma vez que a emissora da Diocese priorizava a educação rural de seus ouvintes e o poeta Chico tinha aproximação com a realidade rural, bem como grande domínio das formas poéticas da poesia popular que ali seriam utilizadas como ferramenta para educar os munícipes residentes nas localidades rurais”, relata Diniz, em sua dissertação de mestrado.

O programa nasceu com uma considerável audiência campesina, que se via representada pelas tradições rurais. A radiodifusão tinha a vantagem de chegar aos rincões do Sertão e estimular ainda mais a formação de público. Segundo Djalmá Mota, um dos filhos de Chico, isso auxiliava os violeiros não só na profissionalização e na busca do sustento de suas famílias pela visibilidade que o programa proporcionava, como na difusão da arte da cantoria.

“Com a criação do programa em 1º de maio de 1963, essa cantoria passou a ser mais frequente, porque os cantado-

res e o poeta Mota, e outros do estado da Paraíba, vieram exatamente morar em Caicó, e com essa permanência na cidade essa cantoria foi se espalhando mais... Vários pontos de cantoria foram montados aqui na cidade e nas cidades circunvizinhas...”, contou Djalmá, que, a partir de 1996, passou a fazer o programa, que ainda hoje é transmitido, de segunda a sábado, pela Rádio Rural FM 102,7, de Caicó.

Foi Djalmá que incentivou o pai a organizar anualmente, na data de aniversário do programa, o Encontro de Poetas, para reunir repentistas renomados da região e de outros estados. A casa de Chico era o ponto de apoio e recebia os amigos poetas que chegavam para participar do programa, estreitando laços para além das relações profissionais. A inteligência do poeta popular paraibano para fazer versos de improvisos e alegria entre os amigos eram traços marcantes de sua personalidade.

### Ativismo cultural

Chico Mota deixou um considerável legado literário, composto de quatro livros e diversos cordéis, nos quais ele traduz, em versos e rimas, os contos, acontecimentos e personagens regionais. Deixou também uma produção fonográfica, composta por cinco álbuns (em CDs) de cantigas sertanejas, lançados de 1999 a 2006, quatro deles gravados em parcerias com outros cantadores.



Fotos: Reprodução/Facebook

Mota a postos no estúdio da Rádio Rural FM 102,7, de Caicó (acima); os inseparáveis chapéu e viola (E.), até o dia da morte do poeta, em 5 de junho de 2011

Além de poeta, Mota foi também um ativista cultural e deu a sua contribuição em instituições como a Associação dos Poetas Populares do Seridó (APPS), Clube dos Trovadores do Seridó (CTS), União Brasileira de Trovadores (UBT) e a Academia de Trovas do Rio Grande do Norte (ATRN).

Por sua trajetória e atuação, ele recebeu da Câmara Municipal de Caicó a Comenda de Honra ao Mérito Vila do Príncipe, em julho de 2007.

Chico Mota faleceu aos 86 anos, em 5 de junho de 2011, cidade norte-rio-grandense em que se radicou. Segundo a família, o poeta vinha apresentando um quadro depressivo, que culminou em suicídio.

Vários dos poetas prestaram homenagens, como o escritor caicoense Gilberto Costa, que assim se expressou: “Enquanto Seu Chico Mota estivera manuseando as cordas de sua viola, sua vida fora poesia! Sua arte nos fora alegria! Fora nossa refeiçao de sentimentos! Fora nossa refeição primeira do dia durante muitos anos! Mas, Seu Chico Mota deixara o plural... Seu Chico Mota cansara das Dez cordas de sua viola e optara por somente uma corda. A corda grave! A corda não paralela! A corda perpendicular! A corda envolta do peçoço! A corda que substituíra suas cordas vocais! A corda que eliminara o contato das cordas com seus dedos!”.

## Angélica Lúcio

angelicalucio@gmail.com

# A era de ouro dos jornais com os “anabolizantes de circulação”

No livro *Memórias do Batente*, lançado neste ano por Rubens Nóbrega, leio que até mesmo os “jornalões brasileiros”, como *Folha de S. Paulo*, *Estadão*, *O Globo* e *Jornal do Brasil*, “jamais ostentaram vendas dignas do tamanho e importância que ostentavam ou proclamavam”. Concorro.

Ao continuar a leitura, no entanto, depauro-me com essa afirmação de Rubens: “Até onde sei e me foi possível acompanhar, nenhum deles bateu a casa do milhão de exemplares vendidos”. A declaração me deixou enucada, pois lembrava que algum veículo havia alcançado tal feito. Com essa dúvida em mente, decidi pesquisar sobre o assunto.

Em 1994, a *Folha de S. Paulo* chegou a vender mais de um milhão de exemplares em uma edição de domingo. O feito foi divulgado pelo próprio veículo: “Com os 1.117.802 exemplares de hoje, a *Folha* ingressa no restritíssimo clube dos jornais que tiram mais de um milhão de exemplares. A notícia destacou que, nos Estados Unidos e em países da Europa, apenas 16 jornais atingiam essa marca aos domingos, e sete deles eram sensacionalistas.

O líder no Brasil em circulação já era a *Folha* mesmo. Ao superar o milhão de exemplares, o veículo bateu o próprio recorde. Em maio do mesmo ano, já havia alcançado a maior tiragem de um jornal brasileiro até então: 778.100 exemplares.

Mas o aumento da circulação de jornais não era algo restrito à *Folha de S. Paulo*. “De 1991 a 1996, a circulação dos jornais brasileiros aumentou 22,68%, um

Nos anos 1990, o jornal *Folha de S. Paulo* chegou a vender mais de um milhão de exemplares, em uma edição de domingo

índice que dava inveja quando mencionado nos congressos e seminários internacionais do setor. Naquele mesmo período, houve um aumento real de 34,29% dos

investimentos publicitários nos jornais brasileiros, que em 1995 chegaram a receber quase 30% de toda a verba de publicidade do país”, registra o livro *A*



Imagem: Reprodução/Arquivo Folha de S. Paulo

*Força dos Jornais*, editado pela Associação Nacional de Jornais (ANJ).

Um detalhe sobre o marco de mais de um milhão de exemplares da *Folha de S. Paulo*. Além do aquecimento da economia impulsionado pelo Plano Real, outro fator gerava mais interesse dos leitores: os jornais começaram a vender colecionáveis, como enciclopédias, livros, CDs e DVDs, junto com os exemplares. Na notícia que divulgou seu próprio recorde, a *Folha* anunciou aos leitores “um presente inédito”: a capa dura e o primeiro fascículo de um atlas publicado pelo *New York Times*, o mais importante jornal dos Estados Unidos.

O tema dos chamados “anabolizantes de circulação” também foi citado no livro *A Força dos Jornais*, pelo jornalista Deusdedit Aquino (diretor-executivo da ANJ de 1996 a 1998). “Os europeus é que trouxeram esse modelo de fazer encartes para alavancar a venda de jornais, depois entraram os chilenos, e os jornais brasileiros foram atrás. Foi uma loucura! Os jornais faltavam nas bancas, as assinaturas cresciam muito, era mais gente querendo comprar jornal do que jornal para ser vendido”.

Os “anabolizantes de circulação”, aliás, também seduziram os empresários da mídia paraibana, como talvez alguns leitores locais se recordem. Com o advento da era digital, porém, a estratégia de venda de jornais com fascículos e outros brindes não foi suficiente para manter leitores. E diversos jornais impressos morreram pelo caminho. Aqui e alhures.

## Tocando em Frente



Professor Francelino Soares  
francelino-soares@bol.com.br

# Romantismo à flor da pele — II

Para quem adentra o universo da chamada música romântica na MPB, não será difícil perceber as nuances líricas e musicais existentes entre Fernando Mendes (1950) e José Augusto Cougill (Rio de Janeiro, 1953).

Tanto é que não era incomum que ambos incorporassem em seus respectivos repertórios criações musicais um do outro.

Os dois apresentam uma biografia em que muitos passos se assemelham, sobretudo, no gosto e na escolha de um repertório que, apesar de, muitas vezes, ser classificado de brega ou caçona, alguns optam por considerá-lo romântico. Tanto que é também cognominado de “Rei do romantismo”.

A crítica fala que ambos são um exemplo típico de criadores e intérpretes musicais que optaram por seguir a mesma linha de Roberto Carlos, como também havia acontecido com Paulo Sérgio. Para constatar tal afirmativa, basta que se ouçam, dentre as primeiras gravações de José Augusto “De que vale ter tudo na vida” (parceria com Miguel Plopschi, Marcelo e Salim), para identificarem-se tais características. Por coincidência, ambos, Fernando Mendes e José Augusto, ingressaram, oficialmente, no universo musical, contratado pela gravadoras Odeon, indicados pelo produtor Renato Corrêa, integrante do já então vitorioso grupo The Golden Boys. Outro aspecto recorrente é que muito do que foi gravado por um, também o foi pelo outro, incluindo-se aí criações com parceiros musicais comuns: “Só não acaba o que nunca se começa” (Fernando Mendes/José Augusto), “Eu sou assim” (Fernando Mendes/Gomes/Camilo), “Flores Destruídas” (Fernando Mendes/Linete Ribeiro/Aramis), “O Internato” (Fernando Mendes/José Augusto)...

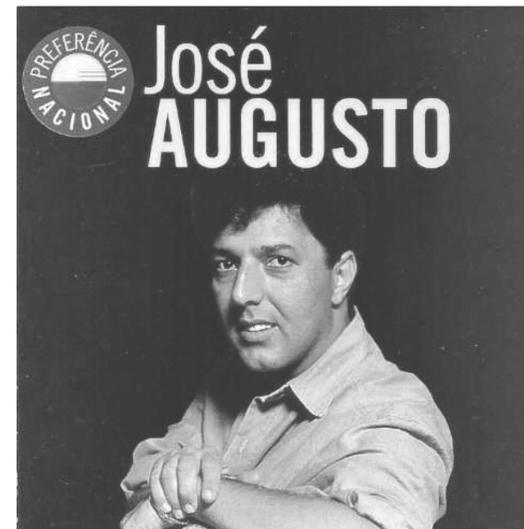


Imagem: Reprodução/Copacabana

O carioca José Augusto, um dos artistas que mais vendeu discos na América Latina, compôs cerca de 400 músicas e é “campeão” em trilhas sonoras de novelas

Carioca, filho único, José Augusto, aos oito anos de idade começou a estudar piano, harmonia e solfejo no Conservatório Nacional de Música, do Rio de Janeiro. Ainda criança, ganhou do pai um piano, ao qual, aos 12 anos, incorporou também um violão. O primeiro prêmio, ele o conquistou aos 14 anos, como melhor intérprete do Festival de Música de Santa Tereza.

Com um público ouvinte fiel as suas gravações, eles sempre foram adeptos de

versões que se popularizaram, como “Luzes da Ribalta” (“Limelight” — Chaplin, v. Almeida/João de Barro), “Me esqueci de viver” (“Me olvide de vivir” — adap. Julio Iglesias, v. Rossini Pinto), “Fascinação” (“Fascination” — Marchetti, v. Rossini Pinto), “Jura-me” (“Jaramé” — M. Graver, v. Ariosvaldo Pires), “Ritmo da Chuva” (“Rhythm of the Rain” — John Gummoe, v. Demetrius), “Ontem” (“Yesterday” — Lennon & McCartney, v. Rossini Pinto), entre várias outras.

Dentre as criações, pelo menos três são cantadas e decantadas como “clássicos” de nossa MPB: a citada “De que vale ter tudo na vida”, “Evidências” (José Augusto/Paulo Sérgio Valle) e “Aguenta, Coração” (Prentice/Paulo Sérgio Valle).

José Augusto gravou hits que remetem às memórias da vida interiorana, como já o havia feito Fernando Mendes, e dedicou um álbum completo a repertório temático semelhante: *De volta ao interior*, com destaque para clássicos da música sertaneja de raiz, como “No Rancho Fundo” (Lamartine Babo/Arly Barroso), “Toada” (Cláudio Nucci/Zé Renato/Juca Filho), “Tocando em frente” (Almir Sater/Renato Teixeira), “O Menino da Porteira” (Luizinho/Teddy Vieira), sem esquecer os já tradicionais “Beijinho Doce” (Nhô Pai), “Cabecinha no Ombro” (Paulo Borges), “Meu Primeiro Amor” (“Lejanía” — Herminio Gimenez, v. José Fortuna), “A Vida do Viajante” (Luiz Gonzaga/Hervé Clodovil).

Ainda em plena atividade artística, José Augusto, em mais de cinco décadas de trabalho, já compôs mais de 400 músicas e tornou-se um dos artistas que mais vendeu discos na América Latina.

Realizou shows e turnês internacionais, com destaque para o que apresentou no Tokyo Marine Hall (Japão) e apresentações em Portugal, Porto Rico, Angola, no México, Peru, Equador, Estados Unidos e na Espanha, Argentina, Colômbia, Costa Rica e Venezuela. Dos anos 1976 a 2017, as músicas dele serviram de trilha sonora para cerca de 17 novelas, sendo considerado o artista que mais tem canções em trilhas sonoras de novelas.

Dai a razão por que, tanto José Augusto como Fernando Mendes, podem ser considerados bons exemplos de romantismo à flor da pele.



Foto: Reprodução/AMC

# Eita!!!!

## NANO BANANA

# Google lança nova IA geradora de imagens

Com diversos comandos, a tecnologia está liberada no aplicativo Gemini

Mariana Cury  
Agência Estado

Nas últimas semanas, o Google lançou um novo modelo de inteligência artificial (IA) do DeepMind, o Gemini 2.5 Flash Image, mais conhecido como "Nano banana". Na última quinta-feira (4), a IA — que é capaz de gerar e editar imagens de forma muito realista — passou a estar disponível no app do Gemini.

"Reimagine suas fotos com comandos de IA", é como a empresa define a nova tecnologia. Com ela, o usuário é capaz de editar o fundo de uma imagem, mudar peças de roupas de uma foto, criar histórias em quadrinhos, imagens em 3D, memes e até projetar a própria imagem daqui há 50 anos. A ferramenta chama atenção pelo perfeccionismo com que edita e produz as imagens.

A tecnologia está disponível de forma gratuita com um limite de 100 imagens por dia. Já os assinantes do Gemini podem criar até mil imagens por dia. Segundo a Google, a IA já acumula mais de 200 milhões de imagens editadas.

No entanto, a veracidade das imagens geradas por IA podem confundir o usuário sobre o que é real ou não.

Segundo David Sharon, líder de geração multimodal do Gemini, todas as imagens geradas com o Nano banana possuem uma marca d'água visível e outra invisível — a SynthID — que não pode ser

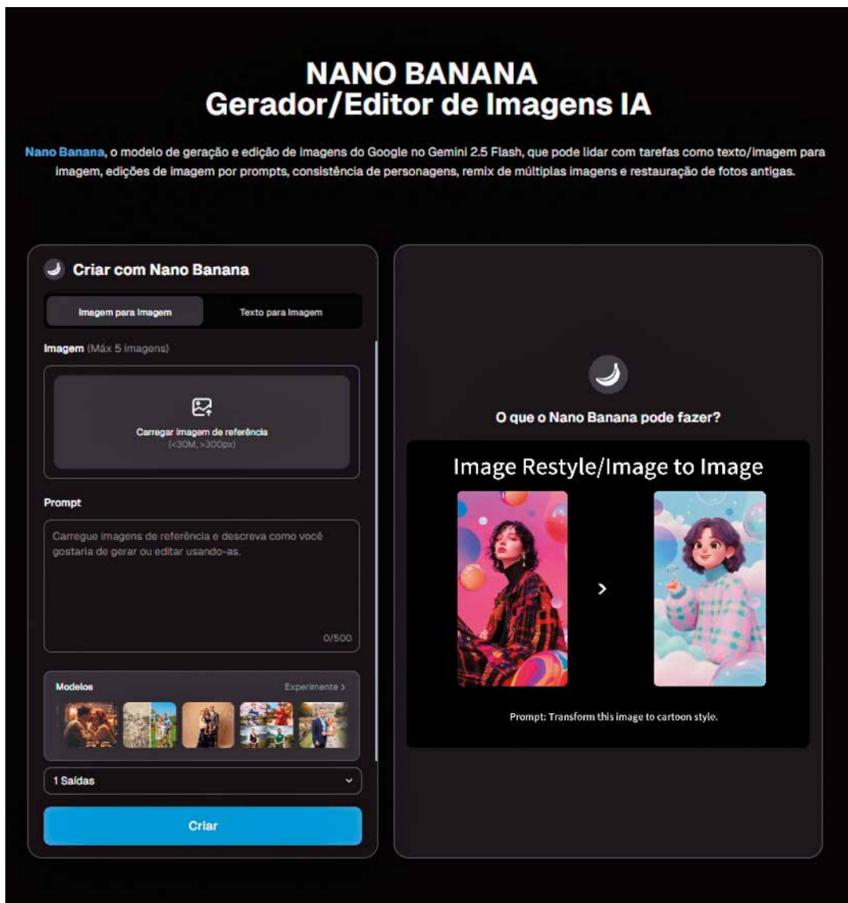


Imagem: Reprodução/Google

Ferramenta também está disponível de forma gratuita com um limite de 100 imagens por dia

"destruída" nem que as imagens sejam cortadas, o que garante a indicação da produção por IA.

"Estamos comprometidos em fazer o certo e o responsável pela sociedade, queremos melhorar a cada dia", disse Sharon em coletiva de imprensa.

Embora a Google ainda não possua uma ferramenta de checagem de imagens feitas por IA, o executivo afirma que uma tecnologia desse tipo, acessível para todos, está nos planos da empresa.

## Charada

Francelino Soares:  
francelino-soares@bol.com.br

**Resposta da semana anterior:** Gosta (2) = ama + áreas fronteiriças (2) = zonas. **Solução:** Estado (4) = Amazonas.

**Charada de hoje:** Em benefício (1) do recolhimento de dejetos (2) é necessário que não sejas extensivo.



Ilustração: Bruno Chioffi

## Tiras

### O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



### Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)



## # Séries e filmes que inspiram habilidades profissionais

O universo dos filmes e das séries vai muito além do mero entretenimento: essas produções podem servir de laboratório para que jovens vislumbrem o mundo profissional e preparem-se para desafios reais do mercado de trabalho.

Com uma taxa de desemprego entre os jovens de 18 a 24 anos de 14,9%, no Brasil, no primeiro trimestre de 2025, segundo dados do IBGE, existe uma urgência em aproximar educação formal, vocacional e referências culturais. Muitos jovens sequer estudam ou trabalham, no Brasil, 24% nessa faixa etária estão nessa condição, quase o dobro da média da OCDE.

Nesse contexto, as narrativas da cultura pop cumprem um papel fundamental: fornecem exemplos em que criatividade, comunicação, liderança e resiliência são postos à prova, ajudando a orientar escolhas profissionais. Veja a seguir alguns títulos que ilustram bem esse aprendizado.

### # Mad Men (série)

Ambientada em uma agência de publicidade na Nova York (EUA) dos anos 1960, a produção traz o protagonista Don Draper (foto acima) enfrentando dificuldades para permanecer no "topo do mundo" na Madison Avenue. A série evidencia a criatividade, a persuasão e a necessidade de se adaptar às mudanças culturais no mercado.

### # Margin Call — O Dia Antes do Fim (filme)

Passado dentro de uma empresa de investimentos à beira do colapso, o longa-metragem aborda a importância da tomada rápida de decisões, da responsabilidade e da análise de riscos.

### # The Office (série)

Ambientada no dia a dia de um escritório de vendas, a produção com base no humor mostra a dinâmica entre colegas e gestores, revelando como comunicação, empatia e gestão de conflitos são cruciais no ambiente corporativo.

### # A Rede Social (filme)

O premiado longa-metragem de David Fincher retrata a criação do Facebook por jovens universitários e mostra como a inovação, o empreendedorismo, a negociação e a visão de futuro podem transformar ideias em negócios globais.

### # Industry (série)

O seriado acompanha jovens recém-formados, em seu início de carreira, em um banco de investimentos em Londres, explorando a resiliência diante da pressão, a competição intensa e os dilemas éticos da vida profissional.

## 9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)



## Solução

1 - boca do sol; 2 - raios de sol; 3 - chapéu; 4 - língua; 5 - botão; 6 - bolsa; 7 - cauda do cachorro; 8 - sorvete; 9 - picolé.

REDES SOCIAIS

# Há algo de podre no reino da internet

Conceito tem chamado atenção de profissionais de saúde mental e pesquisadores pelos prejuízos que causam aos indivíduos que consomem determinados tipos de informação nos meios digitais

Marcos Carvalho  
marcoscarvalhojr@gmail.com

Numa tradução literal, *brain rot*, palavra do ano de 2024 eleita pelo *Dicionário de Oxford*, seria "podridão cerebral". O termo foi definido pela Oxford Languages, instituto responsável anualmente por essa escolha, como "suposta deterioração do estado mental ou intelectual de uma pessoa, resultado do consumo excessivo de material (particularmente o conteúdo online) considerado trivial ou

pouco desafiador". Apesar de a origem da palavra ser desconhecida, ela popularizou-se ao longo do último ano em plataformas digitais como TikTok, quando alguns usuários começaram a produzir conteúdos sobre o quanto a internet vem "apodrecendo" seus cérebros.

"Acho fascinante que o termo '*brain rot*' tenha sido adotado pela Geração Z e pela Geração Alfa... Essas comunidades amplificaram a expressão por meio das redes sociais, justamente o local considera-

do como causador da 'deterioração cerebral'. Isso demonstra uma autoconsciência um tanto atrevida das gerações mais jovens sobre o impacto nocivo das mídias sociais", comentou o presidente da Oxford Languages, Casper Grathwohl.

O *brain rot* tem chamado atenção de profissionais de saúde mental pelos prejuízos que causam aos indivíduos, como também despertou interesse de pesquisadores, que investigam o consumo de

informação nos meios digitais, com destaque para o papel das plataformas de redes sociais. Como o consumo em excesso de conteúdos de baixa qualidade na internet impacta na saúde mental e cognitiva? Existe, de fato, um processo de 'deterioração' do cérebro? Como as plataformas de redes sociais interferem — favorável ou desfavoravelmente — nesse fenômeno? *Brain rot* torna-se, então, pretexto para discutir e pensar os impactos e os usos das tecnologias na pessoa e na sociedade.



Fenômeno causa o suposto dano no estado mental ou intelectual de uma pessoa, resultante do consumo excessivo de material considerado trivial ou pouco desafiador

Ilustração: Bruno Chiossi

CONTEÚDO

# Baixo desafio intelectual gera imaturidade emocional

*Crianças e adolescentes estão cada vez mais adoecendo por causa da exposição imediatista e exagerada a material de má qualidade*

Marcos Carvalho  
 marcoscarvalhojor@gmail.com

Com 12 anos de experiência em atendimento clínico, o médico psiquiatra Alisson Barreto reconhece, com certo desencanto, que tem sido recorrente identificar comportamentos associados ao *brain rot* em crianças e adolescentes. “A gente não usa esse termo como diagnóstico, pois é um ‘termo leigo’, mas está se tornando uma rotina atender crianças que não aceitam ‘não’, que não aceitam a frustração como algo que faz parte da vida. Infelizmente, crianças e adolescentes estão cada vez mais adoecendo por causa dessa imaturidade emocional que está sendo gerada pelo consumo imediatista de conteúdo de baixo desafio intelectual”, admite.

Apesar de lembrar que o *brain rot* não encontra definição na literatura médica e especializada, o psiquiatra ressalta que o significado amplamente difundido refere-se ao consumo exagerado de conteúdo digital de má qualidade, superficiais ou sensacionalistas, que não ajudam a desenvolver capacidades de pensamento e raciocínio. Não se trata, portanto, de condenar os meios digitais ou as redes.

“As telas e os celulares são ferramentas que você pode usar para infundáveis coisas. Facilitam bastante porque eu tenho uma biblioteca inteira no meu computador ou no meu *tablet*, e que seria o equivalente a 30 livros pesados e grandes, que agora eu tenho à mão com praticidade”, pontua o médico. Caberia, então, aos indivíduos saber usar esses artefatos, procurando selecionar a informação de qualidade e não se limitar ao consumo de “boba-gens”, como define Barreto, que não agregam conhecimento e aprendizado e provocam o “apodrecimento do cérebro”.

Clinicamente, não é possível associar diretamente o comportamento característico do *brain rot* a condições psiquiátricas específicas. Ainda assim, alguns estudos têm demonstrado como a falta de estímulos à aprendizagem em certos ambientes culturais pode contribuir para maior empobrecimento da mente de crianças e adolescentes. Para o médico Alisson Barreto, as mudanças de comportamento têm começado já na infância, à medida que não se incentiva a leitura, os trabalhos manuais ou brinquedos físicos e de montar, quando não se cultivam *hobbies*, etc. “Hoje, as crianças brincam com uma tela”, constata.

O psiquiatra cita uma disputa entre cientistas norte-americanos e franceses em torno de fatores que desencadeariam o transtorno do déficit de atenção com hiperatividade (TDAH), para exemplificar o quanto o ambiente de aprendizagem interfere no processo cognitivo. Os diagnósticos de TDAH das crianças em idade escolar nos Estados Unidos têm sido 15 vezes maior que na França, razão pela qual os cientistas deste país levantaram a hipótese de que a condição não seria apenas resultado de uma predisposição genética e que fatores como ambiente pobre e com poucos estímulos deveriam ser considerados. A explicação para os baixos índices na França (0,5%) estariam na educação baseada em regras de comportamento mais rígidas, que estimulam, por exemplo, a gastar mais tempo nas refeições, priorizar nelas a conversa em vez do consumo de telas. Desde cedo, os franceses aprendem a apreciar a bebida e não a consumi-la de forma exagerada, com o objetivo de se embriagar.

“Na França, as crianças têm um comportamento muito regrado, recatado. Elas aprendem a esperar, por exemplo. Elas se sentam e esperam. Quando a gente vê outras culturas, inclusive a nossa, a criança não sabe esperar, e isso pode estar relacionado ao consumo exagerado de conteúdo de baixa qualidade. Os neurocientistas estão apontando que a geração atual é a primeira geração intelectualmente inferior

a seus pais. A cada geração da humanidade, o QI médio da população é superior à geração anterior. E essa nova geração tem um QI inferior”, argumenta o especialista.

Os prejuízos gerados pelo consumo excessivo de conteúdo de pouco estímulo da atividade cerebral podem ser identificados em curto, médio e longo prazos. A consequência mais imediata seria a diminuição da capacidade de aprendizado, já que o tempo que seria utilizado para cultivar o crescimento e o amadurecimento intelectual e desenvolver a capacidade de reflexão e de raciocínio será perdido com conteúdos que não agregam e não estimulam a atividade cerebral.

“A médio prazo, a gente tem prejuízo na saúde mental: alterações do sono, do apetite, péssimos hábitos alimentares e sobrepeso, porque não se pratica uma atividade física e não se tem uma rotina. O excesso do consumo de telas em substituição a atividades como jogar bola, fazer uma leitura, praticar uma arte marcial ou fazer

natação e andar na bicicleta, por exemplo, provoca alterações emocionais”, explica. A ausência desse tipo de atividade também amplia os riscos de outras morbidades, como hipertensão, diabetes e colesterol alto, assim como a diminuição do GH, hormônio que exerce um importante papel na estrutura corporal e no metabolismo dos adultos, mas é extremamente crucial para o crescimento ósseo e para determinar a estatura do indivíduo ao longo da infância e da adolescência.

Alisson Barreto observa que, em longo prazo, as consequências de comportamentos associados ao *brain rot* seriam adultos intelectualmente inferiores, com baixo rendimento de trabalho, dificuldades de concentração e imaturidade emocional. A predisposição à depressão e ansiedade, assim como risco de suicídio são outros itens da lista. “Teremos pessoas com toda uma vida comprometida”, reitera.

Para combater esse prognóstico, o médico indica a construção de rotinas, de modo que se estabeleçam horários para diversas atividades, desde a alimentação e o trabalho, aos estudos e conversas, intercalando com o uso de telas em momentos pré-determinados e não contínuos. Cultivar o hábito da leitura, praticar esportes e assistir a filmes são também atividades recomendadas pelo especialista. O desafio é lidar com o excesso de conteúdo e saber selecioná-lo, exercitando o senso crítico sobre aquilo que consome.

“Não quer dizer que ninguém possa assistir uma bobagem qualquer, mas que se busque, no seu dia a dia, agregar algum conhecimento. Então, por exemplo, todo dia você pode assistir a uma hora de uma vídeoaula sobre um tema importante ou fazer a leitura de um conteúdo de atualização ou de formação profissional. A construção dessa rotina, desse senso crítico e desse autocontrole é fundamental para a gente conseguir lidar com todo esse bombardeio de informações que a gente recebe”, arre-mata o psiquiatra.



Neurocientistas estão apontando que a geração atual é a primeira intelectualmente inferior a seus pais



Foto: Arquivo pessoal

Segundo o psicólogo Felipe Arruda, ao consumir vídeos curtos, cujos conteúdos são superficiais, o cérebro acostuma-se com esse tipo de informação e resistirá diante de outras que exigem mais tempo ou são mais complexas

PERSPECTIVA CIENTÍFICA

# Impactos e prejuízos são maiores para as novas gerações

*Para especialista em neuropsicologia clínica, as modificações que podem ser identificadas são mais comportamentais que cognitivas*

Marcos Carvalho  
 marcoscarvalhojor@gmail.com

Do ponto de vista científico, a imagem mental gerada pelo termo *brain rot* não se sustenta. “É importante desmistificar essa ideia de que pode acontecer algum tipo de deterioração do cérebro em decorrência do uso exagerado de telas. Esse processo de ‘o cérebro começar a se estragar’, digamos assim, só acontece quando o indivíduo chega ao óbito, pois as células vão procurar energia ainda de algum lugar para continuar sobrevivendo e começam a consumir o próprio cérebro. Então, isso só acontece quando a gente morre mesmo”, afirma o psicólogo Felipe Arruda, que além de especialista em neuropsicologia clínica, faz doutorado em neurociência pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Apesar de recordar algumas outras condições nas quais pode ocorrer a diminuição da massa encefálica, como as associadas a causas genéticas ou ao consumo excessivo de álcool e outras drogas, o terapeuta não conhece estudos capazes de evidenciar uma relação direta entre esse processo e o consumo excessivo de conteúdos curtos e de baixa qualidade nas redes sociais. Ele considera desproporcional comparar fenômenos como o *brain rot* à dependência de substâncias psicoativas, pois o uso de drogas é mais difícil de ser alterado por intervenções psicológicas e psiquiátricas.

Para ele, as modificações que podem ser identificadas são mais comportamentais que cognitivas. A dificuldade de regulação emocional ou do humor em decorrência de comportamentos excessivos e que dão prazer tem sido cada vez mais frequente, inclusive em seus atendimentos clínicos. “São comportamentos que geram um efeito cascata e vão culminar em uma maior quantidade de dopamina no cérebro, que é um neurotransmissor associado ao prazer e à sobrevivência, inclusive. Em qualquer comportamento hedônico mais específico a gente pode observar isso”, explica Arruda.

A busca pelo prazer imediato pode estar associada a comportamentos como comer demais – alimentos mais gordurosos e com muito açúcar dão mais sensação de prazer – ou centrados no componente sexual, como a pornografia. O mesmo acontece quando se joga *videogame* sem parar, se maratona a uma série inteira ou se busca conteúdos nas redes sociais para ter algum tipo de prazer. O neuropsicólogo lembra que nessas plataformas o algoritmo atua como um estimulador e acelerador desse tipo de comportamento, pois oferece conteúdos previsíveis, que oferecem alguma segurança que incitam à compulsão e à repetição.

“O que a gente mais observa como prejuízo para nós, seres humanos, nes-

se aspecto da tecnologia é o fato de ela passar a mediar nossas interações sociais. Os adolescentes e as crianças, principalmente, não sabem ter interações sociais de forma presencial da mesma forma que se fazia antes. Eles não aprendem a lidar com emoções ou a conversar e se aprofundar em assuntos de interesse comum. Com isso, acabam apresentando um maior conjunto de sintomas de isolamento social e de problemas característicos de transtornos depressivos e transtornos de ansiedade. Nós somos seres sociais, precisamos estar em contato com outros seres humanos”, alerta o psicólogo.

Os impactos são maiores para as novas gerações porque até os 25 anos o indivíduo está em processo de desenvolvimento e maturação de uma região do cérebro chamada neo córtex pré-frontal, responsável pela personalidade, pela tomada de decisões, pela regulação emocional e alguns aspectos da aprendizagem. “Os indivíduos que são mais novos do que essa idade terão algum tipo de prejuízo maior se alguns estímulos não são apresentados de uma forma controlada, com repercussões comportamentais que podem ser duradouras na vida adulta, quando será bem mais difícil tratar”, argumenta Arruda.

Os comportamentos a que se refere o especialista são perceptíveis tanto nos relacionamentos afetivos quanto profissionais, como na dificuldade de conseguir e se manter no emprego, alegando cansaço cognitivo. Ainda assim, o terapeuta alerta que não é possível estabelecer uma relação de causa-efeito entre o consumo excessivo de conteúdos nas redes sociais, que caracteriza o *brain rot* e tais comportamentos. Ele enfatiza que as causas são múltiplas e é preciso considerar, por exemplo, fatores como a insegurança própria do atual contexto social, que tem feito muitas pessoas se isolarem.

Felipe Arruda explica que treinar é uma palavra-chave para entender o que acontece com o cérebro. Ao consumir vídeos curtos, cujos conteúdos são superficiais, o cérebro acostuma-se com esse tipo de informação e resistirá diante de outras que exigem mais tempo ou são mais complexas. Como o cérebro é plástico, é possível treiná-lo oferecendo estímulos diversificados para construir uma reserva cognitiva, inclusive visando compensar futuras perdas naturais que aparecem no processo de envelhecimento.

“A reserva cognitiva é estabelecida, principalmente, quando você tem uma variedade de coisas que estimulam o teu pensamento. Qualquer estímulo novo faz com que o nosso cérebro precise criar ligações novas entre as informações que a gente já tinha aprendido anteriormente, e quando a gente mistura os tipos de estímulo, torna-se ainda mais benéfico. Se uma pessoa gosta de ler ficção científica, por exemplo, procure ler um romance, um drama ou outro tipo de conteúdo que force o cérebro a sair daquele padrão. O controle do uso de tecnologias também é muito importante: ter tempo limitado para que você não permaneça no mesmo tipo de comportamento padronizado”, recomenda.

Foto: Arquivo pessoal

## ALGORITMOS

# Qual é a responsabilidade das plataformas digitais?

*Fórmulas matemáticas promovem a entrega de conteúdos personalizados com base no consumo de cada um*

Marcos Carvalho  
marcoscarvalhojor@gmail.com

Não é possível falar de *brain rot* sem se perguntar sobre a responsabilidade das plataformas digitais no estímulo ao consumo excessivo de conteúdos. Ainda que a produção seja dos usuários, o processo de distribuição baseado na retroalimentação em função dos interesses pessoais é feito pelos algoritmos, fórmulas matemáticas que promovem a entrega de conteúdos personalizados com base nas informações de consumo.

“Os produtores de conteúdo muitas vezes acabam entrando e uma rodinha de *hamster*, de correr atrás da nova tendência e produzir mais de um determinado tipo de formato de vídeo que está em voga naquele momento e que, por conta disso, seria melhor observado pelos algoritmos e mais distribuído para os usuários”, explica Rodrigo Aragão, professor do Departamento de Comunicação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

ga dos conteúdos não são conhecidos pelos usuários. As plataformas divulgam a ideia de que eles funcionam por conta própria ou que nem mesmo elas podem interferir. O pesquisador contrapõe-se a essa alegação citando a lei recentemente sancionada para proteção à infância na internet, o ECA Digital (Lei nº 15.211/2025), que demonstra ser possível identificar determinados tipos de conteúdos e interferir na circulação deles.

Essa legislação e a declaração de inconstitucionalidade de um dos artigos do Marco Civil da Internet (Lei nº 12.965) sobre a responsabilização das plataformas de redes sociais em relação à circulação de conteúdo são consideradas por Rodrigo Aragão avanços importantes para a discussão sobre a necessidade de regulamentação das plataformas. “Talvez seja impossível a gente pedir uma transparência completa, mas é necessário, pelo menos, exigir menos opacidade sobre os processos e operações dessas plataformas e seus algoritmos, e ter controles mínimos sobre sua atuação”, defende.

Ainda sobre o *brain rot*, Rodrigo Aragão lembra que o termo já foi utilizado há alguns anos para se referir ao excesso de consumo informacional. Para além dos impactos psicológicos e econômicos, ele também cita os impactos sociais e políticos desse comportamento, a exemplo da influência das plataformas em eleições nacionais e processos como o referendo do Brexit, a saída do Reino Unido da União Europeia. Recordando um termo utilizado pelas teorias da comunicação para falar da influência nos meios de massa na sociedade, ele destaca o efeito narcotizante que o consumo excessivo pode causar, deixando as pessoas anestesiadas diante daquilo que veem, sem questionar ou assumir posicionamentos mais críticos.

“A velocidade de consumo tem esse efeito muito forte de impactar o usuário que recebe esse material, gerando um cansaço. Cansaço não necessariamente de assistir, mas um cansaço mental e de reflexão. Num nível mais amplo, temos cada vez menos capacidade de nos mobilizar de maneira mais ou menos organizada para discutir ou para propor mudanças em relação a algumas questões”, pontua.

## Para uma válvula de escape, nem só de futilidades vivem as redes

Professor universitário de Literatura, escritor e editor, Luigi Ricciardi sugere um meio-termo no algoritmo de redes como o TikTok. Ele reconhece que os usuários da plataforma estão em busca de esquecer um pouco da rotina da vida e das tristezas depois de um dia cansativo, e acredita que qualquer tipo de regulamentação desses espaços precisa considerar também os públicos.

“Que tal colocar entre os conteúdos divertidos, que são uma válvula de escape de um dia estressante, também conteúdos um pouco mais densos, um pouco mais críticos?”, propõe para uma mudança do algoritmo. Luigi começou a levar parte das leituras da literatura contemporânea que fazia ao longo do doutorado para a internet por incentivo dos amigos. Primeiro começou com um *blog*, depois migrou para o YouTube, até que chegou ao Instagram e ao TikTok. Apesar de não ter continuado a produção neste último, ele destaca que não procurava fazer concessões em nome da viralização na rede.

“O TikTok, especificamente, é uma plataforma muito complexa, porque de-

manda que o vídeo seja extremamente atrativo e que prenda o usuário logo nos primeiros segundos, para que ele não role a tela. Quando eu penso as produções para essa plataforma, eu tento ver mais ou menos o que deu certo para outros produtores de conteúdo dentro do universo dos livros, ou vejo um estilo ou uma música que tem sido usada, um plano de fundo que tenha servido para um conteúdo interessante e que tenha gerado engajamento, e então tento fazer algo nesse sentido”, explica Luigi Ricciardi, consciente do tipo de conteúdo e do perfil do público para o qual produz.

Isso não impede, segundo ele, de pensar em alternativas dentro da própria rede. O professor recomenda que os influenciadores devam pensar com calma aquilo que pretendem produzir, e incluir questões provocadoras ou que motivem o aprofundamento, já que na rede isso não é possível. “Os conteúdos não precisam ser necessariamente educativos, mas seria possível avançar para além dos vídeos engraçados e das dancinhas”, pondera.

A experiência de Luigi Ricciardi de indicar livros e fazer breves resenhas nas redes sociais contribui para que esses espaços tornem-se mais diversos e saudáveis para a mente, estimulando o pensamento pela leitura. Uma iniciativa que poderia ser considerada quixotesca, na contramão daquilo que viraliza e que os mecanismos invisíveis (os algoritmos) das grandes corporações procuram incentivar.

Há quem defenda, no entanto, que a perseverança do cavaleiro de Miguel de Cervantes o fez vencedor dos duelos que travou pela perseverança na defesa de seus ideais.



Luigi Ricciardi posta no TikTok sobre obras da literatura contemporânea



**A velocidade de consumo tem esse efeito muito forte de impactar o usuário que recebe esse material, gerando um cansaço**

Rodrigo Aragão

Para o docente, o excesso de consumo caracterizado pelo *brain rot* está centrado nessa dinâmica de oferta de conteúdo tanto quanto na produção estimulada por essa oferta. Quem se beneficia com esse processo são as próprias plataformas, que conseguem influenciar tanto a produção como o consumo. Os dados gerados pelas visualizações, reações ou comentários dos usuários reforçam a possibilidade de as entregas obterem mais sucesso junto a eles.

“Quanto mais tempo de uso e mais tempo de tela, mais dados são gerados sobre o nosso consumo. E isso permite o aprimoramento e a personalização dos nossos perfis, para que sejamos incluídos nas bases de comercialização e na venda de publicidade”, explica Rodrigo, refutando a alegada ideia de neutralidade defendida pelas plataformas, costumeiramente utilizada como justificativa para que continuem atuando sem regulamentação.

“As plataformas não servem apenas como uma tela em branco para fazer o que a gente quiser. Mais do que oferecer um espaço a partir do qual se possa criar e publicar, elas nos fazem entrar no negócio da distribuição e da visualização dos conteúdos a partir de uma infraestrutura que permite monetizar em cima dos nossos dados de consumo”, alerta o pesquisador.

O nó da questão é que os algoritmos, ou seja, os mecanismos que organizam a entre-

*Excesso de consumo está centrado na dinâmica de oferta de conteúdo tanto quanto na produção estimulada por essa oferta*



Pelo QR Code acima, acesse o perfil no TikTok do “Acrópole Livros”

